



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DANYELLE ALMEIDA ARAGÃO

**IMPERATIVOS MUDIÁTICOS NA CORPOREIDADE DE JOVENS EM
TRATAMENTO ONCOLÓGICO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-CRÍTICA**

**LINHA DE PESQUISA 2: SUJEITO E CULTURA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

FORTALEZA
2019

DANYELLE ALMEIDA ARAGÃO

**IMPERATIVOS MUDIÁTICOS NA CORPOREIDADE DE JOVENS EM
TRATAMENTO ONCOLÓGICO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Vieira Severiano

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A671i Aragão, Danyelle Almeida.
Imperativos midiáticos na corporeidade de jovens em tratamento oncológico : uma análise teórico-crítica
/ Danyelle Almeida Aragão. –
2019. 148 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Maria de Fátima Vieira Severiano.

1. Corpo. 2. Oncologia. 3. Indústria Cultural. I. Título.

CDD 150

DANYELLE ALMEIDA ARAGÃO

**IMPERATIVOS MIDIÁTICOS NA CORPOREIDADE DE JOVENS EM
TRATAMENTO ONCOLÓGICO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria de Fátima Vieira Severiano (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jorge Coelho Soares
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Valdemir Pereira de Queiroz Neto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Pablo Severiano Benevides
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À memória de Francisca Dayane
Marques de Sousa, uma doce jovem que
o tempo cedo levou.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Eliane Almeida, que, sustentando os percalços desta trajetória comigo, tem me ajudado a lidar com as minhas possibilidades, virtudes e limitações.

Ao meu pai, Edmundo Aragão, que, com o seu carinho, apoio e jogos de baralho aos domingos, mostra que é possível encontrar luz em tempos nebulosos.

À minha terna irmã, Rafaelle Aragão, o amor da minha vida, que me fez reconhecer o valor da sensibilidade e da seriedade em todas as minhas produções.

Ao meu amor, Matheus Galvão, que, sempre ao meu lado, acolhe as minhas angústias e consegue tornar tudo mais leve.

Aos meus amores de quatro patas, que, de modo tão absurdamente alto, animam e fazem companhia às minhas madrugadas de escrita, Pérola, Úrsula, Mini Douglas e Douglas, além daquele que já se foi e, ao mesmo tempo, nunca me deixou, Tapioca.

À Maria, que, em momentos de tantas incertezas, esteve me dando segurança e nutrindo a minha fé.

Ao meu amigo Fábio Pinheiro, que me ajudou a formular o tema desta pesquisa e sempre é morada de afeto e de companheirismo. É a família que a graduação me deu.

À minha amiga Juliana Damasceno, que, desde os tempos escolares, acredita e apoia as minhas empreitadas, sendo fonte de confiança e de irmandade.

À minha amiga Giselle Monteiro, que, com a sua infinita generosidade, tornou o período do Mestrado mais feliz, sendo lar de encorajamento e de inspiração.

À minha amiga Renata Eudócia, sinônimo de fortaleza, que torce por mim e tem (ou tenta ter) paciência com a minha tão particular noção de temporalidade.

À minha orientadora, Fátima Severiano, que aceitou o desafio de (re)construir algo tão significativo para mim, confiando nos meus projetos e sendo local de calma em momentos de inquietação. Agradeço ainda pela paciência e pelo cuidado diante das minhas preocupações e eventuais teimosias.

À professora Deborah Antunes, que se fez presente no meu trilhar do Mestrado, tendo aberto as portas do seu conhecimento e da sua casa para a minha entrada.

Ao professor Jorge Coelho, pelo posicionamento sensível, importantes sugestões de leitura e disponibilidade para avaliar esta pesquisa.

Ao professor Valdemir Queiroz, pela receptividade, profícuas indicações de material (desde a época de graduação) e disponibilidade para avaliar esta pesquisa.

Ao professor Pablo Benevides, pela acolhida durante o período do Mestrado e disponibilidade para avaliar esta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, pelo seu financiamento, viabilizou que esta pesquisa pudesse ser concluída com mais zelo e qualidade.

Por fim, agradeço ao Centro Pediátrico do Câncer do Ceará, por fazer um trabalho tão belo e caro à Psicologia, além de ter permitido que eu me deparasse com as importantes problemáticas apresentadas nesta pesquisa. Acima de tudo, agradeço por ter me permitido conhecer duas lindas pessoas que, um dia, gostaria de reencontrar: Francisca Dayane Marques de Sousa e Kauan Queiroz Bezerra Secundo.

RESUMO

A Sociedade de Consumo Contemporânea apresenta transformações inéditas de ordem econômica, técnica, social e cultural, que implicam novos modos de subjetivação e de socialização, a partir, dentre outras instâncias, da Indústria Cultural. Seus imperativos midiáticos veiculam promessas de plena satisfação, associadas a um dado modelo de corpo ideal – *fitness*. Diante disso, esta pesquisa objetiva investigar os enunciados *online* de sujeitos à margem da normatização cotidiana, neste caso, jovens mulheres em tratamento oncológico, considerando o modo com que os imperativos midiáticos do corpo idealizado do consumo as afetam. Para tal, utilizamos prioritariamente do referencial teórico-metodológico da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, cuja estratégia metodológica se pauta na observação dialética do fenômeno particular como indício do que assola a totalidade do social, a fim de expor suas tensões inerentes. Assim, empreendemos uma pesquisa teórico-crítica na rede social *Instagram* e na plataforma *Youtube*, em duas etapas. Primeiramente foram investigados os enunciados de mulheres consideradas portadoras do corpo idealizado do consumo, as “Musas *fitness*” – enquanto modelo padrão a ser seguido; em seguida, exploramos publicações de jovens em tratamento oncológico, com vistas a detectar as relações entre os seus discursos e os das primeiras. Encontramos dois segmentos diversos entre as jovens adoecidas: as que sustentavam a preocupação com um corpo normatizado e aquelas que versavam sobre as suas transformações físicas desvinculadas da busca por uma imagem idealizada. A partir da análise do material coletado, obtivemos três categorias temáticas recorrentes, *Felicidade Compulsória*, *Atenção à Aparência* e *Transparência nas Imagens*, as quais expressam a influência midiática do corpo idealizado. Reproduzidas, em alguns aspectos, também pelas jovens adoecidas, observamos que os ideais da atualidade se fundamentam sob a performatização da felicidade e da omissão do mal-estar, de modo a estabelecer um gerenciamento instrumental sobre a subjetividade. Como reflexões da pesquisa, os resultados reiteram a crítica frankfurtiana de que a Indústria Cultural mantém seus fins de homogeneização, tida como “pluralidade de mercado”, imprimindo novos e sutis modos de controle e de subjetivação do corpo, mesmo naquelas que, em face do sofrimento da enfermidade, não se encaixam no padrão idealizado. Como índice representativo da compulsão à felicidade, apresentamos, por fim, a figura do *coaching* oncológico para posteriores estudos.

Palavras-Chave: Corpo. Oncologia. Indústria Cultural.

ABSTRACT

The Contemporary Consumer Society presents unprecedented economic, technical, social and cultural transformations, implying new modes of subjectification and socialization, originated from, among other instances, the Cultural Industry. Their media imperatives perpetuate full satisfaction promises, associated with a given body model ideal - fitness. Therefore, this research aims to investigate the online statements of subjects on the margins from ordinary pattern, in this case, young women under cancer treatment, considering the way in which the media imperatives of the idealized consumption body affect them. Accordingly, we use as a priority the theoretical-methodological reference of Critical Theory from the Frankfurt School, whose methodological strategy is based on the dialectical observation of the particular phenomenon as an indication of what occur in the social whole, in order to expose its inherent tensions. Thus, we undertake a theoretical-critical research in the Instagram social network and the Youtube platform, in two stages. First, the statements of women considered to be carriers of the idealized consumption body, the "fitness Muses" - as the standard model to be followed - were investigated; then we explored publications of young women under cancer treatment to detect the relations between their speeches and those first. We found two different segments among the diseased young women: those who maintained the concern with a normalized body and those that dealt with their physical transformations unrelated to the search for an idealized image. From the analysis of the collected material, we obtained three recurrent thematic categories: *Compulsive Happiness*, *Attention to Appearance* and *Transparency in Images*, which express the mediatic influence of the idealized body. Reproduced in some aspects also by the diseased young women, we observe that today's ideals are based on the performatization of happiness and the omission of suffering, in order to establish an instrumental management of subjectivity. As reflections of the research, the results reiterate the frankfurtian criticism that the Cultural Industry maintains its homogenization aims, considered as "market plurality", imparting new and subtle modes of control and subjectivation concerning the body, even in those that, due to the suffering of the cancer disease, do not fit into the idealized pattern. As a representative index of the compulsion to happiness, we present, at the end, the oncological coaching for further studies.

Keywords: Body. Oncology. Culture Industry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – "Musa fitness": Felicidade Compulsória.....	66
Figura 2 – "Musa fitness": Atenção à Aparência.....	67
Figura 3 – "Musa fitness": Atenção à Aparência.....	69
Figura 4 – "Musa fitness": Transparência nas Imagens.....	72
Figura 5 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência	79
Figura 6 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência e Transparência nas Imagens.....	81
Figura 7 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Transparência nas Imagens.....	83
Figura 8 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência	84
Figura 9 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência	85
Figura 10 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Felicidade Compulsória.....	88
Figura 11 – Oncofitness: Atenção à Aparência	92
Figura 12 – Oncofitness: Atenção à Aparência e Transparência nas Imagens	93
Figura 13 – Oncofitness: Atenção à Aparência e Felicidade Compulsória.....	95
Figura 14 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Atenção à Aparência	99
Figura 15 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Transparência nas Imagens, Atenção à Aparência e Felicidade Compulsória	104
Figura 16 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Felicidade Compulsória... ..	108
Figura 17 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Atenção à Aparência	109
Figura 18 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Felicidade Compulsória... ..	111
Figura 19 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Atenção à Aparência	116
Figura 20 – <i>Coaching</i> Oncológico.....	132
Figura 21 – <i>Coaching</i> Oncológico.....	132
Figura 22 – <i>Coaching</i> Oncológico.....	132
Figura 23 – <i>Coaching</i> Oncológico.....	132
Figura 24 – Gratidão ao Câncer.....	134
Figura 25 – Vantagens do Adoecer.....	137
Figura 26 – Dignificação do Corpo	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
Referencial Teórico-Methodológico	24
2 MARCOS E MARCAS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	28
3 PESQUISANDO CORPOREIDADES	61
3.1 CORPO IDEALIZADO DO CONSUMO – “MUSAS FITNESS”	63
3.1.1 Felicidade Compulsória	65
3.1.2. Atenção à Aparência	67
3.1.3 Transparência nas Imagens	70
3.2 CORPOS ADOECIDOS/ IDEALIZADOS – JOVENS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO	74
3.2.1 O Fenômeno Oncofitness	90
3.3 CORPOS ADOECIDOS/ EM TRANSFORMAÇÃO – JOVENS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO	97
4 FELICIDADE COMPULSÓRIA E SILENCIAMENTO DO SOFRIMENTO	118
4.1 O <i>Coaching</i> Oncológico como Índice da Compulsão à Felicidade e do Silenciamento do Sofrimento	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	144

1 INTRODUÇÃO

O estudo da sociedade em sua relação com o indivíduo, atento para as formas de produção de subjetividade que se alteram dentro de cada período histórico, permite-nos pensá-la em uma perspectiva dialética, segundo a qual sujeito e cultura duplamente se tensionam e se influenciam. Promover tal exercício está em consonância com a reflexão dos teóricos da Escola de Frankfurt, os quais se preocuparam com os processos de dominação do homem sobre a natureza, sobre o outro e também sobre si mesmo, não obstante o grau de desenvolvimento técnico alcançado e o seu possível uso emancipatório.

Considerarmos, portanto, a contemporaneidade sob um viés crítico nos permite exercitarmos certos questionamentos, e, assim a possibilidade de problematizar alguns fatos tidos como “naturais”, desvelando seus determinantes. Logo, ao frisarmos as mudanças da atualidade, possibilitadas pelo desenvolvimento do capitalismo tardio, não almejamos à realização de uma leitura determinista ou fatalista acerca do presente, mas, munidos do pressuposto de que a relação entre o indivíduo e a cultura é de mútua negação e mútua afirmação, buscamos reconhecer os determinantes psíquicos e sociais que nos assolam, como uma forma de nos esclarecermos diante dessas condições (CROCHIK, 1995).

É importante também localizarmos as nossas reflexões no campo da Psicologia Social, por esta ser pensada a partir da tensão inerente à relação entre o individual e o social, e, assim, configurar-se como um terreno repleto de contradições. Neste sentido, orientamo-nos por meio de uma fundamentação teórica em diálogo com uma práxis atenta aos processos inconscientes, que perpassam as ações do homem no mundo, posto que o projeto de esclarecimento iluminista, em sua busca por desmistificar de modo absoluto o mundo, mostrou reverter-se em encantamento, sem deixar de ser razão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

A partir de tais considerações, inserimos a nossa problemática no contexto da Sociedade de Consumo, esta que transcende a concepção meramente financeira e abrange uma perspectiva de produção de subjetividades, em que está implicado o consumo de pessoas, de tempo, de ideais e de lugares, prescrevendo modos de ser e de agir específicos (SEVERIANO, 2001). Ao propor tal nomenclatura – “Sociedade de Consumo” –, Jean Baudrillard (1970, 2008) reflete sobre a afloração no período pós-

guerra de uma cultura estruturada a partir do consumo e que inaugura a época em que a aquisição de bens se associa à atributos subjetivos, em especial à busca pela felicidade.

Diante de tal contexto, preocupamo-nos como as idealizações midiáticas vinculadas à corporeidade impactam sujeitos que involuntariamente caminham na contramão de tal movimento, posto que estejam vivenciando um processo de adoecimento que diretamente repercute na estrutura corporal. Considerando que jovens mulheres em tratamento oncológico compõem o nosso objeto de investigação específico, fomos provocadas a pensar o modo com o qual este corpo adoecido, com perda de tônus muscular, de pelos, de vigor, deveras perfurado/amputado/mutilado, a partir das sessões de quimioterapia, das transfusões, dos procedimentos invasivos e das micro/macro cirurgias necessárias ao tratamento oncológico, insere-se em uma sociedade tão enaltecida do “corpo ideal”, exposto nos aparatos midiáticos contemporâneos.

Tal preocupação surgiu a partir do contato prévio da autora desta pesquisa, durante o seu período de graduação, junto a crianças e adolescentes em tratamento oncológico, cujas ações e expressões, observadas à época, indicaram que a disparidade de seus corpos em relação aos padrões de imagem corporal¹ midiáticos constitui-se fonte ímpar de sofrimento. Assim, enquanto estagiária e extensionista numa Instituição Hospitalar de Fortaleza durante dois anos e meio, a práxis lançou questões a serem nesta pesquisa investigadas e analisadas.

Durante as atividades junto aos pacientes, tanto em ambiente aberto – como os plantões psicológicos, nos quais os próprios usuários propunham ações a serem desenvolvidas na Sala de Psicologia –, como em ambiente individual, nos atendimentos junto ao leito, as mudanças vinculadas ao corpo após o diagnóstico e as intervenções médicas eram consideravelmente tratadas. Diante disso, trazemos como pergunta de partida uma reflexão inicial oriunda do contato junto às pacientes: De que modo os sujeitos em tratamento oncológico expressam seus impactos e possíveis sofrimentos ante as imagens e as prescrições midiáticas de um corpo idealizado frente às transformações vinculadas às suas imagens corporais?

Perguntamo-nos, assim, sobre qual o significado social da busca por alguns ordenamentos estéticos, atentos aos sentidos particulares, a exemplo de quando, em uma

¹ Consideramos a definição de imagem corporal conforme o estudo de Bittencourt *et al* (2009) que o concebe enquanto um processo dinâmico, de construção e de reconstrução em relação com o esquema corporal, e passível de modificação a partir dos estados emocionais, dos conflitos psíquicos e das mudanças sociais do sujeito.

sessão de acolhimento, realizada em setembro de 2015, uma jovem paciente solicita um corte e um polimento de unhas, mesmo diante da perda de sua habilidade motora. Temos também como exemplos as postagens *online* acerca de penteados feitos com lenços, de cuidados gerais com o corpo ou de maquiagens direcionadas para pacientes em tratamento quimioterápico². Em face de tais indagações, direcionamo-nos para a nossa principal preocupação, que se pauta na aparente ocorrência de um silenciamento do sofrimento da paciente oncológica, diante dos modelos corporais idealizados do consumo, que tão freneticamente tendem a ser perseguidos.

É fundamental ainda salientarmos que o nosso estudo se direciona especificamente para o modo como as subjetividades femininas são mobilizadas nesse contexto de adoecimento, uma vez que foi a partir dos discursos de jovens mulheres internadas na instituição supracitada que as inquietações a serem refletidas aqui emergiram. O contato com os pacientes do sexo masculino não nos trouxe ênfase para os aspectos vinculados à autoimagem, sendo as preocupações mais abordadas aquelas referentes às suas relações interpessoais e às possíveis alterações nos planos de um futuro ameaçado a partir do acometimento hospitalar. Diante dessa diferença, utilizaremos como norte para o recorte deste trabalho os fenômenos associados somente a jovens pacientes do sexo feminino³. Assim, o recorte se dá, principalmente, por identificarmos como urgente refletirmos acerca das imposições da excludente discriminação estética que incide, por meio dos veículos de comunicação informatizados, especialmente sobre as mulheres (SEGALLA, 2008), visto que é preponderantemente nelas que se erigem os mandatos midiáticos por um corpo idealizado do consumo. Em conformidade, vejamos como Lipovetsky (2000), retrata a diferença acima enunciada:

As imagens mostram, os comportamentos provam, as expectativas confirmam: a beleza não tem o mesmo valor no masculino e no feminino. Os cartazes publicitários e as capas de revista, a linguagem e as canções, a moda e as manequins, o olhar dos homens e o desejo das mulheres, tudo nos lembra

² “Modelo de lenço de tracinha para quem faz quimioterapia”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ehJXttG-F-c>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

“Maquiagem e quimioterapia”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B1ZASX9cZrI>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

“Como eu cuido da minha Careca”. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L1txJ_YBTBk>. Acesso em: 20 jun. 2018.

³ Contudo, salientamos a importância de estudos que contemplem os modos com que a subjetividade masculina maneja o adoecimento oncológico e suas conseqüentes transformações subjetivas, reconhecendo que nas inquietações masculinas aparentemente parece não se identificar de forma explícita as dissociações corporais como fonte de sofrimento - conforme vemos no discurso das mulheres.

com insistência a condição privilegiada da beleza da mulher, a identificação desta com o “belo sexo”. (LIPOVETSKY, 2000, p. 101, grifo do autor).

Após enfatizarmos os fundamentos para a escolha do nosso recorte, salientamos a seguir uma exploração acadêmica que ratifica o nosso interesse na formulação deste estudo como via para atender aos nossos questionamentos, pois, ao realizarmos uma pesquisa prévia nas bases de dados *Scielo*, *Lilacs* e *Medline* com os descritores “imagem corporal” e “câncer”, vimos que a maioria dos artigos encontrados se relaciona ao manejo do diagnóstico do câncer de mama e da cirurgia de mastectomia. Além disso, dos 11.856 artigos encontrados na totalidade, nenhum possuía relação com o descritor “Escola de Frankfurt” e apenas dois com o descritor “Teoria Crítica”, quais sejam (DOLE, TUCKER HALPERN, 2013) e (SHATLEY, GLENN, 2011). Diante disso, enfatizamos a importância de, além de reconhecermos o processo de comprometimento da autoimagem, de ressignificação das perdas ou até mesmo dos ganhos e das representações culturais de feminilidade, sexualidade e maternidade decorrentes do tratamento oncológico, como vemos em muitos estudos (SILVA, 2008; SANTANA, PERES, 2013), investigarmos os modos com que se expressam as subjetividades de jovens pacientes, especificamente no que tange às suas corporeidades, numa época na qual os discursos sobre os corpos perfeitos se propagam continuamente. Esses dados corroboram a relevância da nossa pesquisa, uma vez que ela não apenas atende às inquietações particulares sobre um contexto cada vez mais expressivo, como também contribui para preencher a carência de estudos que se proponham a criticamente investigar as implicações dos discursos acerca da imagem corporal sobre indivíduos adoecidos.

Diante do exposto, empreendermos essa análise acerca das implicações subjetivas da mercantilização e publicização informatizada dos corpos, à luz da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, parece-nos ser um importante caminho. Este referencial nos possibilita localizarmos as preocupações do nosso estudo enquanto um fenômeno histórico, fruto de um conjunto de mudanças sociais, culturais e econômicas no transcurso do tempo, portanto, enquanto uma construção social, não obstante parecer assumir na atualidade a aparência de genuína naturalidade.

Assim, a utilização das lentes do referencial teórico e metodológico mencionado sobre as ferramentas virtuais públicas escolhidas confere ao nosso estudo a possibilidade de realizar algumas análises das consonâncias e das contradições entre o ideal propagado nas imagens e os relatos vivenciados pelo sujeito contemporâneo, em

especial, daqueles em tratamento oncológico. Podemos depreender isso, por exemplo, a partir da utilização da *hashtag*⁴ #lookdaquimio, em que usualmente se fotografa as vestimentas, os adornos e/ou a paciente em posições alegres e de superação que antecipam ou ocorrem concomitantemente às sessões de quimioterapia, as quais, além de dolorosas, usualmente desencadeiam alterações orgânicas, psíquicas e/ou sociais aos enfermos.

Destarte, ao concebermos esses aspectos particulares, especialmente no que concerne à relevância dada ao embelezamento, ao intenso uso de maquiagens e demais acessórios vistosos ornando o corpo adoecido, construímos a hipótese, a ser investigada, de que o sujeito na margem dos padrões ideais corporais, em virtude do tratamento, é também atravessado pelos mesmos imperativos de aprimoramento corporal que incide sobre os demais, havendo a possível produção de sofrimento psíquico, ante a inacessibilidade deste corpo do consumo. Aqui é importante elucidarmos que as nossas reflexões sobre o corpo concebem-no em relação ao domínio do afeto, da alteridade e do social, suplantando a perspectiva de uma descrição meramente biológica. Dessa forma, Birman (2007) contribui com a nossa reflexão ao discorrer sobre o estatuto do corpo em Psicanálise, o qual, diferente do conceito de organismo – que é inscrito numa dimensão solipsista –, é permeado pela alteridade. O conceito de corpo que adotamos, portanto, é de ordem sexual e pulsional, encontrando-se aberto simultaneamente entre a natureza e o Outro (BIRMAN, 2007). Dessa forma, seguiremos elencando os elementos mais significativos que caracterizam o nosso cenário, os quais serão neste primeiro momento do estudo introduzidos em um arranjo mais genérico (*macro*), a fim de se encadearem até chegarem à especificidade apresentada na nossa problemática, (*micro*), posteriormente desenvolvida.

Partimos do contexto da Sociedade do Consumo, no qual a publicidade se estabelece como fonte de referência produtora de identidades pautadas em objetos e serviços fetichizados⁵, os quais aparecem nas prateleiras e na vitrines como se emanassem da natureza – em um processo de ocultamento das relações de trabalho envolvidas na sua produção – e dissipam-se do seu próprio significado histórico, enquanto signos intercambiáveis do consumo (SEVERIANO, 1991, 2001). Nesse campo

⁴ Links que unem termos a quaisquer postagens públicas na rede virtual *online*.

⁵ Conceito de origem marxista, e importante de ser mencionado em nossa discussão, o “fetichismo da mercadoria” se refere ao esvaziamento do sentido social do objeto, da alienação das relações sociais de produção nele encarnadas, passando a apresentar apenas uma relação entre coisas expressas no valor de troca. Atualmente, há um “duplo fetichismo”, em que também a própria subjetividade humana é alienada na mercadoria transformando-se em “puro signo de consumo”. (SEVERIANO, 2001).

em ascensão a partir do Pós-Guerra, a lógica mercantil passa a submeter a lógica de desejos, a fim de promover a integração dos homens a seus fins e “instaurar o culto ao presente imediato como única forma de realidade possível.” (SEVERIANO, 2001, p.45). Contudo, é importante ressaltarmos que esse processo se estabelece predominantemente na denominada fase do “Capitalismo de Consumo Segmentado”, exacerbada a partir da década de 80 nas sociedades ocidentais (SEVERIANO, 2001), discussão que abordaremos mais oportunamente na primeira seção deste estudo.

Solidifica-se, assim, um modo de agir nesse modelo de sociedade a partir da idealização dos objetos, que acriticamente passam a assumir o posto de obturadores da falta humana. Dessa forma, sob uma postura fetichizante, o indivíduo delega à mercadoria poderes e caracteres que apenas o homem possui, e assim, passa a concebê-la enquanto o meio primordial de satisfação de suas necessidades (SEVERIANO, 2001). Segundo a mesma autora, o contexto de hiper-realismo cada vez mais presente na contemporaneidade, principalmente por meio dos *media* publicitários, exprime uma ilusão do real sobredeterminado pelo objeto, o qual é naturalizado, com vistas a diluir quaisquer diferenças entre real e imaginário, instaurando-se o fetiche. Com isso, oculta-se a força de trabalho humano necessária à fabricação da mercadoria, bem como as relações entre os produtores, de modo que apenas a visibilidade do valor de troca da mercadoria se torna proeminente (SEVERIANO, 2001).

A novidade no que tange ao período contemporâneo, conforme a mesma autora, é que essa mercadoria passa também a incorporar aspectos subjetivos, que são auferidos deliberadamente pelos ditames do consumo. Assim, concebido enquanto um significante, as propriedades funcionais do objeto se dissipam em nome de qualquer associação de ordem s \acute{g} nica que declare o estilo e os valores desejáveis de seu possuidor, como ser feliz, bem sucedido, despojado, etc. Esse movimento de duplo ocultamento, ou duplo fetichismo (SEVERIANO, 2001), leva os indivíduos a confundirem a pluralidade de produtos que têm “à sua disposição” com uma pluralidade de individualidades – as quais são cada vez mais homogeneizadas. A grande problemática desse cenário, no que concerne ao nosso recorte, é que o reconhecimento do indivíduo pela via do objeto-fetiche, provedor de “segurança, poder, autonomia, ...”, é um engodo; entretanto, em virtude de todo um quadro social de frustrações sociais que nos acomete, mostra-se cada vez mais difícil refletir criticamente sobre os discursos que associam a felicidade à aquisição de bens, em especial, à aquisição de um corpo *fitness*.

É nessa conjuntura que o corpo emerge como um elemento de destaque, como uma mercadoria idealizada com constantes solicitações de aprimoramento, e que se sustenta altivamente hoje neste lugar de evidência. Tal mecanismo de idealização finda por criar um objeto que, concretamente, não existe, visto que nunca se está suficientemente bom, belo ou adequado aos padrões/contornos “demandados” e que despertam no indivíduo o duplo papel de *senhor* e de *escravo*. É um senhor ao qual os homens sacrificam o seu tempo, os seus prazeres, as suas economias e os seus investimentos e também um escravo, tendo em vista que deve ser submetido à rigorosa disciplina da denominada indústria da saúde, mas que nada mais é do que “indústria da forma” (KEHL, 2000, *online*).

No que tange à nossa compreensão sobre a corporeidade, Ramos (2004) nos respalda ao considerar que no corpo se localiza o que de histórico se tornou naturalizado e o que de natural é negado a partir de prerrogativas históricas, dado que, para que haja o fortalecimento e a perpetuação do todo, o sujeito precisa aceitar e reproduzir as condições de sua própria exploração. O autor expõe que os indícios mais materiais de resistência do factual diante da opressão são transformados em sinais de desajustamento que, ao desresponsabilizarem a totalidade do social, culpam o particular – indivíduo – por sua não-adaptação às condições dadas. Assim, vemos como as experiências sensíveis do corpo, como a dor e o prazer, findam por ser distorcidas ou negadas em suas significações. Ramos (2004) ainda oferece como exemplo as terapêuticas psicológicas que insistem em diagnosticar como “defeito ou falha interna” os sofrimentos humanos de modo a desvincularem-nos dos processos de socialização por eles experimentados.

Em consonância, temos a reflexão dos estudos de Le Breton (1990/2003, 1992/2003, 1999/2009) como um dos referenciais para o conceito de corpo aqui utilizado. A sua leitura nos diz que a corporeidade humana é concebida enquanto fenômeno social e cultural, objeto de representações e vetor semântico por meio do qual se evidencia o processo de construção da relação do homem com o mundo: “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2009, p. 7). Dessa forma, o autor concebe o corpo enquanto emissor e receptor, uma vez que continuamente produz emoções ao passo que insere o homem em um dado espaço social e cultural, em uma trama de sentidos. Além disso, ao ressaltar que não há uma unanimidade no que tange à caracterização do conceito de corpo nas muitas sociedades humanas, o autor reconhece

ser essa uma tarefa difícil e que suscita várias questões epistemológicas, sendo a perspectiva por ele adotada de ordem simbólica (LE BRETON, 2009).

Outrossim, o autor posiciona a corporeidade humana na contramão de um prisma fatalista, no qual os sujeitos nada poderiam fazer frente às manifestações que os acometem. Nesse contexto de corporeidade de cunho mutável, Le Breton (2009) localiza uma espécie de código moral das aparências na contemporaneidade, na qual se instaura um sistema de classificação não explícito, o qual é fundamentado na suposta equivalência social entre a apresentação física e a apresentação moral dos sujeitos. Sob o olhar apreciativo do outro, a ação da aparência funciona como meio para alocar os indivíduos em categorias, por meio das quais se fixam os estereótipos e estigmatizam-se as marcas fatais de imperfeição corporal. Dessa forma, a aparência intolerável finda por chamar a atenção para a fragilidade da condição humana e para a instabilidade intrínseca à vida, uma vez que coloca em suspensão a peculiar dificuldade de identificação com o outro que se estabelece hoje. Diante da diferença, gera-se contestação, e, unicamente pela presença do sujeito à margem da norma, cria-se um desarranjo na segurança ontológica que é a garantia da ordem simbólica. Como reações frente a esse desordenamento, que provoca horror e espanto, opera-se uma espécie de curiosidade incessante que, à medida que o corpo é mais visivelmente deficitário – deformado, mutilado, desfigurado, por exemplo –, mais suscita a atenção social indiscreta e instaura uma forma de violência subjacente, a qual é renovada à cada movimento do sujeito velho, enfermo, moribundo, de pertencimento religioso diferente e/ou afins (LE BRETON, 2009).

Portanto, mostra-se cara à Psicologia Social a discussão sobre o corpo e o seu processo histórico de dominação e de ideologização que apaga ou deforma a consciência de tal regime, dado que não se pode pensar o sujeito livre de todas as determinações, inclusive daquelas em relação com o seu próprio corpo. Atravessado por uma dialética de controle e de resistência, de enrijecimento e de sensibilidade, de força motriz e de fonte de prazer, é que o corpo emerge como índice de condensação do que jaz de natural e de histórico nas relações entre o indivíduo e a sociedade (RAMOS, 2004). Diante disso, concebendo-o a partir do registro social e não apenas em sua dimensão natural, investigaremos os enunciados referentes aos padrões ideais, diante das transformações que caracterizam a cultura hoje e, a partir disso, como esse fenômeno impacta a subjetividade de indivíduos adoecidos.

A nossa preocupação em refletir sobre esse contexto emerge dos inúmeros mecanismos, como as propagandas/matérias/chamadas que, utilizando o parâmetro científico como referência, legitimam o culto ao corpo não apenas como necessário, mas imprescindível a todos. Exemplos como “*Dez bons motivos para malhar sempre!*”⁶, “*Para cada doença, um jeito de malhar.*”⁷ e “*Exercício físico é fundamental contra o câncer, aponta estudo.*”⁸ atrelam a aquisição de bens ou de estilos de vida coletivamente compartilhados, tendo o universo *fitness* como delimitação, a toda uma esfera de benfeitorias, como a própria prevenção ou superação do corpo acometido pelo diagnóstico do câncer. Corpo este hoje considerado pelas autoras Rodrigues e Caniato (2009) como desvirtualizado e fragmentado em nome de interesses mercantis e dos seus dispositivos de controle. Aqui, questionamos: De que sujeito se fala quando se concebe tal perspectiva de controle e adaptação do corpo aos ideais consumistas? Ao pensar a formação do indivíduo contemporâneo, Wolfgang Maar (2000) insere o conceito de falso sujeito:

A reprodução da sociedade pela semiformação promovida pela indústria cultural: eis a dinâmica ideológica no âmbito da atual sociedade de massa. Não há mais só deformação, mas falsa deformação. A sujeição do sujeito não é um não-sujeito, mas um falso sujeito – o sujeito da adequação – que constitui uma peça no processo de reprodução da sociedade vigente, adaptativa, conciliadora, ao bloquear a experiência viva e efetiva das contradições da sociedade pela experiência substitutiva de uma reconstrução social. (MAAR, 2000, p. 90).

Em face disso, questionamentos se, de fato, podemos falar em um sujeito considerado em sua particularidade, pluralidade e vicissitude, dado que ele parece não ter voz diante dos discursos universalizantes que delegam ao corpo o sucesso ou o fracasso. “Numa inversão marcante em relação à Antiguidade, pode-se dizer que o corpo se transformou no nosso *bem supremo*.” (BIRMAN, 2012, p.70, grifo do autor). Essa citação aborda uma mudança bastante significativa na contemporaneidade, considerando que todo o resguardo e a abstenção vivenciada nos corpos, sustentados pelo discurso religioso que vigorava no Ocidente, foi cedendo espaço para o culto ao prazer – programado – e ao consumo desenfreado de imagens, entre elas, a de padrões corporais, as quais, vinculadas à felicidade, passaram a se fazer desmesuradamente

⁶ Publicação disponível em: < <http://www.maisequilibrio.com.br/fitness/10-bons-motivos-para-malhar-sempre-3-1-2-11.html>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

⁷ Publicação disponível em: < <https://saude.abril.com.br/fitness/para-cada-doenca-um-jeito-de-malhar/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

⁸ Publicação disponível em: < http://www.espn.com.br/blogs/ativo/753441_exercicio-fisico-e-fundamental-contra-o-cancer-aponta-estudo>. Acesso em: 22 jun. 2018.

presentes no nosso cotidiano. Contudo, é fundamental ressaltarmos que esse discurso não necessariamente nos chega de modo declarado e explícito, mas pode ser sutilmente transmitido a partir de indicações de modos de vida supostamente mais saudáveis e preocupados com o nosso “bem estar”. Preocupação essa que, por mais “amigável” que pareça ser, costuma ser impiedosa diante dos eventuais “erros”, como no caso das ausências na rotina de exercícios físicos ou os “deslizes” nas dietas restritivas/jejuns intermitentes que geralmente são tidos como sinais de “fraqueza”, “falta de autocontrole” ou “desculpa esfarrapada”.

Nesse caso, cada convite que, porventura, “comprometa/ameace” os planos para a obtenção do “*shape insano* do verão⁹” é prontamente exposto nas redes sociais para que os outros (amigos *online*, seguidores e/ou usuários avulsos que acessem os perfis públicos) saibam do feito, e celebrem junto a vitória que foi resistir, por exemplo, aos tentadores doces à base de açúcar refinado que inviabilizariam a conversão de gordura em energia para a prática de exercícios. Como exemplo, as populares *hashtags* #foconotreino e #semdesculpas¹⁰, associadas exatamente ao compartilhamento dos muitos sacrifícios aos quais os sujeitos se sobrepõem na busca por uma imagem idealizada, ilustram-nos a forte adesão a esse discurso de responsabilização do indivíduo frente ao atual estatuto da aparência. Dessa forma, em nome da nossa “saúde”, o corpo *fala*, enquanto aquele que expõe para o exterior o grau de nossa adaptação ao meio, e diz o quão ajustados - ou não - estamos em relação às idealizações que se apresentam hoje.

Assim, nesse contexto de intensa estimulação e vigilância que nos chama/avisa/notifica/calcula até mesmo enquanto dormimos, acompanhamos a desmaterialização da mercadoria na direção da sua hiper-realização em imagens (BAUDRILLARD, 2008). Destarte, no que tange à lógica dos objetos, o autor assinala que todo objeto é referenciado a algo e tem sua lógica própria. Os objetos se exprimem por seu: valor de uso, concernente a sua funcionalidade; valor de câmbio, sua referência no campo financeiro; valor simbólico, relacionado ao significado e à representação particular de objetos conferido pelas experiências pessoais, e valor signo, referido àquilo que é produzido deliberadamente pela moda, sem mais nenhum vínculo com o

⁹ Disponível em: <<https://www.feitodeiridium.com.br/shape-insano-do-verao/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

¹⁰ Um acesso feito em dezembro de 2018 no Instagram nos mostrou que a primeira *hashtag* apareceu em 418.541 postagens e a segunda em 408.607 publicações na rede.

indivíduo, mas relacionado ao status do seu possuidor e erigido segundo as significações auferidas pelo mercado (BAUDRILLARD, 2008).

Diante disso, compreendemos a importância de investigarmos a peculiaridade das jovens em questão no que concerne aos modos com que os imperativos do corpo idealizado do consumo atingem-nas a partir dos seus discursos. Mostra-se, então, premente este estudo, em virtude de toda a complexa cadeia de modificações que caracteriza o cotidiano do indivíduo, após ser diagnosticado com alguma enfermidade crônico-degenerativa.

É a partir de um “não-lugar” de respostas garantidas que iniciaremos o percurso desta pesquisa, partindo da crítica acerca daquilo que é tido como natural e inquestionável na realidade. Logo, para podermos atender às inquietações lançadas na experiência da autora juntamente à carência de estudos que reflitam sobre os impactos da idealização corporal sobre jovens pacientes oncológicas a partir da análise teórico-crítica da Escola de Frankfurt, alguns objetivos precisaram ser elencados.

Almejamos, como objetivo geral da pesquisa, analisar discursos virtuais das jovens adoecidas, considerando as imagens dos modelos corpóreos idealizados pela mídia e suas formas de apropriação. Enquanto objetivos específicos, buscamos apreender primeiramente quais os ideais do corpo do consumo atual, por meio de modelos já consagrados desse padrão idealizado; em seguida avaliar a importância desses ideais para jovens em tratamento oncológico, por meio dos enunciados virtuais dessas moças em redes sociais; posteriormente, realizar uma análise teórico-crítica comparativa entre os perfis, observando possíveis padronizações, diferenças e sofrimentos implicados. Ao longo dessa exposição, relacionaremos dialeticamente os dados empíricos com o referencial teórico adotado, a fim de refletirmos sobre as implicações psicossociais dos ideais para a subjetividade das jovens.

Dessa forma, inicialmente exploraremos perfis públicos daquelas que representam os modelos corpóreos idealizados pela mídia, as denominadas “Musas fitness”, jovens mulheres que se colocam como ideal para o desejo do outro, ilustrando nas redes sociais seu cotidiano intensamente atravessado pelo constante aprimoramento físico. Em seguida, analisaremos, a partir dos discursos *online* das jovens enfermas, os sentidos atribuídos a um corpo que, em face do adoecimento, particularmente se transforma durante o tratamento, em analogia aos discursos sobre a corporeidade propagados pelas “Musas fitness”, também autointituladas “Influenciadoras Digitais”. Portanto, a fim de acessarmos as suas percepções acerca do tema, exploraremos as

publicações dessas jovens, as quais serão divididas em dois grupos, em virtude de termos encontrado disparidades entre as análises dos seus perfis, as quais, ao serem enunciadas e desenvolvidas, mostram-se fundamentais para a compreensão do nosso objeto de estudo, em suas consonâncias e contradições. Dessa forma, há um primeiro grupo daquelas que se identificam abertamente com a figura das “Musas fitness”, em nome de sua preocupação com a manutenção de uma autoimagem próxima dos contornos físicos padronizados e, por fim, um outro grupo daquelas que não estabelecem essa identificação de modo explícito. Com isso, buscaremos averiguar as estratégias de alcance/exclusão nas formas de apropriação do corpo idealizado do consumo e os possíveis sentimentos de inadequação/sofrimento psíquico, em suas formas mais ou menos explícitas, produzidos pelas demandas idealizadas da Indústria Cultural.

Diante do exposto, vale ressaltarmos que a nossa problemática está relacionada, portanto, à lógica do “objeto signo” (BAUDRILLARD, 2008), em que o próprio corpo torna-se objeto de consumo. Este corpo que é alvo de perpétuas demandas, tais como as rotinas de exercícios nas academias de musculação/HIIT/*crossfit*; as dietas alimentares restritivas, as cirurgias/procedimentos estéticos; os *liftings/pumps* corpóreos; a aplicação de hormônios e o uso de suplementos ou de aplicativos que gerenciam as horas de sono e/ou a distância percorrida durante o dia. Demandas estas que caminham na direção de uma construção corporal idealizada, com o menor teor de gordura e o maior desenvolvimento muscular possível¹¹.

Neste contexto, é fundamental ressaltarmos as ações e os discursos veiculados também sobre pessoas com deficiências motoras, com membros amputados ou em tratamento contra o câncer, cuja abordagem muitas vezes possui viés compulsório, como a matéria publicada no site *oncofitness.com* no dia 5 de outubro de 2016: “Mulheres com câncer de mama podem e devem treinar!”. Desse modo, pensando o intercâmbio tão frequente de imperativos corporais nos discursos midiáticos, consideramos necessário investigar como as persistentes informações expostas sobre o corpo idealizado do consumo, por meio de suas “musas”, afetam aquelas que compõem o nosso perfil de estudo – jovens em tratamento oncológico –, no universo social virtual, no qual elas figuram enquanto consumidoras e também produtoras de conteúdo.

¹¹ Fenótipo veiculado pelas mídias contemporâneas. A pesquisa com as palavras “corpo perfeito” no site de buscas *Google* apresenta o mesmo perfil tonificado nos resultados obtidos. Além disso, é importante citarmos que, das 20 primeiras imagens veiculadas no domínio, 19 eram de mulheres.

Diante disso, vejamos a seguir um trecho sobre a discussão que Le Breton (2003) empreende sobre as particularidades desse intercâmbio entre o sujeito e a sua corporeidade:

A relação do homem com seu corpo é tecida no imaginário e no simbólico, o corpo não é um mecanismo. Não se o pode tocar sem movimentar forças psicológicas enraizadas no mais íntimo do sujeito, sem solicitar o inconsciente, isto é, as fundações da identidade pessoal. (LE BRETON, 2003, p. 376).

Por conseguinte, em face da problemática manifesta, e de considerarmos, conforme citamos acima, que a relação entre o indivíduo e o seu corpo não funciona enquanto uma organização fixa, pré-estabelecida, mas simbólica, o nosso questionamento geral se pauta em compreender quais os modos com que se expressam as subjetividades das jovens acerca de seus corpos, afastados dos ideais corporais promovidos pela mídia e simultaneamente atravessados por tantos imperativos.

Referencial Teórico-Metodológico

Utilizaremos como referencial teórico-metodológico privilegiado desta pesquisa, como já referido, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em virtude de, a partir dela, podermos nos posicionar criticamente diante dos discursos e das práticas que, em constante processo de transformação, produzem novas formas de subjetividades e de sociabilidades, passíveis de provocar sofrimento/inadequação sobre os indivíduos. Assim, situando-se em oposição a todo pensamento de identidade, que negue a contradição e submeta a um método unitário a complexa e cambiante realidade social, elegemos a Teoria Crítica para respaldar o nosso campo de reflexões a ser desenvolvido, em oposição à chamada Teoria Tradicional (MATOS, 1993).

Além disso, em concordância com os estudos de Severiano (2001), consideramos o privilégio concedido ao referencial acima exposto em virtude de os seus teóricos enfatizarem uma razão reflexiva, comprometida com a emancipação e com o esclarecimento humano como finalidade última, ao mesmo tempo em que reconhecem o caráter dialético da razão e os possíveis processos irracionais, primários, que podem ser instrumentalizados com vistas à dominação do homem. Ao se posicionarem criticamente frente à própria ciência, enquanto razão instrumental, viabilizam-nos expor as atuais configurações manifestas pela “irracionalidade objetiva” que demarca a sociedade contemporânea. Em termos epistemológicos, a autora salienta também que a teoria crítica se constitui enquanto uma teoria essencialmente reflexiva, por se promover

a reabilitar a reflexão diante de um meio em que o pensamento positivista, naturalista e objetificante predomina, como também por se constituir, ela própria, enquanto um objeto de contínuo questionamento crítico, com vistas a evitar um enclausuramento do pensamento em novos dogmas, em máximas totalizantes, as quais, na contramão, buscase desnaturalizar (SEVERIANO, 2001).

No que tange às estratégias metodológicas, situamos a nossa pesquisa como de natureza qualitativa e micrológica, dado que esta responde questões muito particulares e é preocupada com um grau de realidade impossível de ser quantificado, como significados, valores e atitudes; fenômenos não aptos à reduções de ordem operacional (MINAYO, 2001). Além disso, ao adotarmos o referencial teórico e metodológico da Escola de Frankfurt, somos congruentes com a sua postura crítica e não-neutra que, rejeitando uma visão fatalista acerca da realidade, permite o exercício de uma dialética negativa - ao pensar o não pensado ainda e ao contestar uma síntese conciliatória - como possibilidade alternativa de futuro (SOARES, 2008).

Diante disso, para analisar o objeto elencado, consideramos o uso da abordagem micrológica frankfurtiana, segundo a qual se elege aquilo que parece escapar da totalidade (o particular), como forma de valorizar a heterogeneidade isolada (SOARES, 2005), ou seja, o que não se percebe de imediato, o que se deixa “na sombra” (SOARES; EWALD, 2011). Ao suspender o conceito tradicional de método, Adorno (2003) renuncia ao ideal da certeza indubitável, pensando sua unidade sob a forma de fraturas, como meio de buscar a realidade, posto esta ser fragmentada. Assim, esta pesquisa se volta para um aspecto muitas vezes relegado a um lugar coadjuvante, mas que muito pode dizer sobre “a claridade” tida como natural.

Para a Teoria Crítica, portanto, o particular funciona como um índice do universal, com vistas a acessar à complexidade do todo, a fim de examinar seus determinantes históricos, sociais e culturais, evitando deste modo que se interprete o significado dos dados encontrados enquanto uma revelação absoluta da realidade imediata. É necessário, portanto, que se analise criticamente os dados obtidos enquanto conteúdos sociais, conforme uma dada verdade histórica, atravessada pelos sentidos subjetivos atribuídos pelos sujeitos, em suas particularidades; (SEVERIANO, 2001), no nosso caso, expresso pelos discursos sobre o corpo publicamente enunciados em redes sociais virtuais.

Para tal, planejamos a execução de uma investigação empírica, constituída por um estudo teórico-crítico, observando suas condições históricas de produção articulada

dialeticamente com as expressões singulares expressas pelos sujeitos da pesquisa, considerando também que “os métodos e as técnicas desenvolvidos pelas ciências são importantes, desde que não se sobreponham ao objeto da pesquisa [...]” (CROCHIK, 2011, p. 45). Assim, a investigação em redes *online*, posto tal espaço ser “estruturador ou reestruturador de percepções e cognições” (SODRE, 2006, p.23), ocorrerá por etapas, já explicitadas anteriormente.

Utilizaremos a delimitação do termo “juventude” como categoria sociológica, desvinculada de um intervalo etário específico, em virtude de considerarmos a autodenominação de *jovens* por parte das usuárias que adotarem essa nomenclatura em seus perfis *online*. A formação do material será dada em categorias elencadas a partir da busca por *hashtags*¹² que viabilizem a formação do escopo de análise, como “#cancerjuvenil” e os termos recém descobertos, durante a formação do projeto desta pesquisa: “Quimioterapia e Beleza”, “Onco-Estética” e “Oncofitness”.

Em termos éticos, é importante ainda situarmos que a escolha de perfis públicos no *Instagram* legitima o amplo uso dos dados *online* pela nossa pesquisa, uma vez que o usuário, ao criar sua conta, atesta concordância com as informações da “Política de dados do Instagram”, a qual, na subseção “Informações Públicas”, garante à qualquer pessoa, usuária ou não de uma conta da rede em questão, visualizar, compartilhar ou baixar informações públicas (Instagram, 2018). Contudo, substituiremos os endereços das contas originais das jovens adoecidas por uma legenda numérica com fins de maior organização e sigilo das informações, em virtude de estarmos lidando com dados de cunho bastante pessoal. A partir disso, promoveremos um recorte das postagens utilizadas, de modo a analisar aqueles aspectos caros à discussão proposta, pois uma investigação mais ampla de todo o material encontrado nos afastaria da execução dos objetivos propostos. Em relação ao primeiro grupo (“Musas fitness”), as suas contas originais serão mantidas, por estarmos lidando com perfis de grande repercussão nacional, que trabalham profissionalmente com a exposição das informações veiculadas.

Finalmente, a proposta não cristalizada desta pesquisa se dá em virtude de tratarmos aqui de um espaço ainda a ser investigado e passível de deslocamentos, consoante com a abordagem frankfurtiana, localizada na contramão da metodologia clássica. O desenvolvimento dos métodos de investigação acontece, para a Teoria

¹² Escolhemos esta abordagem em virtude de seu uso ter sido satisfatoriamente empregado em uma pesquisa-piloto previamente realizada durante o mês de abril de 2017 em 10 perfis públicos *online* de jovens no recorte aqui empreendido, a partir das *hashtags* “#carecas”, “#quimioebeleza” e “#scarfine”.

Crítica, a partir dos conteúdos escolhidos para análise, primando-se, portanto, pela compreensão do objeto.

Diante do exposto, sistematizamos os nossos estudos desta Dissertação em três seções. Iniciamos o percurso com a seção “Marcos e Marcas da Cultura Contemporânea”, por meio da qual desenvolvemos discussões sobre as atuais formas de integração da Indústria Cultural, da Sociedade de Consumo e de suas correlações, de modo a compreender como se estabelecem os discursos sobre a idealização do corpo na contemporaneidade. Em seguida, a seção “Pesquisando Corporeidades” aborda os enunciados *online* de três grupos de jovens em torno da imagem corporal, tendo como primeiro expoente as representantes atuais do corpo idealizado do consumo, as “Musas fitness”, e em seguida as perspectivas de jovens mulheres em tratamento oncológico, as quais foram divididas entre as que se identificam abertamente com a busca por uma aparência física idealizada e as que dizem desvinculadas dessa busca. Por meio de uma análise teórico-crítica das consonâncias e das contradições em tais discursos, encontramos três categorias temáticas, “Felicidade Compulsória, Atenção à Aparência e Transparência nas Imagens”, as quais são refletidas à luz de autores clássicos e contemporâneos que estudam sobre cultura e subjetividade. Por fim, em virtude dos enunciados analisados terem revelado como conteúdo predominante a busca pelo alcance de felicidade e pela omissão do mal-estar, desenvolvemos uma última seção denominada: “Felicidade Compulsória e Silenciamento do Sofrimento”, a qual consiste em uma reflexão sobre esses modos atuais de produção de sociabilidades e de subjetividades performatizadas. Dessa forma, na tentativa de promover uma contribuição para a manutenção da criticidade frente aquilo que nos é dado como natural e imutável, elaboramos esta pesquisa e apresentamos, ao final, algumas considerações sobre o atual fenômeno do *coaching* oncológico, a serem desenvolvidas em posteriores estudos nesta temática.

2 MARCOS E MARCAS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Para compreendermos o contexto em que a nossa problemática se apresenta, consideramos relevante demarcamos os *marcos e as marcas da cultura contemporânea*. Assim, de início, como forma de explorar esse contexto, cremos ser pertinente tematizar a questão da Técnica, tal como concebida pelos teóricos da Escola de Frankfurt, em especial apontando a disparidade que a constitui e as suas implicações no processo de dominação da modernidade, como a mudança na forma em que se expressa a servidão humana, ao deixar de ser individualizada e manifestar-se de modo não centralizado, visto que o sujeito atual serve frente ao sistema corrente. De acordo com Marcuse (1973), sabemos que, não obstante a vertiginosa conquista de progresso técnico, com seus alcances de ordem objetiva e subjetiva, não houve um igualitário direcionamento de tais recursos em forma de progresso humanitário, posto a não-neutralidade do aparato científico, que serve à manutenção da dominação vigente (MARCUSE, 1973). Dessa forma, fome, negligência, desinteresse pela alteridade e miséria ainda assolam a humanidade, tão desenvolvida no que se refere à lógica neoliberal e a sua racionalidade instrumentalizada.

Mais especificamente abordando essa discussão na obra “Psicanálise e Política: O Fim da Utopia”, Marcuse (1980) discorre sobre as duas formas de progresso características da modernidade no que tange à cultura ocidental: quantitativa e qualitativa. A primeira forma, expressa pelo progresso técnico, é identificada pelo acúmulo de aptidões e de conhecimentos humanos que desembocou em um cada vez maior domínio sobre o mundo, cujo resultado é uma crescente riqueza social, desvinculada, porém, de uma preocupação com a felicidade ou a liberdade dos sujeitos. Já a segunda forma, definida como progresso humanitário, abrange o conceito de progresso enquanto história, enquanto realização da liberdade humana, cujo resultado seria uma regressão da arbitrariedade, da escravatura, da opressão, do sofrimento, de modo que se poderia ver restaurada, de fato, a humanidade nos homens. (MARCUSE, 1980). O autor salienta, porém, que existe uma íntima relação entre esses conceitos, uma vez que o progresso técnico é condição necessária para a libertação da humanidade, ou seja, é pré-condição para o progresso humanitário.

Um elevado grau de domínio sobre a natureza desencadeia uma modificação das necessidades e das satisfações humanas, o que não significa, porém, que a riqueza social será igualitariamente dividida ou que os crescentes conhecimentos e aptidões humanas

estarão a serviço de todos. Em suas palavras, o autor nos diz: “Progresso técnico que, como tal, é realmente a condição essencial para a liberdade não significa de modo algum igualmente a realização de uma maior liberdade.” (MARCUSE, 1980, p. 46) Com isso, o autor aborda uma discussão que ainda hoje diretamente nos impacta: o progresso técnico é de fato condição essencial para a emancipação humana, mas não necessariamente provoca a sua real concretização. Não se trata aqui de um processo de implicação, por mais paradoxal que seja conceber todo o avanço técnico/científico que demarca o desenvolvimento da cultura ocidental em detrimento de tanto escárnio e injustiça social que são característicos da contemporaneidade, na qual as necessidades humanas são mais ou menos satisfeitas, mas permanentemente sob o governo tanto da sua existência privada quanto do seu ser social “desde o berço até a sepultura. Se aqui se pode falar de felicidade, então seria somente do lado do que governa.” (MARCUSE, 1980, p. 46).

Diante disso, o autor afirma que a aparente isenção de valorizações a respeito do conceito de progresso, como se verificava a partir do século XIX com Augusto Comte (1798-1857) e Stuart Mill (1806-1873), não mais se sustenta na modernidade, uma vez que o seu máximo valor é a *produtividade*. Esta que se concebe não somente sobre o crescente aumento de bens materiais e espirituais, mas também acerca do domínio sobre a natureza. A finalidade desse processo, por sua vez, sempre é contundentemente direcionada para a satisfação das necessidades, ou seja, justifica-se a produtividade em nome de uma produção de valores úteis que sejam proveitosos aos homens. Contudo, dado que se concebe a ideia de “necessidade” não somente no que tange ao vestuário e à alimentação, mas também à construção de bombas, de maquinário bélico e à destruição de mantimentos e provisões, Marcuse (1980) denuncia a desonestidade dessa perspectiva, sinalizando que a questão sobre o legítimo emprego da produtividade é cada vez mais posta em reticência. Sobre isso, afirma:

[...] segundo a ordenação de valores do conceito de progresso decisivo para o desenvolvimento da sociedade industrial, satisfação, realização, paz e felicidade não são as principais finalidades a atingir e, quando estas porventura conseguirem ser aceites, somente o terão como valores de ordem muito reduzida na escala dos mesmos. (MARCUSE, 1980, pp. 48-49).

Em consonância com o mesmo autor, Severiano (1991/92) reflete que o modo com que o aparato produtivo funciona nas sociedades industriais contemporâneas finda por escravizar as pessoas em um esquema de produtividade alienado, cujo fim não é a felicidade, mas que tem a produtividade enquanto próprio fim. Em face de um

desenvolvimento tecnológico não-neutro, portanto, as formas de oposição ao sistema capital tendem a ser absorvidas em seu potencial revolucionário e, assim, aperfeiçoam-se as técnicas de controle sobre os indivíduos, a fim de afastá-los de uma reflexão crítica sobre o estado de opressão em que se encontram. Dessa forma, a autora nos sinaliza que é justo a falta do “elemento subjetivo”, da plena consciência sobre esses mecanismos de administração da vida e – por sua vez, de ações que vislumbrem à transformação da existência humana – o que leva as condições objetivas de desenvolvimento a se tornarem ferramentas legitimadoras da dominação social, mantendo a estrutura vigente, ao invés de funcionarem como instrumento de libertação (SEVERIANO, 1991/92).

De forma semelhante, Zuin (2001) discorre sobre a sociedade tecnificada, que tem se afastado cada vez mais de sua função original de contribuir para o atendimento das necessidades humanas, exigindo, efetivamente, a manutenção do sofrimento dos sujeitos para a solidificação de sua existência. Sobre isso, ao falar sobre a resignação do homem frente à compulsiva produtividade que encerra um fim em si mesma, na qual preponderam os valores de funcionalidade e de eficiência, Marcuse (1973) já despertara uma preocupação sobre a possibilidade de os homens cabalmente se adaptarem ao real, numa adesão mimética e acrítica, como se o futuro já estivesse ali realizado. Úteis e eficientes, atendendo aos papéis a si designados, dispensa-se, então, um modelo de futuro emancipado, visto que ele “já existiria”. Esses discursos ainda tão atuais de uma absolutização do existente, de culto ao real, demonstram como os mecanismos de domínio renovam a sua forma, mas não a sua estrutura, mantendo o seu conteúdo a serviço do desenvolvimento de uma técnica que, não obstante apenas privilegiar particulares, aparenta atender a muitos. Sobre esse contexto, vejamos a seguir alguns aspectos também discutidos por Adorno (1951,2008) ao analisar a sociedade de seu tempo:

A tecnificação torna entrementes os gestos precisos e rudes, e com isso os homens. Ela expulsa dos movimentos toda hesitação, toda ponderação, toda urbanidade. Decisivas são as exigências irreconciliáveis e como que a-históricas das coisas. [...] Entre os culpados pela morte da experiência encontra-se a circunstância de que, segundo a lei da sua pura eficácia, as coisas assumem uma forma que restringe a lida com elas à mera manipulação, sem um excedente seja de liberdade de conduta seja de tolerância pela independência da coisa, que sobreviva como germe de experiência por não ter sido consumido pelo instante da ação. (p.36).

Ainda no âmbito desta reflexão, é fundamental abordamos o contexto a partir do qual ocorre o estabelecimento dessa maior tecnificação da sociedade, de acordo com as fases de desenvolvimento do sistema capital. Conforme Severiano (2001) afirma, as

relações de produção diversificam-se de acordo com as diversas formas históricas possíveis, o que nos sinaliza que a sociedade de consumo expressa na contemporaneidade é apenas uma dessas diversas formas. Assim, a tendência à dissolução da autonomia dos bens culturais e sua subordinação à lógica mercantil – a qual representa os interesses econômicos do seletivo grupo das grandes corporações, verdadeiro beneficiário desse sistema – expressa-se pela articulação no período “pós-moderno”¹³ de motivações claramente mercadológicas da produção publicitária com as motivações de ordem do insaciável, do desejo, por parte dos consumidores.

Antes disso, nos primórdios do capitalismo, denominado “Capitalismo de Produção” (SEVERIANO, 2001), a ética religiosa protestante proporcionou um ordenado sistema de valores que findou por estabelecer uma racionalização crescente, conduta ascética, domínio de si e recusa de luxo e do ócio por parte dos sujeitos. Voltados para a poupança e para o consumo instrumental, o contexto do *homo economicus* do século XIX passa a se estabelecer enquanto uma fase de acumulação básica na qual se prioriza a produção sobre o consumo. Como consequência disso, vê-se uma primeira mudança no capitalismo de produção, em virtude de ocorrer uma superexpansão do setor de bens industriais em detrimento ao setor de produção de bens não duráveis, instaurando-se, assim, uma crise de superprodução. Concomitante à forte concentração do capital e ao desenvolvimento tecnológico existente, necessitava-se consumir a mercadoria produzida em abundância. Manifesta-se então uma nova estrutura de consumo, “massificada”, cujo modelo econômico se centraliza no consumo de massas e no desenvolvimento do Segundo Setor – bens não duráveis (SEVERIANO, 2001).

Despontando inicialmente nas décadas de 20 e 30 nos Estados Unidos e nos outros países desenvolvidos a partir da década de 50, o “Capitalismo de Consumo” (Ib.) foi possibilitado por meio do modelo de produção fordista, em série, que passa a incluir a classe trabalhadora como também “consumidora de massa”. É importante ressaltarmos que não se trata aqui de um processo de atendimento às necessidades dos sujeitos, mas de um meio de resolver a crise de superprodução, e com isso, sustentar a soberania do sistema capital. Neste momento, inaugura-se uma cisão com o princípio de restrição ao

¹³ Utilizamos o termo “Pós-Moderno” de acordo com Severiano (2001), tendo em vista a expressão sustentar que houve muitas transformações significativas em nossa história, embora essas não excluam nossa condição de “sociedade de massas”, uma vez que apenas passou-se a segmentar o mesmo modo de produção.

consumo do excedente, que fora fundamental para o nascimento do capitalismo. (SEVERIANO, 2001)

Neste momento, de acordo a mesma autora, mobiliza-se justamente para que o excedente circule e seja absorvido, o que é principalmente engendrado pela publicidade, uma instância cultural que passa a ter uma função socializadora, anteriormente delegada aos órgãos tradicionais formadores de opinião e produtores de subjetividade. Processo já denunciado por Marcuse na obra *Eros e Civilização* (1975), o autor discute sobre a cada vez mais intensa atribuição simbólica de agentes secundários em ascensão, em detrimento dos referentes tradicionais, mantendo sua atenção também no que se refere às implicações subjetivas para os indivíduos. Vejamos um trecho desta reflexão:

Sob o domínio dos monopólios econômicos, políticos e culturais [...] o átomo genérico torna-se diretamente o átomo social. A organização repressiva dos instintos parece ser coletiva, e o ego parece ser prematuramente socializado por todo um sistema de agentes e agências extrafamiliares[...]Os especialistas dos meios de comunicação com a massa transmitem os valores requeridos; oferecem o treino perfeito em eficiência, dureza, personalidade, sonho e romance. (MARCUSE, 1975, p.97).

Em conformidade com a citação, Severiano (2001) discorre sobre o novo *ethos* que se inaugura quando individualidade passa a se forjar a partir de referências externas do consumo, as quais, como exemplificamos no trecho acima, buscam modular os indivíduos em um esquema de novos valores, a partir de uma suposta “liberdade econômica”, que garantiria o “acesso universal” à sua produção. Conforme a mesma autora, instaura-se nesse modelo de sociedade uma nova concepção de democracia, a partir da qual os desejos de participação política dos indivíduos cedem espaço para os desejos de participação no consumo. Assim, em uma conjuntura de poder impessoalizado, diluído, o caráter opressivo do trabalho se atenua, e a dominação se exprime enquanto administração racional, que finda por reproduzir nos sujeitos os valores funcionais para o sistema, de forma que haja uma maior garantia de uniformidade. Como consequência, as pressões próprias de uma sociedade de consumo se instauram, e as necessidades que exigem libertação passam a paulatinamente ser substituídas por necessidades identificadas com os ideais de “felicidade”, a partir dos signos do consumo. Além disso, vemos que as tendências homogeneizantes deste modelo de sociedade estão presentes na sua própria denominação, “sociedade de massas”, ao fazer alusão a um suposto completo ou quase completo acesso da população ao consumo. Entretanto, esse modelo começa a dar indícios de esgotamento em torno da década de 70 e, com desmantelamento do estado de “bem-estar social”, com um alto

índice de desemprego e com uma cada vez mais evidente estratificação social, surge uma “saída” a partir da década de 80, para a resolução desta crise (SEVERIANO, 2001).

Logo, implicando mais uma mudança estrutural das sociedades ocidentais, emerge um modelo de “Capitalismo de Consumo Segmentado” (Ib.), na sociedade pós-moderna. Fragmentados, temos como fator de impulso a introdução de novas tecnologias propulsoras de novos processos de informatização, os quais, por mais plurais, diversos, personificados que o sejam, não tornam a sociedade mais democrática, mas mais flexível para atender às complexidades nos novos mercados globais. Diante disso, distinguimos, em conformidade com a autora, que o homem (pseudo)individualizado resulta de uma crise nos anos 70, e, assim, a famigerada “personalização” dos bens, que ainda hoje fortemente nos chega enquanto uma conquista autêntica, nada mais foi do que uma estratégia que o capitalismo se utilizou para não colapsar (SEVERIANO, 2001).

Dessa forma, vemos como uma das maiores bandeiras de que estamos em um modelo de sociedade livre e emancipado milita em favor da manutenção de um sistema que, na realidade, busca enclausurar-nos em seus signos. Referenciados antes pela massificação dos produtos, hoje o homem tende a se referenciar pela personificação dos bens. Assim, percebemos que o consumo ainda permanece estabelecido enquanto objeto de referência identitária, e a reflexão sobre os processos de pseudoindividualização permanece mais atual do que se poderia supor, por mais contraditório que pareça tecer essa discussão enquanto tanto se ouve falar na ascensão de uma era de culto à soberania do homem, em uma era narcísica. Sobre essa aparente incongruência, que é apenas uma expressão da produção de subjetividade contemporânea, com seus vínculos sociais e relações de poder configuradas, Severiano (2001) exprime: “Estamos, pois, diante da “cultura do Narcisismo (LASCH), sem termo-nos desvencilhado do “mundo unidimensional” (MARCUSE).” (p. 87).

Diante do exposto, prosseguimos a nossa discussão sobre os principais elementos que nos auxiliam a refletir sobre o nosso problema de pesquisa, por meio do âmbito dos estudos de Christopher Lasch (1983), ao versar sobre a denominada Cultura do Narcisismo. O autor se refere às sociedades em ascensão a partir da segunda metade do século XX que, como nunca antes visto, mostram indivíduos extremamente preocupados com a sua satisfação própria, aderindo ainda às inúmeras ofertas de caracteres humanos personalizados na forma de bens de consumo. Ao refletir sobre as

mudanças no cenário social, o autor denuncia a perda do espírito utópico que tanto marcou a nossa história, diante de um descompromisso social generalizado, de um intenso desencanto pelas relações pessoais e da exacerbação da lógica concorrencial cada vez mais intensa, o que findou pela instauração de uma sociedade “que teme não ter futuro” (1983), instaurando um sentimento de descontinuidade histórica (LASCH, 1983; SEVERIANO 2001). Ao pensar sobre a patologia como uma representação intensificada da realidade e situar que o “narcisismo patológico” pode nos dizer algo com relação ao narcisismo enquanto fenômeno social, Lasch (1983) aproxima os perfis de “desordens de personalidade” aos facilmente identificáveis sujeitos de seu cenário cultural:

[...] hábil em administrar as impressões que transmite aos outros, ávido de admiração, mas desdenhando daqueles que a quem manipula para obtê-las; insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais preencher um vazio interior; aterrorizado com o envelhecimento e a morte. (p. 63)

Vemos, diante disso, que esse movimento direciona os indivíduos a uma espécie de retorno regressivo ao próprio eu, por meio de ideais muito particularistas do consumo, atualmente ainda mais intensificados nos artefatos virtuais (SEVERIANO, 2001). Assim, enquanto sujeitos “onipotentes”, autocentrados, acompanhamos um movimento de *estetização da existência*, no qual o que interessa é a exaltação gloriosa de si, por meio da hegemonia da aparência, que transforma o eu em uma majestade, constantemente iluminado no cenário social (BIRMAN, 2010). Sobre esse autocentramento, diferente do que se pode facilmente inferir, não se identifica com a noção de sujeito “dentro-de-si”, pois, conforme Birman (2010) apregoa, falta-lhe o atributo da interioridade. Com isso, o autocentramento da subjetividade na cultura narcísica se expressa justamente pelo excesso de exterioridade, uma vez que as demandas performáticas e espetaculares que regulam a estetização da existência são modalidades do sujeito existir na exterioridade. Assim, constitui-se uma modalidade de existência “fora-de-si”, em virtude de o sujeito tentar gozar com a admiração que provoca no olhar do outro. Dessa forma, o autocentramento passa a ser índice de integração do sujeito no social, e, por isso, é legitimado e torna-se o ideal de moralidade proposto na Cultura Narcísica (BIRMAN, 2010).

Contudo, vemos que o indivíduo finda por padecer, ao lidar com as frustrações ante a inacessibilidade dos ideais enaltecidos, como o culto ao prolongamento da

juventude, ao acúmulo exacerbado de vivências, à performance¹⁴ em todos os seguimentos da vida, entre outros. Tal confronto se dá em virtude de a denominada *consciência feliz* – estado de imersão “encantado” e de satisfação diante do sistema operante e que possui uma função conformista – ser vulnerável e frágil. (MARCUSE, 1973). Entretanto, o sofrimento advindo da inadequação do sujeito diante do meio é tido como algo de ordem particular: “Os conflitos do indivíduo infeliz parecem agora muito mais passíveis de cura [...] e parecem mais adequadamente definidos em termos da personalidade neurótica de nosso tempo do que em termos da eterna luta entre Eros e Thânatos.” (p.86).

Diante disso, ao distinguirmos uma debilidade do sistema movido pelo capital em reconhecer a desconformidade que ele mesmo engendra, ao tentar integrar a ilimitada pluralidade humana em categorias pré-estabelecidas supostamente representativas, temos como fonte de preocupação as estratégias que visam à dissolução do particular na totalidade do social, como a “pseudoindividação”. Aspecto já denunciado pelos frankfurtianos: “O pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 123). *Nutridos*, portanto, por aquilo que é conveniente à manutenção da sociedade, mais facilmente os homens a sustentam, aderindo às tantas criações de necessidades, tidas como naturais, mas que compõem uma categoria social (ADORNO, 2015):

Se alguma vez não houver mais monopólio, então se verá de forma suficientemente rápida que as massas não “precisam” do lixo que lhes é fornecido pelo monopólio cultural, nem da penosa qualidade de primeira classe que lhes fornecem aqueles que pertencem a esta. O pensamento de que o cinema, ao lado da moradia e da alimentação, é necessário à reprodução da força de trabalho, por exemplo, é “verdadeiro” somente em um mundo que emprega os seres humanos para a reprodução da força de trabalho e constrange suas necessidades a se harmonizarem com os interesses de dominação e de lucro dos empresários (pp.232-233).

Assim, desvela-se, no que concerne ao conceito de “pseudoindividação”, o caráter ilusório do sujeito enquanto singularidade, em virtude de toda uma padronização que o circunda e o delega a uma posição em determinados nichos de mercado. Tal conceituação, inicialmente desenvolvida no estudo sobre a música popular de Adorno e Simpson (1941), foi utilizada para denunciar a manutenção do enquadramento entre os sujeitos, que, atravessados pela estandardização, esqueciam que os que eles ouviam já

¹⁴ Adotamos a conceituação de Ehrenberg (2010), que vincula o termo à retórica de ascensão social contemporânea, segundo a qual todos têm o ideal e a norma de serem bem sucedidos, em um esquema de heroização de si, no qual o sujeito precisa se esforçar para constituir, ele mesmo, o seu próprio modelo de conduta.

fora pré-digerido, seria, portanto, “mais do mesmo”. Como exemplo, ao pensar a esfera do gosto musical, os autores discutem que, diante dos dois principais tipos e seus derivados, *sweet* ou *swing*, ao indivíduo havia a incumbência de escolher. Esse processo culmina em uma dicotomia mecânica que rompe com o elemento da indiferença, ao colocar os sujeitos diante da querela *gosto/desgosto*. Esse método fomenta um movimento de deter-se em um e transpor-se o outro, o que desencadeia a reprodução de padrões de comportamento que seguem o mesmo prisma meramente dicotômico (ADORNO; SIMPSON, 1941).

A esse respeito, referenciamos também o estudo de Severiano (2001). A autora redefine o termo “pseudoindividação”, atualizando-o para o contexto das sociedades de consumo contemporâneas, alvo específico deste estudo:

Entendo por “pseudo-individação” o processo que implica uma suposta diferenciação do indivíduo tendo por base a “eleição”, pretensamente “livre”, de estilos de consumo, já previamente estandardizados e articulados pela lógica do mercado, o qual se serve, fundamentalmente, da lógica do desejo para promover uma identificação idealizada com seus objetos. A promessa implícita, mas nunca realizada, é a de conferir “individualidade” e “diferenciação” social aos seus consumidores/receptores. (SEVERIANO, 2001, p.21).

Partimos da discussão acerca desse processo de identificação idealizada do objeto, que é operado pela Indústria Cultural, para nos aproximarmos da compreensão sobre o nosso recorte privilegiado nesta pesquisa, qual seja, o corpo idealizado do consumo. Corpo esse que, obstinadamente procurado, é hoje respaldado pela “moral da boa forma”: “O bem-estar físico com a saúde, a beleza, a esbelteza, a jovialidade etc., se tornaram indícios de responsabilidade e maturidade na capacidade de se autogovernar.” (COSTA, 2004, p. 95). Contudo, como nos deteremos a seguir, esse cenário já foi muito diferente, principalmente em relação à especificidade do sexo feminino, ou do “belo sexo”, designação aparentemente tão *natural*, mas que nada mais foi do que *inventada* (LIPOVETSKY, 2000).

Este último autor discorre que a sagração do belo sexo sucedeu um processo de ressignificação da beleza feminina – a qual desde a Antiguidade e ao longo de toda a Idade Média foi carregada por uma tradição de hostilidade e de suspeita, por ser considerada “raiz do mal, poder tentador” e sofrer condenação da Igreja – e também da arte, que precisou admitir outra finalidade além de ser estritamente uma linguagem teológica. É somente entre os séculos XV e XVI que se instaura um processo de dignificação da aparência feminina, a partir do qual se converte o tom das acusações

dirigidas contra uma beleza antes negativamente avaliada em nome de uma proliferação de hinos ao feminino, de exaltação aos encantos das damas, glorificadas neste momento por seus atributos físicos e espirituais. É no período da Renascença, portanto, que se expressa a supremacia da beleza feminina e se inaugura a perspectiva moderna da beleza, segundo a qual esta passa a se caracterizar enquanto uma propriedade física pura, sendo, então, a partir da aparência que a mulher é valorizada e dignificada, como nunca antes visto. Assim, mesmo que no início da Renascença a beleza da mulher pudesse ainda ser lida enquanto uma manifestação moral, ela se constituiu como um objeto autônomo de estudo, suscitando interrogações, conceituações, observações e descrições. A modernidade da cultura do belo sexo jaz ainda pelos laços que a unem ao processo geral de especialização e de distinção maior das funções sociais, dos papéis de sexo; movimento típico da dinâmica de racionalização moderna. (LIPOVETSKY, 2000).

Entretanto, é importante salientarmos que o triunfo estético do feminino não modificou as relações hierárquicas concretas que subordinam as mulheres frente aos homens. Em muitos aspectos, de acordo com o mesmo autor, pode-se considerar que a cultura do belo sexo contribuiu para fortalecer o estereótipo da mulher passiva, frágil e dependente, em relação ao sexo masculino. Porém, nunca antes o sexo feminino havia recebido reconhecimento social, em virtude de todas as atribuições das mulheres, desde as eras mais remotas, serem desprezadas ou tidas como inferiores. Diante disso, temos que a sagração do belo sexo, não obstante uma contextualização ampla de dominação masculina, traz uma mudança significativa: um poder especificamente feminino é exaltado e passa a conferir às mulheres títulos de nobreza, notoriedade social, direito às homenagens e prestígio pela primeira vez. Assim, o autor avalia que, por meio do código da beleza, a mulher adquiriu uma nova posição simbólica, sendo a sua “exterioridade perigosa” paulatinamente eliminada, o que sinalizou uma vacilação considerável na forma de conceber a diferença entre os sexos. Adiante, em mais um processo de ressignificação que será movimentado no século XX, considerado um período de incertezas e de dubiedade, o autor insere a “Terceira Mulher”. (LIPOVETSKY, 2000)

Ao longo do último século, a publicidade, a indústria dos cosméticos, o cinema e a fotografia de moda passaram a propagar as normas e as imagens ideais do feminino para o grande público, rompendo com os antigos limites elitistas do estatuto da beleza. Deixando de ser um privilégio de classe, os produtos e as práticas de embelezamento se

difundem e, no que o autor denomina de “novo curso democrático da cultura do belo sexo”, acompanham o deslocamento da prioridade de seus conteúdos, em virtude de se instaurar uma nova economia das ações de beleza, a qual prima pela relação com o corpo. Assim, visualiza-se um período no qual a intensificação das exigências de conformidade aos modelos idealizados de imagem corporal coexiste com o movimento de amplas emancipações femininas em relação às servidões de ordem sexual, religiosa, indumentária e/ou procriadora. (LIPOVETSKY, 2000).

Nesse ínterim, o autor se posiciona diferentemente de interpretações feministas em relação a esse fenômeno, por salientar que, não obstante as mulheres serem mais tiranizadas do que os homens em relação aos apelos do estatuto estético – que podem funcionar como uma forma de reproduzir a subordinação psicológica e social do sexo feminino – o triunfo da beleza-magreza, por exemplo, pode ser entendido como um signo de igualação das condições sociais entre os sexos. Ele sustenta esse argumento ao afirmar que na raiz da adesão à estética da magreza há o desejo de se as mulheres serem mais reconhecidas enquanto sujeitos donos de si, do que como meramente imagens corporais, havendo uma vontade de neutralizar marcas muito características da feminilidade, rompendo com os seus tradicionais destinos de objetos sexuais e/ou mães. Adiante, Lipovetsky (2000) aproxima a avidez feminina em relação aos produtos de beleza mais a uma atitude de protagonismo em relação ao próprio corpo do que ação de massa, por considerar o universo da beleza hiperbolizado em um período de pluralidade mercantil, inserindo-se numa dinâmica moderna de “livre exame, da interrogação crítica, do debate coletivo”. (p.141).

Assim, o autor acredita que o gerenciamento contemporâneo da beleza se afasta de uma imposição ou dogmatismo aplicado ao corpo em virtude do seu espaço de escolha, da iniciativa individual e da desregulamentação consumidora, que tornariam o sistema contemporâneo não mais autoritário. Ao afirmar que “O indivíduo protagonista substituiu o indivíduo máquina” (p.145), Lipovetsky (2000) se afasta da leitura que empreendemos sobre o tema, visto que o analisamos enquanto uma perpetuação de controle sobre os sujeitos. Por mais que reconheçamos que a integração dos meios de comunicação e suas idealizações associadas se expressem de forma cada vez mais sutil, entendemos que ela não finda por mobilizar a reflexão crítica dos indivíduos, constituindo-se, portanto, como uma forma aparentemente plural, mas que possui os mesmos fins homogeneizantes de outrora. Desse modo, o autor localiza que a “Primeira” e a “Segunda” mulher eram subordinadas ao homem – por seus poderes

maléficos e pelo estatuto da beleza –, mas que a “Terceira” é uma autocriação feminina, dadas as suas indeterminações, em virtude de na contemporaneidade ambos os sexos poderem se autodeterminar. Vejamos um trecho do autor sobre isso:

O novo não reside no advento de um universo unissex, mas em uma sociedade “aberta”, em que as normas, sendo plurais e seletivas, são acompanhadas de estratégias heterogêneas, de margens de liberdade e de indeterminação. [...] Aos papéis exclusivos sucederam as orientações preferenciais, as escolhas livres dos protagonistas, a abertura das oportunidades. O que se propaga não é a semelhança dos papéis sexuais, mas a não-diretividade dos modelos sociais e, correlativamente, o poder de autodeterminação e de indeterminação subjetiva dos dois gêneros. (LIPOVETSKY, 2000, p. 239).

Em discordância da perspectiva acima, consideramos que as *benesses* apontadas pelo autor operam sobre os mesmos mecanismos não-neutros da tecnificação da sociedade, que incide sobre os sujeitos os ideais de performance e de desempenho a fim de que esses se tornem cada vez mais ativos e participativos no universo capital. Mais do que nunca, é válido refletirmos sobre as determinações e normatizações que nos acometem, dentre elas, a de que devemos buscar ser *magras, longilíneas, tonificadas e/ou atléticas*, por exemplo. Na contramão de ignorarmos as reflexões desafinadas com a nossa leitura, acreditamos ser importante pensarmos também sobre elas para inclusive reforçarmos a importância de nos implicarmos criticamente frente às muitas possibilidades de interpretação do contexto em que nos inserimos, as quais podem ocultar/atenuar os processos ainda reais e potentes de domínio que incidem sobre os sujeitos.

A partir desta discussão, entendemos que os valores, ações e percepções dos indivíduos estão permeados à forma como as sociedades se organizam em cada período histórico, em conformidade com Rodrigues e Caniato (2009). Assim, as concepções de corpo, no que tange aos ideais corporais construídos, são estruturadas e diferenciadas de acordo os modelos de sociedade e as peculiaridades de cada época. Hoje, elas se organizam a partir de um paradoxo, uma vez que são hipercotadas e ao mesmo tempo violentadas, ou seja, são hipervalorizadas enquanto atributo que exprime a identidade do sujeito contemporâneo, a partir dos seus contornos, ao mesmo tempo em que são alvo de transformações mais ou menos rígidas, extirpações, mutilações e/ou implantações que findam por estabelecer um processo “degenerativo do ser-homem”. Em face de uma totalidade corpo-natureza valorizada e cuidada até chegarmos ao atual abismo entre corpo e mente, consideramos, conforme as mesmas autoras, que se demarca hoje uma

evidente anulação e fragmentação da natureza humana diante do Capital (RODRIGUES, CANIATO, 2009).

Em uma reflexão consoante, Le Breton (2009) reconhece que o corpo é atualmente objeto de constante preocupação, por se constituir enquanto o lugar privilegiado do bem-estar e do parecer bem por meio da sua forma. Por considerar o corpo como o seu melhor trunfo, o homem mantém uma relação de proteção maternal com ele em virtude de saber que é fortemente julgado a partir de sua aparência. Logo, não se deve constatar que o zelo ao corpo é uma forma de preocupação emancipada do indivíduo consigo próprio, mas caracteriza um novo formato de dualismo, que não mais opõe a alma ao corpo. Hoje, destacado do homem, o corpo é moldado, modificado de acordo com o interesse diário do sujeito, de forma que a constituição física passa a se equivaler ao homem, uma vez que, modificadas as aparências, o próprio indivíduo é modificado. Assim, o corpo é psicologizado, é associado a um valor irrefutável, por não ser mais considerado como uma máquina, mas como um *alter ego* a partir do qual emanam sedução e sensação (LE BRETON, 2009).

No entanto, o autor salienta que esse processo de destaque corporal não representa uma libertação do homem, ao contrário, afirma que, enquanto houver qualquer preocupação com o corpo, o sujeito não estará liberto (LE BRETON, 2003, 2009). Assim, ao refletir sobre essa hipervisualização dada à fisionomia, ele afirma que, paradoxalmente, o corpo ainda é ocultado, dado que todo o interesse a este dedicado encobre os sutis dispositivos de controle que operam sobre os indivíduos, a partir da moral do consumo, e orientam suas condutas. Vejamos um trecho de sua reflexão sobre esse dualismo, já sinalizado no início desta pesquisa, e que muito nos fala sobre os medos referidos no contexto do nosso objeto de estudo:

A preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem-estar que leva o ator a correr ou a se desgastar, a velar pela alimentação ou pela saúde, em nada modifica, no entanto, a ocultação do corpo que reina na sociabilidade. A ocultação do corpo continua presente e encontra o melhor ponto de análise no destino dado aos velhos, aos moribundos, aos deficientes ou no medo que todos temos de envelhecer. Um dualismo personalizado de algum modo se amplia, é necessário não confundir-lo com “libertação”. (LE BRETON, 2009, p. 87, grifo do autor.)

Afinado com essa reflexão, retomamos o estudo de Rodrigues e Caniato (2009), o qual reconhece que, marcado pela ânsia humana em dominar o mundo, o homem acabou alienando-se ao aceitar mecanismos de manipulação e de controle da sua própria natureza, dentre os quais, a Indústria Cultural. Assim, pautada na técnica, e seu

princípio eficaz e cientificista, a concepção de corporeidade contemporânea se estabelece em favor da lógica mercantilista. Portanto, levada ao paradigma da eficiência, em nossa sociedade neoliberal, os ideais corporais se atrelam à lógica do consumo e da competição. Logo, apresentam-se os modelos de corpo a serem copiados e exibidos em nome do consumo, constituindo-se corporeidades baseadas na sedução do prazer sensorial e principalmente visual (RODRIGUES, CANIATO, 2009):

[...] a Indústria Cultural (amparada pela cultura contemporânea) vende seus produtos de rápida obsolescência – assim como coloca os indivíduos numa posição de produto/mercadoria a ser visualizada e cumprir as mesmas funções de sedução. A partir disto, o corpo hoje, assim como uma mercadoria, só tem valor se tiver uma ótima aparência, se sobressair aos demais, se for desejado, cobiçado e até idealizado. Os “corpos-indivíduos-imagens” entram em um nível importante de concorrência, inveja e destruição: vende mais quem der mais ibope e então, “que vença o melhor”! (pp. 653-654)

Em consonância, ao discorrer sobre o lugar “privilegiado” que o corpo ocupa no que tange à Sociedade do Consumo, Baudrillard (2008) afirma que, narcisicamente investido e segmentado, o corpo passa a se constituir como mais uma mercadoria, mais um objeto idealizado que finda por refletir os signos constantemente em mutação da moda. Portanto, não se fala em um investimento corpóreo que o indivíduo realiza com fins emancipatórios, mas em um processo de interação frente às demandas mercantis que o posicionam muito bem no lugar de consumidor. Lugar esse bastante adulado, visto que, da mesma forma que o povo é exaltado pela Democracia – contanto que não intervenha na cena social e política – os consumidores são soberanos apenas sob as mesmas condições, ou seja, desde que se contentem com consumir (BAUDRILLARD, 2008).

Na mesma linha, Sennett (2006) discorre sobre o comportamento do consumidor na cultura do denominado *Novo Capitalismo*, na qual este busca o estímulo da diferença em produtos que se encontram cada vez mais homogêneos, uma vez que o estímulo se encontra no próprio processo de movimento e de imaginação. O processo de convocação do nosso imaginário, por mais que não seja propriamente fundado na era moderna, adquire hoje um peso específico, tendo em vista que atualmente não estamos limitados a querermos somente aquilo que temos reais condições de utilizar/fazer. Manifesta-se, aqui, a denominada “paixão consumptiva”, que opera sob os formatos de incitação pela potência e abrangência imagística e se adequa com a cultura da vida institucional, com o conceito meritocrático de talento e com a individualidade idealizada. Tais formas culturais do novo capitalismo findam por cultivar a mudança

pessoal, mas não o progresso coletivo (SENNETT, 2006), o que não nos chega necessariamente de forma direta e culmina na cada vez mais expressiva segmentação humana. Neste contexto, podemos pensar como uma das maiores expressões da paixão consumptiva a busca por um modelo padrão de corpo que, como já dito, não existe, e, portanto, não se consegue alcançar, mas que é investido e potencializado como um artefato passível de ser sempre “melhorado”, de modo a se tornar mais próximo aos moldes do consumo. Em consonância, vejamos o que Le Breton (2003) comenta sobre isso:

O corpo é muitas vezes considerado pela tecnologia como um rascunho a ser retificado, senão no nível da espécie, pelo menos no nível do indivíduo, uma matéria-prima a ser arranjada de outra forma. Uns e outros afirmam o caráter disponível e provisório de um corpo sutilmente separado de si, mas colocado como caminho propício para fabricar uma presença à altura da vontade de domínio dos autores. A instituição do corpo em laboratório público ou particular é um dos dados elementares de nossas sociedades contemporâneas. (p. 23).

Tal discussão sobre a temática corpórea é também analisada por Costa (2004), o qual discorre que o corpo ocupa atualmente um lugar ímpar na história da humanidade. Enquanto, outrora, a longevidade era valorizada como meio a se cumprir tarefas familiares, sociais ou sentimentais, agora, a imagem corporal reflete a garantia de admiração moral, inventando-se, assim, um novo modelo de identidade - a bioidentidade -, na qual o *fitness* é a máxima virtude; um supremo modo de preocupação consigo próprio, por meio da modelação do corpo como um fim em si mesmo. Portanto, ser atento à forma física se tornou uma “regra científica” que consente ou veta as aspirações à felicidade. Ainda, ao versar sobre o que chama de “personalidade somática de nosso tempo”, o autor afirma que o truque da “moral das sensações” é fazer crer que a obediência à disciplina do corpo apenas traz vantagens sem quaisquer ônus, o que esbarra com o que ele denomina de os “novos desviantes”, representados pela “estultícia” – incompetência em dominar o corpo e a mente, a partir dos ditames do que se denomina de “qualidade de vida”. “Ser feliz”, portanto, seria uma mera questão de escolha (COSTA, 2004).

No mesmo contexto, Kehl (2002) assinala que, ao resumir o sujeito aos seus contornos, o corpo padronizado hoje passa a ser condição básica para a felicidade. Não buscá-lo, portanto, significa distanciar-se da felicidade, ao mesmo tempo em que estar em seu caminho erige outras implicações:

No Brasil de hoje, [...] a produção dos corpos tenta apagar a um só tempo o sujeito do desejo e o sujeito da ação política. A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer. É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico. Um sistema circular, empobrecido de possibilidades simbólicas e discursivas (KEHL, 2002, *online*).

No centro de tal cenário, a imagem emerge como ferramenta extremamente utilizada na propagação dos imperativos mercadológicos, sendo tida como aquilo a que se reduz hoje a corporeidade, e ainda considerada como uma embalagem desprovida de conteúdo psicossocial, posto se encerrar sobre si mesma (RODRIGUES, CANIATO, 2009). Consoante com a crítica das autoras, Kehl (2002) ressalta:

O corpo bem-comportado e bem vestido de até poucas décadas atrás dizia: sou uma pessoa decente, confiável, honrada – e meus negócios vão bem. Hoje o corpo malhado, sarado, siliconado do novo milênio se limita a confirmar: sou um corpo malhado, sarado, siliconado. (*online*).

Assim, nesse contexto em que se apela por um investimento cada vez maior na aparência física idealizada, vemos que há uma profusão de práticas de “cuidado do corpo” em desenvolvimento. Conforme Vigarello (2011) discute, é na virada do século XX que as enciclopédias domésticas, os dicionários da vida prática e os livros para o lar se enriquecem com inúmeros exemplos de práticas físicas que prometem um corpo mais belo e harmonioso. A proliferação de dicas é tão expressiva que houve até conflitos e oposições entre as orientações que almejavam à obtenção de excelência corporal, como entre as publicações de Philippe Tissié, que enfatizava a importância de movimentos mais rígidos e rigorosos; as de Georges Hébert, que considerava os movimentos “naturais”, como caminhada, salto, lançamento, etc., os mais eficazes, e as de Edmond Desbonnet, que se ateu ao uso exclusivo de extensores e de halteres para os mesmos fins. É então nesse período que se revela o triunfo do exercício construído, atravessado por movimentos sistematizados, mecânicos e controlados que, independente dos métodos em oposição, objetiva educar o corpo conforme um código analítico de progressão (VIGARELLO, 2011).

Desde esse período, uma palavra se impôs e se estabelece em evidência até hoje: “treinamento”. Essa palavra que fora reservada por muito tempo ao trabalho de preparação dos cavalos de corrida passa a se estender ao contexto da performance esportiva e do crescimento dos exercícios de ginástica. Assim, original de uma época em que o esporte almejava criar uma moral que promovesse a competição e o respeito ao outro, uma ideologia de época configurada enquanto visão ética, o “treinamento” passou a cada vez mais se associar às ações e aos seus efeitos, por meio de técnicas e

tabelas em efervescência que almejavam aumentar as potencialidades corporais (VIGARELLO, 2011).

Hoje, mais de um século depois, vemos esse termo amplamente adotado por praticantes de exercícios físicos ou pelas academias de ginástica, que oferecem cada vez mais flexíveis e peculiares planos de “treino”, os quais, novamente, fazem oposição uns aos outros. De modo declarado vemos atualmente as disputas entre as melhores e mais eficazes modalidades, entre os massacrantes treinos dos “bodybuilders”, os fatigantes treinos compartilhados pelos praticantes de *crossfit*, “*crossfiteiros*”, ou mesmo os publicizados pelas academias para pessoas que só tem o horário de almoço para malhar: treinos de até 10 minutos são agora oferecidos como uma benéfica opção. Resta para nós apenas escolhermos alguma das categorias que “gentilmente” nos são oferecidas e postarmos o nosso “*Tá Pago*” diário, novo termo utilizado para mostrar principalmente *online*, tal como a obrigação de pagar os boletos dentro do vencimento, que os exercícios físicos do dia foram cumpridos e a *conta* – de um corpo que também tem um “prazo de validade” – hoje, fecha com o *saldo positivo*.

Em consonância com o exposto, a autora Sant’anna (2005) contribui para a nossa reflexão, em termos históricos, sobre o estabelecimento dessa intensa preocupação com o considerado “belo” para as mulheres. A autora discorre que, durante as três primeiras décadas do século XX, a falta de beleza recebia tratamento médico, pois era considerada passível de “cura”. Até 1950, os conselheiros de beleza eram médicos e escritores moralistas, que propunham a arte de dissimular como guia, posto que não se devia tentar transformar a “Natureza”, tida como entidade de mais profundo respeito. Porém, a partir do período supracitado, novas revistas são lançadas e, com elas, as próprias mulheres passaram a aconselhar umas às outras sobre dicas de embelezamento. Iniciou-se o culto ao prazer de se embelezar e não mais o combate à feiura, mas a busca pela formação de um *estoque de beleza suplementar* (SANTANNA, 2005). Diante disso, dentro das nossas reflexões complementares, questionamos se nos afastamos desse processo de transformação vivenciado no século passado ou se podemos reconhecer hoje uma corrida ainda mais intensa pela garantia de um estoque de beleza sempre visível e passível de ser (des)aprovado pelo crivo social.

Sobre essa temática, concordamos com a reflexão de Birman (2010): “Na modernidade o registro da alma perde o seu lugar de autonomia e de superioridade, subsumida que foi ao registro do corpo.” (p. 31). Neste caso, podemos pensar sobre como esse processo ocorre e como essa centralidade inédita se exprime.

Concomitantemente, em meio à sua exaltação idealizada, estabelece-se uma das maiores fontes – paradoxais – de sofrimento da sociedade: a obrigação de ser feliz. Entretanto, ao direcionar tantos olhares para o corpo, enquanto uma condição para o alcance da felicidade, podemos pensar em quais seriam as implicações das muitas fórmulas mágicas que atrelam o culto aos padrões de forma física a uma vida “plena de sentido”, aspectos fortemente presentes no discurso das chamadas “Musas fitness” - personagens de nossa pesquisa. Vejamos o que o autor disserta sobre a atual tendência dessas implicações:

Na contemporaneidade o mal-estar assume efetivamente novas modalidades. [...] Com efeito, no lugar das antigas modalidades de sofrimento centradas no conflito psíquico, nos quais se opunham sempre os imperativos dos impulsos e das interdições morais, o mal-estar se evidencia agora nos registros do corpo e da ação. [...] A produção da saúde se instituiu assim como norma fundamental para existência do cidadão pós-moderno. (BIRMAN, 2003, pp.1-2).

Em tal ponto, os veículos de disseminação dos ideais de corpo e de felicidade contemporâneos constituem-se em uma das principais fontes de nossas preocupações, na medida em que a inacessibilidade de seus ideais redundando em incongruência e adoecimento. Aspectos passíveis de potencializar sofrimento psíquico – ainda hoje tido como uma inadequação centrada no sujeito - a exemplo das depressões, como nos afirma Khel (2009):

A depressão é a expressão de mal estar que *faz água* e ameaça afundar a nau dos bem-adaptados ao século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, da saúde, do exibicionismo e, como já se tornou chavão, do consumo generalizado. A depressão é sintoma social porque desfaz, lenta e silenciosamente, a teia de sentidos e de crenças que sustenta e ordena a vida social desta primeira década do século XXI. [...] os depressivos correm o risco de ser discriminados como doentes contagiosos, portadores da má notícia da qual ninguém quer saber. (p. 22, grifo do autor)

Assim, vemos que, em nome de uma era da felicidade compulsiva e compulsória, mesmo as manifestações de insatisfação mais compreensíveis socialmente são outorgadas aos estigmas da inoperância e do desajuste (FREIRE FILHO, 2010). Mostrar-se desajustado, então, seria tido como um caminho que poderia facilmente ser evitado a partir de uma conquista supostamente acessível a todos e, portanto, que deve ser desejada pelos mesmos. E é sobre este aspecto, a “falsa mimese” - dissolução do indivíduo no social -, que jaz o cerne da crítica frankfurtiana a tal modelo de sociedade (SEVERIANO, 2001), denominada por Adorno (1947) de Administrada e por Marcuse (1973) de Unidimensional. Percebemos aqui que, em relação a este direcionamento dos

sujeitos, os frankfurtianos se aproximam ao refletir sobre um formato de sociedade nas quais a distorção da consciência dos indivíduos, legitimada pela eficiência científica, ameaça de extinção o pensamento crítico, em suas mais distintas formas (SOARES, 2008). Destarte, elencando os fenômenos que viabilizaram as transformações empreendidas na concepção de corpo hoje, é de fundamental importância analisarmos a inserção e as variações contemporâneas da Indústria Cultural neste processo.

Pensada em uma época na qual as mídias se restringiam ao rádio, à televisão e ao cinema, a crítica empreendida por Adorno e Horkheimer (1947) acerca da Indústria Cultural se mostra hoje ainda vigente. Desde tal período, já denunciando as mudanças advindas dos novos modos de relação dos homens com a tecnologia emergente e sua lógica à serviço da circulação do fluxo mercantil, o conceito de Indústria Cultural foi utilizado como substituto da expressão “cultura de massas”, a qual trazia a crença de que a cultura surgiria espontaneamente do seio social das massas. Distintamente disto, seus autores assinalam que, na Indústria Cultural, as massas são ludibriadas, ou seja, o consumidor não é rei, não é sujeito dessa indústria, mas é seu objeto, em oposição ao que tal sistema busca incutir (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Trata-se, portanto, de um sistema econômico, político, social e cultural que opera a partir de uma integração deliberada verticalmente sobre os consumidores, os quais mais facilmente coadunam com a manutenção do meio, na medida em que respondem à oferta de demandas produzidas, enunciada enquanto representação dos seus próprios desejos. Logo, referenciado por uma razão instrumentalizada, objetiva instaurar a conciliação, por meio do entretenimento estandardizado, sendo suas ideias vinculadas à preservação do *status quo* (ADORNO, 1986).

Neste sentido, a Indústria Cultural organiza formas de ser, de pensar e de agir dos indivíduos como meio de fazê-los “desejar o que deve ser desejado” (SEVERIANO, 1991. p.108), enquanto que esses se sentem singularmente representados e legitimados a partir de todo um aparato mercantil-publicitário cada vez mais desenvolvido (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). Ademais, ao transformar bens simbólicos e culturais em mercadorias, mostra-se um dispositivo dos mais eficazes no que concerne ao controle das consciências (SEVERIANO, 2001) de sujeitos que se veem constantemente impelidos a buscarem satisfazer seus desejos, os quais recebem uma carga midiática de ordem saturável, ou seja, passível de “preenchimento”. Portanto, supostamente encobrendo as fissuras inerentes à condição humana, a sua incompletude, que lhe é essencial, não se dá a ver em tal modelo de sociedade. Logo, a falta, o enigma

e o campo simbólico mostram-se excluídos da cena social, o que culmina não com a repressão do pensamento, mas com a sua dispensa (KEHL, 2005).

Dessa forma, emanado a partir de interesses que sustentam a produção capitalista, a Indústria Cultural paradoxalmente nos mobiliza para que não saíamos de nossas posições, para que nos sustentemos nos lugares a nós delegados. Ao se utilizar de uma linguagem personalizada e persuasiva, instiga os sujeitos a se tornarem visíveis e a ocuparem um espaço na sua hoje ampla rede de conexões físicas e principalmente virtuais, enquanto produtores e consumidores de conteúdo. Somos convidados a todo instante a interagirmos nos aparatos da Indústria Cultural, que tão facilmente nos fornecem dicas e orientações exatamente sobre aqueles itens mais afins aos nossos interesses, hoje expressos, por exemplo, nos “*Canais Recomendados*” da plataforma *online* Youtube ou nos “*Vídeos que talvez você curta*” da rede social virtual Instagram que aparecem para o usuário quando de seu acesso à rede.

Como então enxergamos a contradição nesse meio que opera a partir de mecanismos conciliatórios ao trazer para os usuários a impressão constante de preocupação com as suas particularidades? A exemplo do questionamento “*No que você está pensando?*” – chamada de recepção ao se conectar na rede social virtual Facebook –, os meios digitais contemporâneos utilizam-se de sua ubiquidade e de sua (suposta) transparência para, por meio de palavras, de imagens ou de símbolos que representem nossos sentimentos, convocar-nos a sermos informativos e a nos informatizarmos constantemente. Apelos atravessados pela égide da exposição, na qual não há espaço para o oculto ou para o retraimento (HAN, 2016): “A informação caracteriza-se pela pura positividade, pela pura exterioridade. [...] Na ausência de toda a negatividade, o positivo massifica-se. Dada a sua positividade, a informação distingue-se igualmente do saber.” (p. 52).

Consoante com o exposto, é importante refletirmos sobre o teor da *informação* até então nomeada, a qual é circulada, muitas vezes, como sinônimo de *experiência*. Por discordamos de tal postura e buscarmos resgatar o potencial simbólico próprio das experiências para os sujeitos, especialmente em relação ao atual presente acelerado, no qual tendemos a não parar nos detalhes, na contemplação e na escuta, utilizamos Walter Benjamin (1933;1936, 1987) e Jorge Larrosa (2002) como referências. O primeiro, ao refletir sobre o desenvolvimento da técnica, versa sobre o processo de empobrecimento da experiência humana, antes transmitida oralmente entre gerações, cedendo espaço ao reconhecimento de um estado de barbárie, compreendido como o contentamento frente

ao pouco, a construção com pouco, e a manutenção do olhar sempre adiante, ao que está dentro, e não à *interioridade* (BENJAMIN, 1933, 1987).

Situando o significado do termo a partir da comunicação, ao retratar as experiências de seu tempo, como aquelas desmoralizantes da guerra - pensando os aspectos econômicos, corporais e éticos -, Benjamin (1936, 1987) reflete que a nossa capacidade de intercambiar experiências parece ter sido usurpada e sinaliza a mudança de que “quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.” (p. 203). Ainda, ao dissertar sobre o narrador, Benjamin (1987) discorre sobre como este não está interessado em uma transmissão pura em si, como um relatório, uma informação, que precisa ser divulgada o mais rapidamente possível, dado que envelheça com o tempo, tal como no informe jornalístico. Assim, exprime: “A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar.” (BENJAMIN, 1987, p. 220).

No mesmo campo, Larrosa (2002) promove uma diferenciação entre informação e experiência, ao situar o “*saber coisas*” como o acúmulo de ações feitas pelo homem, as quais ele tem acesso e também reproduz, na chamada “*sociedade da informação*”, mas que nada lhe acontece, toca, atravessa ou provoca. Por outro lado, o conceito de experiência se pauta em uma interrupção, uma abertura, em um encontro ou em uma relação com algo experimentado; relaciona-se com a dimensão do singular, do finito, do contingente, portanto, de algo não absoluto, não-generalizável, aberto ao desconhecido, voltado para os sentidos daquilo que nos acontece. Não é, portanto, passível de repetição, dado que não se encontra fora do sujeito, somente tendo sentido no modo como se configura uma personalidade, uma sensibilidade, ou seja, uma forma humana de estar no mundo, atravessada por uma ética e uma estética (LARROSA, 2002).

Corroborando o exposto, Han (2017) caracteriza a informação como um fenômeno representativo do modelo com que se apresenta a sociedade contemporânea, o qual anuncia a transparência como imperativo, tendo em vista sua linguagem operacionalizada, positivada e desprovida de negatividade. Negatividade essa que demarca e é constitutiva da experiência e do conhecimento, e, por sua vez, viabiliza que haja transformação frente à totalidade do existente; potencial que não é compartilhado pela vivência, em virtude desta sustentar o factual (HAN, 2017). É exatamente em face dessa sensibilidade particular que extraímos nossas preocupações neste estudo, o qual é, portanto, fundamentalmente atento à singularidade humana, a qual, na contramão das

muitas veiculações de representatividade que são produzidas hoje, mostra-se cada vez mais preterida.

Assim, a tão exaltada individualidade nos discursos acerca do período contemporâneo, de acordo com Baudrillard (2008), nada mais é do que uma falácia, pois ela se expressa sob a lógica da “personalização”, ou seja, “personalizar-se a si mesmo”, a partir da força dos signos do mercado. Ele afirma que, no nosso universo funcional, o homem tenta se reconstruir para criar uma “individualidade de síntese”, que é demarcada por uma produção industrial das diferenças (BAUDRILLARD, 2008).

Dessa forma, suprimindo a contrariedade que se delimita a partir das diferenças reais entre os indivíduos, as denominadas “diferenças personalizantes” apenas hierarquizam os sujeitos em modelos, descaracterizando-os de suas singularidades e findando por instaurar a falta de oposição e a obediência frente a códigos e a valores específicos. Como consequência, assemelham-se cada vez mais pessoas e produtos, de modo que a diferença consumida pelos indivíduos obedece a mesma lógica da produção generalizada (BAUDRILLARD, 2008). Logo, hierarquizados em seu valor signo, compreendemos como determinados tipos físicos passam a ser tão estimados e a qualificar os sujeitos com os famigerados termos atuais: “deuses”, “gigantes” ou mesmo “monstros”. São os curados, os “sarados” dos malogros de serem considerados “frangos”.

Diante do exposto, é importante situarmos outro fenômeno analisado pelos frankfurtianos, que viabilizou a forte adesão diante das atuais concepções idealizadas de corporeidade, e diz respeito ao conceito de “Dessublimação Repressiva” (MARCUSE, 1973) – um processo que simula transmitir uma promessa de liberalização sexual, a partir da veiculação publicitária de modelos erotizados, associados à mercadorias. Trata-se de uma estratégia de marketing que busca incutir nos homens um mundo “não essencialmente hostil” (MARCUSE, 1973), por aparentemente suprimir a repressão que caracteriza o processo de inserção civilizatório dos sujeitos em uma dada cultura, a qual possui seus próprios códigos de conduta - que inevitavelmente limitam o campo de satisfação erótico. Sabemos que, por meio do mecanismo da sublimação, ao satisfazer parcialmente suas pulsões, preserva-se nos sujeitos as renúncias que lhes foram necessárias, o que sustenta neles a necessidade de libertação. Isso já não ocorre no processo de dessublimação repressiva, dado que a mobilização e a administração da libido empreendida no ambiente mecanizado reduz a necessidade da sublimação e

estabelece uma harmonização entre desejos, propósitos e aspirações socialmente necessárias (MARCUSE, 1973).

Desse modo, impelida no estímulo para alargar o seu campo de satisfação erótica, a libido tem interdita a sua dimensão autotranscendente e polimorfa. Logo, ao associar a sexualidade ao sistema mercantil, fortalece-se o sistema vigente, em virtude de tratarmos aqui de uma repressão expressa como um invólucro libertário na medida em que a sexualidade se torna exposta. Entretanto, na realidade, ao suprimir Eros, mais afeta o desejo em suas raízes, pacificando-o e convertendo o sexo em veemente instrumento de adequação ao sistema, do que promove uma real emancipação da sexualidade humana (MARCUSE 1973; SEVERIANO, 1991/2).

Tal mecanismo é denunciado por Marcuse (1973) em sua obra “A Ideologia da Sociedade Industrial – O Homem Unidimensional”, na qual discorre sobre a administração totalitária da vida, em uma sociedade opulenta, caracterizada por uma produção sistemática de pensamento e ação positivos, na qual a tensão entre aparência e realidade tende a desaparecer e na qual a sua linguagem padronizada e personalizada busca garantir sujeitos identificados com as funções executadas por si e pelos outros. Nessa sociedade unidimensional, ao futuro não seria mais delegável o lugar de libertação, pois a utopia estaria alcançada no presente, por meio da cooptação da consciência da classe trabalhadora em face da então maior facilidade de aquisição de bens de consumo. Aqui, o sistema é naturalizado, posto que há uma percepção cristalizada do presente, não mais passível de transformação, logo, “unidimensionalizado” (MARCUSE, 1973).

Ainda sobre essa discussão, refletimos sobre as novas formas de dominação analisada pelos autores frankfurtianos, em que ocorre, conforme Severiano e Benevides (2011), um duplo deslocamento das formas de poder. Transcende-se as fronteiras explícitas das fábricas, ou seja, do mundo do trabalho (exploração do trabalhador) e alcança-se o domínio simbólico e privado da vida -, como a cultura, a arte, o corpo e a sexualidade:

[...] deslocamento do econômico para o cultural, assim como das formas explícitas e concretas para as imperceptíveis e simbólicas; o que exigirá de nós uma nova atitude e um novo olhar, mais perspicaz e escrutinador, sobre as novas formas de controle social, visto que podem travestir-se de liberdade e democracia, a partir dos desejos do próprio sujeito em questão. (SEVERIANO; BENEVIDES, 2011, p.108)

Destarte, pensando essa dominação também na esfera da vida privada, em face da extrema visibilidade a que os sujeitos são cotidianamente submetidos, especialmente no mundo virtual, que finda por paulatinamente ocupar até os nossos espaços mais reservados com a lógica instrumental e performática do capital, utilizamos a reflexão de Crary (2014). O autor anuncia uma tendência atual de absoluta incompatibilidade com a vida, tendo a perspectiva de invasão onipresente “24 horas por dia e 7 dias por semana” como pano de fundo. Ele assinala que “habitamos um mundo onde a ideia de experiência compartilhada atrofiou e onde as gratificações ou recompensas prometidas pelas opções tecnológicas mais recentes, por sua vez, jamais são alcançadas” (CRARY, 2014, p.41). Porém, é em face de tais apelos que se compra a promessa de aquisição de felicidade, a qual nos perpassa nos mais distintos campos de nossa vida. Entretanto, em consonância com Zuin (2001), acreditamos que a luta pela genuína felicidade humana deve ser atrelada ao reconhecimento do nosso atual estado de infelicidade, frente às tantas desigualdades e injustiças que nos afligem.

A partir disso, como uma contribuição contemporânea suplementar para essas reflexões, inserimos também as discussões acerca do conceito de Tecnocultura (SODRE, 2006), em virtude de a ocorrência de novos fenômenos sociais e as suas implicações serem relevantes principalmente quando se consideram as aquisições e as perdas nos hábitos dos indivíduos a partir da solidificação do uso dos aparatos modernos. Ao promover um olhar mais direcionado para as tecnologias emergentes na contemporaneidade e para a sua relação com os sujeitos, o termo Tecnocultura pode ser pensado como uma corroboração ou atualização da crítica realizada sobre a Indústria Cultural. O autor aponta para uma nova condição antropológica atravessada pela tecnologia, implicando ainda em um novo relacionamento entre os sujeitos com suas referências concretas e com a realidade. Assim, Sodré (2006) resgata uma preocupação já empreendida pelos frankfurtianos em uma época na qual a incidência dos aparatos tecnológicos informatizados no cotidiano dos sujeitos ainda não tinha a florado. Sobre tal aspecto, afirma:

Trata-se de fato da afetação de formas de vida tradicionais por uma qualificação de natureza informacional, cuja inclinação no sentido de configurar discursivamente o funcionamento social em função dos vetores mercadológicos e tecnológicos é caracterizada por uma prevalência da forma (que alguns autores preferem chamar de “código”, outros, de “meio”) sobre os conteúdos semânticos (SODRE, 2006, p.21).

Logo, a partir de tais discussões, percebemos que a capacidade humana de associar identificação visual a avaliações éticas e sociais tende a desintegrar-se dado a intensa estimulação que atravessa os sujeitos (CRARY, 2014). Contudo, é importante ressaltarmos, conforme Han (2017), que não cabe à famigerada “hiperaceleração” o completo ônus pela massificação do positivo, e pela reação e ab-reação imediatas que nos são cobrados frente às notícias, às informações que se amontoam e acumulam sobre as nossas telas enquanto armazenamento de dados constante. Na denominada atual “crise” em que os nossos traços de memória, pela sua historicidade, são atingidos, o problema não jaz na aceleração, mas na dissociação do tempo, que o converte a uma mera sequência da atualidade atomizada, aditiva e esvaziada de narratividade. Afastado de estratificações e sedimentações temporais, não se viabiliza a reminiscência, a fosforescência temporal, sua abertura ao desconhecido, sua qualidade contemplativa e, por sua vez, transformadora. (HAN, 2017).

Diante desse panorama, tendemos a questionar menos e a tomar como critério de verdade aquilo que tão freneticamente nos circula, não mais somente como notícia nos jornais impressos, radiofônicos e televisivos, mas também como indicações, orientações e “compartilhamento de experiências” dos autointitulados “*criadores de conteúdo*”, denominados influenciadores digitais. Vemos, logo, a importância de estudos que se proponham a avaliar as transformações culturais contemporâneas, de modo a nos possibilitar deslocamentos, dado que esse movimento se mostra estruturante à emancipação humana, por viabilizar o reconhecimento e a denúncia das opressões e dos mecanismos de controle vigentes, e assim funcionar como uma via para modificar/opor as nossas próprias condições de cerceamento da vida (CROCHIK, 2011).

De modo ilustrativo, temos a campanha “Outubro Rosa”, fundada em 1990, e que atualmente mobiliza entidades e organizações internacionalmente em prol da prevenção do câncer de mama. Popularizada pelo laço cor de rosa, é bastante comum vermos a venda de produtos com a insígnia, como copos, canecas, chaveiros, camisetas, brincos, bottons, aromatizadores de ambiente e até mesmo kits de laços para adornarem objetos em geral¹⁵. A preços altos e muitas vezes desvinculados de institutos de pesquisa e conscientização sobre a enfermidade ou de redes de assistência às pacientes oncológicas, refletimos sobre os fatores que sustentam tamanho sucesso no consumo de tais bens.

¹⁵ O descritor “outubro rosa” em sites de venda de produtos nos apresentou esses resultados principais.

Diante disso, retomamos a discussão sobre a modulação dos agentes de publicidade, uma vez que eles ostensivamente disseminam como horizonte a já mencionada promessa de felicidade. Tendo em vista a sua linguagem funcionalizada e fetichizada, a estrutura das sentenças - hoje expressa nos numerosos veículos de comunicação que nos circulam - impede o desenvolvimento do significado, passando a comunicação a ter um caráter hipnótico, ao possuir matizes de uma familiaridade forjada e ao militar contra o desenvolvimento e a manifestação de conceitos (MARCUSE, 1973). Esse movimento, absoluto, tende a encaminhar o olhar para uma desqualificação das inadequações frente ao existente, em virtude de tendemos a perceber o que nos chega como algo natural e irrefutável, obliterando assim o pensamento crítico e reflexivo. Vejamos o que o já referido autor Crary (2014) disserta sobre isso:

Uma das consequências de representar a contemporaneidade global como uma nova era tecnológica é a aparente inevitabilidade histórica atribuída a mudanças econômicas de larga escala e a microfenômenos da vida cotidiana. A concepção da mudança tecnológica como um processo semiautônomo [...] faz com que muitos aspectos da realidade social contemporânea sejam aceitos como circunstâncias necessárias, inalteráveis, como se fossem fatos da natureza. (p.45).

Logo, atravessado pelo consumo de bens, de lugares, de sonhos, de imagens, dentre outros, o sujeito contemporâneo é convocado a se sentir confortável, porém, quanto mais o faz, mais mergulha em um campo de alienação e de desamparo (CRARY, 2014). Aspectos que tanto se busca negar, dado que o sofrimento/inadequação não são atribuídos às construções sociais, históricas e midiáticas, mas firmados como algo inerente ao indivíduo, e assim, naturalizado. Contudo, é importante ressaltarmos que, não obstante toda essa convocação por bem-estar expressa principalmente em meio ao império imagético que nos circunda, conforme vemos nos diálogos da obra “Felicidade” de Giannetti (2002), a felicidade não é absoluta. Ela se define a partir do contraste com o seu oposto, de modo que, eliminada a infelicidade – como tanto hoje se tenta instaurar –, permanece-se tudo na mesma situação, não havendo sentido referenciá-la (GIANNETTI, 2002).

Em consonância com o triunfo da era do visual, a qual nos direciona justamente para buscar o estado de “embriaguez extática” (GIANNETTI, 2002) citado anteriormente, vale enunciarmos os estudos de Wolff (2005) acerca da concepção de imagem hoje, relativo ao momento histórico que antecedeu o nascimento da obra de arte. Conforme o autor, inicialmente, quando se esculpia a imagem de uma divindade,

tal produção era vista com a real potência daquilo por ela simbolizado. Mobilizava-se, contemplava-se e admirava-se o ser, a produção vista como real, e não o mero aparato esculpido em argila. Contudo, com o que o autor chama de “nascimento da obra de arte”, em torno do século XIV, os traços do artista passam a ser impressos em suas produções (WOLFF, 2005).

A partir deste movimento, a imagem perde sua transparência e, assim, o caráter simbiótico com a realidade. Entretanto, atualmente parece que revivemos o primeiro momento, no qual, mais uma vez, ela se confunde com o real; deteriora-se a sua opacidade, e, assim, as telas por meio das quais se transmite as informações, os ideais e os valores contemporâneos são omitidas. Neste processo de alienação da produção do mercado imagético, enfatiza-se aqui justamente o maior poder das imagens: o de se fazer crer que não é uma mera imagem (WOLFF, 2005).

Inaugura-se, portanto, um período em que cada vez mais se acredita - e se espera - que as imagens nos cheguem desprovidas de intervenção, que sejam “autênticas”, enquanto um fragmento da realidade. Chamada de Sociedade da Transparência, por Byung-Chul Han (2017), a proximidade íntima pela qual a distância entre os sujeitos vem sendo eliminada sinaliza uma *obscenidade* da visão, na qual nada se esconde e tudo passa a ser exposto. Aproximando e condensando “iguais”, a supervisão da égide da transparência não se dá como um atentado à liberdade, mas, ao contrário, ela ocorre livre e voluntariamente (HAN, 2017).

O autor define esse formato de sociedade a partir da desconfiança e da suspeita, em virtude de o controle emergir por meio de uma exigência por transparência que indica que os fundamentos morais da sociedade se encontram fragilizados. Contudo, diferente da perspectiva de uma transparência isenta de mediações, a “sociedade da transparência é opaca” (HAN, 2017, p. 92) e possui como efeito a homogeneização e o nivelamento. Expressando-se por meio do apelo ao desnudamento da intimidade, forja uma *proximidade digital* e um meio no qual se busca aniquilar a aparência, a representação. Com isso, o diferente, o *fora* tende a ser eliminado e, com isso, a consciência crítica também (HAN, 2017). Assim, é fundamental ressaltarmos que a *exposição* que nos chega na contramão da teatralidade das máscaras nada mais é do que representação, ou seja, é fruto de pesquisas de opinião e de análise de levantamentos estatísticos sobre o que de “mais natural, pessoal e íntimo” deseja-se acessar. Com equipes tecnologicamente aparelhadas como pano de fundo, dizemos ao meio o tipo de intimidade e de desnudamento que gostaríamos de “dar o *like*”, por mais espontâneo que

pareça esse processo. Do outro lado do dispositivo, o discurso de autenticidade também é produzido, como um diário de percepções, de forma a se compartilhar a “intimidade” mais conveniente ao público de seguidores. Entretanto, vale citarmos que esse processo não se inaugura somente no século XXI, pois, embora a perpetuação do discurso em nome dos imperativos da transparência se faça evidenciada principalmente nos últimos anos, Sherry Turkle (1989) já nos advertira sobre isso na década de 80.

A autora reconhece, em sua obra “O Segundo Eu”, que o relacionamento com o computador pode influenciar a concepção que as pessoas têm acerca dos processos sociais e das relações que travam consigo próprias e com os outros, podendo ainda ser o ponto de partida para uma nova filosofia e novos valores estéticos. Assim, ela disserta que um importante elemento que unia a primeira geração de proprietários de computadores pessoais era a partilha de uma qualidade de utilização dos aparelhos voltada para uma compreensão transparente. Transparência essa que, apesar das modificações nos próprios computadores e no perfil dos compradores, permanece uma proposição importante no relacionamento que se trava entre as máquinas e uma nova geração de usuários.

Neste contexto, Sherry Turkle (1989) ainda nos diz que, empreendendo um modo de identificação com o que acontece no interior do aparelho, oculta-se todo um poder dominador por parte da máquina, a qual é preparada para viabilizar novas modalidades de relacionamento que sirvam como uma “metáfora para uma nova política de bases.” (p. 158). Diante disso, a autora comenta o esforço para tornar o computador transparente, de forma que ele possua *interfaces humanas* e que a sua relação funcione mais sob a “autônoma” aparência de uma conversa do que sob a mecanizada orientação de um manual (TURKLE, 1989). Parece-nos, então, que o movimento que acompanhamos hoje pode ser compreendido como uma maximização desse processo de aproximação personalizada dos aparelhos que, com suas novas ferramentas de integração, tornam-se cada vez mais inseridos no nosso cotidiano, parecendo autênticos e isentos de prévia fabricação.

Em face do exposto, percebemos como o espaço virtual, por exemplo, tem se tornando mais conveniente, mais convidativo e harmonioso frente aos nossos gostos. Requisitados constantemente a fornecermos mais dados sobre nós mesmos, cada vez mais as imagens, os vídeos, as páginas, as propagandas se dirigem para nos atender e para sustentar a nossa presença. Sobre isso, na sua obra “No Enxame”, Han (2016) nos sinaliza sobre os imperativos da Sociedade da Transparência, que se expressam

justamente pelo dever de estarmos progressivamente mais disponíveis, abertos, enquanto informação acessível a todos. Caracterizada pelo caráter da positividade, como já mencionamos, a informação tem na transparência a sua essência, sendo aditiva, cumulativa, breve e explícita. Ainda, ao descrever os habitantes da Sociedade da Transparência enquanto “caçadores e recoletores” de informação, Han (2016) assinala que eles fazem coincidir a informação com o *ser*, de modo que o que não é informação, basicamente, não *é*. Assim, meios sociais, comunicação, liberdade, comércio e controle se identificam, estabelecendo paulatinamente o fim da contemplação estética, o *fim do olhar* (HAN, 2017).

Neste contexto, resistir de forma crítica diante do que é dado como verdade mostra-se um movimento na contramão do que se fabrica hoje, e, portanto, caro à emancipação humana. Conforme Zuin (2001) disserta, nada é mais inconveniente em uma sociedade tecnificada do que a persistência, considerada por muitos anacrônica, da reflexão crítica de que o consumo e a massificação da produção cultural não implicam o desenvolvimento de um modelo de sociedade mais democrático e justo. A reincidência do estado de barbárie reconhecido na contemporaneidade, a partir da exacerbação da Indústria Cultural, é apontada pelo autor desde atos mais explícitos aos sutis atos que vão se tornando naturalizados em uma sociedade cujas bases de formação cotidianamente sofrem abalos quiçá irreparáveis (ZUIN, 2001).

Em concordância, Freitas (2005) nos diz que se o processo de racionalização ocidental obstinava “assenhorar” os homens e destituí-los do medo, percebe-se, com a Indústria Cultural, exatamente o oposto, uma vez que essa promessa sempre fora atravessada por um elemento de fraude. Consoante com essa perspectiva, Kehl (2005) discorre: “A indústria cultural de Adorno perdeu seus contornos; a mercadoria abarcou todo o campo das imagens e com isso tornou-se capaz de “ocupar toda a vida social” (p.45). Diante de tal ampla rede de mediação da vida empreendida por tal sistema, vale citarmos mais uma reflexão sobre as vicissitudes da vinculação dessa integração objetivante com a espetacularização da existência:

Ao conceito “indústria cultural” associa-se o espetáculo e acrescenta-se a “perda da experiência” e o empobrecimento existencial do indivíduo, da sociedade e da cultura, que, na concepção dos humanismos filosóficos, consistia no fortalecimento espiritual da sociedade. (MATOS, 2010, p. 27)

Desse modo, largamente propagada pela Indústria Cultural, por meio dos seus dispositivos dados como democráticos, tendo na Internet o seu espaço privilegiado, a

ascendência do poder da imagem nas mídias funciona como recurso que sustenta a estrutura corrente. Em meio as supostas tantas opções “libertárias” oferecidas pela Indústria Cultural, Adorno e Horkheimer (1985) já anunciavam que a liberdade de escolha da ideologia reflete a coerção econômica, e, com isso, reflete sempre a escolha do mesmo, e é justo este o triunfo da publicidade nesse meio, a partir do qual os consumidores se identificam com as muitas mercadorias culturais existentes.

Assim, esse sistema que opera tendo a integração dos sujeitos como norte nos convoca a estarmos felizes justamente pelo fato de haver tantas coisas a se ver e a se ouvir: “A rigor pode-se ter tudo.” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 133) Sobre esse mesmo aspecto, Maar (2002) discorre que longe de se referir meramente à indústria do entretenimento *na* sociedade, a Indústria Cultural diz respeito ao ilusório entretenimento enquanto constituinte *da* sociedade, envolvendo a produção continuada de sujeição, em termos de semiformação. Desta forma, ao resignar os homens neste contexto, pode - e intenciona - afastá-los do ato de ponderar sobre as práticas de opressão e de cerceamento da vida que os circulam. Em congruência com essa reflexão, acrescentamos a seguinte consideração:

É o “esquematismo transcendental” produtor de sentido que desaparece nos dispositivos da indústria cultural e nas mutações psíquicas e antropológicas do indivíduo na contemporaneidade. Na indústria cultural, dá-se a “catástrofe da significação”, pois se expropria o sujeito do conhecimento do “esquematismo”, identificando-se ver e conhecer, ler e saber. (MATOS, 2010, p.32)

Nossa preocupação diante disso jaz nos muitos discursos “*Do it*” – faça você mesmo –, que se anunciam hoje como o novo *Carpe Diem*, embora não estejam diretamente ligados ao culto ao bel-prazer, mas sim à performance e à renúncia da negatividade do dado imediato, do medo e da incerteza. São expressos muitas vezes como slogan de academias de ginástica e redes de produtos de embelezamento ou esportivos, como vemos na manchete: “*O Outubro é Rosa, mas o Batom tem que ser Vermelho.*”¹⁶ Essa enunciação é dirigida como suporte, como valorização da vida para mulheres em tratamento contra o câncer, mas nos questionamentos por que exatamente se precisa de um batom vermelho. Além disso, em relação aos casos nos quais se rejeita o uso do batom, é bastante comum vermos o discurso de que a “não escolha” representa uma resistência ou um estado de negação diante da doença, já que a maquiagem se

¹⁶Matéria disponível em: < <https://www.quimioterapiaebeleza.com.br/o-outubro-e-rosa-mas-o-batom-tem-que-ser-vermelho/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

enuncia como um objeto de resgate de uma “feminilidade ameaçada”, passível de recuperação por meio da adesão de campanhas, como a #pinkpositivity¹⁷.

Aqui, é necessário ressaltarmos que este último aspecto - o direcionamento do sofrimento como inaptidão particular - já presente nas inquietações e investigações de autores da Escola de Frankfurt na época de ascensão das mídias, ainda hoje é amplamente disseminado. Finda por imputar ao imperativo do ideal midiático uma percepção equivocada, segundo a qual os valores transmitidos por seus veículos publicitários são acessíveis a todos.

Dessa forma, neste modelo de sociedade que vende a concorrência e a disputa exacerbada entre as pessoas como uma “competição justa” (EHRENBERG, 2010), a tomada de riscos surge como ato de heroísmo. Riscos que, não obstante exitosos em raras situações, são sempre divulgados a fim de qualificar como fidedigno o meio tão possivelmente adoecedor e excludente em que vivemos. Compreender inclusive a natureza do que é dado como tal êxito, como a conquista do *corpo ideal*, mostra-se importante, posto que o enquadramento no estreito molde *fitness – to fit in* – exige sacrifícios e imolações em nome da felicidade (SIBILIA, 2010). Seus valores tão endossados podem não nos garantir “cruzar a linha de chegada”, mas nos convocam a nos manter na “competição”, independente das reais e particulares condições para fazê-lo.

Sobre esse aspecto, Severiano (2001) discorre que as transformações atuais acenam para um estado de fragmentação e pânico, em que prima a arbitrariedade diante dos mais frágeis (SEVERIANO, 2001). Aproximando esse aspecto ao nosso objeto de pesquisa, notamos que os termos OncoFitness e Onco-Estética, por exemplo, ilustram de modo bastante nítido essa reflexão. Aqui, vale ressaltarmos ainda a extensão de danos deste sistema alienante à estrutura pulsional humana, cujo espaço privado é gradativamente mais invadido de forma precoce (MARCUSE, 1975), diante de toda a classe frenética de estímulos hoje circulante.

Em sua análise, Marcuse (1975) já nos sinalizara que o sujeito contemporâneo passa a se encontrar cada vez mais suscetível aos mecanismos favoráveis à manutenção do sistema que o oprime, tendo seus referenciais cada vez mais distantes de si, e, ao mesmo tempo, sentindo-se mais próximos física e afetivamente, por meio das tantas ferramentas de aparente “diálogo” que se abrem pelas novas tecnologias em ascensão.

¹⁷ Link de acesso a campanha/publicações *online* que abordam o resgate à imagem corporal feminina exaltando a feminilidade em acessórios, maquiagens, vestuário e afins.

Logo, as novas plataformas digitais são compreendidas como espaço de troca, na qual os “donos dos canais” ou os “usuários de contas verificadas” transmitem para os seus milhões de seguidores as mesmas informações, supostamente direcionadas para cada um, em sua singularidade.

Os famosos apelos desses perfis pela adesão aos seus conteúdos são uma forte ilustração disso: “*Você já se inscreveu aqui no canal?*”; “*Dê sua opinião!*”; “*Deixa o seu like. Ele é muito importante pra mim.*” e entre tantos outros. Logo, acreditamos haver um regime de negação das particularidades e de exaltação de prazeres genéricos, universais, em detrimento de vivências de autoconhecimento e genuinamente provedoras de experiências (LARROSA, 2002), conforme já apontamos, um saber particular, subjetivo, relativo e contingente. Menos seguros sobre as suas próprias significações, os indivíduos da atualidade não cessam de conferir os novos peritos das redes, que lotam a *timeline*¹⁸ com convocações e pedidos de interação:

Sem coragem de confiar nos seus corpos e percepções, os indivíduos ficam à mercê das autoridades, dos especialistas, enfim, da Indústria Cultural, que ditam crenças, valores e regras para uma suposta felicidade e bem-estar individual. O perigo disto é a adesão às escuras que se pode acabar dando a idéias totalitárias e eugênicas (RODRIGUES, CANIATO, 2009, p.661).

Em decorrência do que foi exposto, pretendemos analisar como tais aspectos que marcam a cultura contemporânea, em especial as mídias sociais virtuais, repercutem nos processos de subjetivação das jovens elencadas, imersas em uma realidade cujo olhar promovido tradicionalmente pela Psicologia se refere primordialmente para os desconfortos relacionados ao processo de hospitalização *per se*. Esse olhar se expressa como uma “minimização do sofrimento provocado pela hospitalização. Se outros objetivos foram alcançados a partir da atuação do psicólogo junto ao paciente hospitalizado [...] trata-se de simples acréscimo ao processo em si.” (CAMON, 1997, p.23).

Em adição a isso, por vivermos uma época em que se exige dos corpos condutas cada vez mais semelhantes às máquinas, necessitadas de monitoramento para não “pifarem”, percebemos que tem se estabelecido um processo de “taylorização da subjetividade”, em que se empreendem “treinos sobre a personalidade”, a partir de uma ânsia imanente pela felicidade (FERRER, 2010), o que é bastante conhecido na área da

¹⁸ Ordem das publicações dispostas nas plataformas online de comunicação, a qual pode exibir as atualizações dos amigos na rede social ou de quaisquer outros perfis públicos considerados de interesse afim.

Psicologia Positiva. Logo, observando uma lacuna para uma discussão que transcenda o cuidado à paciente em seu sofrimento hospitalar e em seu contexto de enfermidade, vemos a pertinência e o amplo campo de diálogo que se abre entre tal mudança biopsicossocial e os ensejos exaustivos de uma lógica mercantil que também a confronta, e que pode ser criticamente refletida visando à libertação e à emancipação.

Nosso posicionamento frente à atual conjuntura de culto ao positivo aqui citada é consoante com a crítica da Escola de Frankfurt à visão positivista do homem, uma vez que, mecanicista e atomista, ela rejeita a concepção dialética da relação homem x sociedade e rompe com o projeto emancipador iluminista. Ao reduzir os comportamentos do sujeito ao fato imediato, a visão positiva age de encontro à compreensão frankfurtiana sobre o homem, que o considera um ser histórico, imerso em um contexto sociocultural determinado e atravessado por uma relação de forças cuja dinâmica é permanentemente construída e, portanto, passível de ser modificada (SOARES, 2008).

Diante disso, não intencionamos adotar aqui uma perspectiva absoluta acerca de um diagnóstico do presente, mas reconhecer as transformações empreendidas e os modos com os quais tais mudanças agem sobre os sujeitos e, também, como esses atuam sobre elas. Neste contexto, Maia (2017) reconhece que as metamorfoses contemporâneas são acompanhadas também de permanências, o que torna difícil a tarefa de análise e de compreensão da realidade sem um prisma que leve isso em consideração. Assim, o autor aponta ser fundamental a preservação da perspectiva epistemológica da dialética negativa, esta que funciona como um atentado à tradição, por abrir mão de sua natureza afirmativa, conciliatória, mas não de sua precisão (ADORNO, 1966, 2009).

Sem garantias ou respostas prontas, portanto, a dialética negativa não vislumbra um apaziguamento, mas sim, consoante com Maia (2017), viabiliza o reconhecimento do que há de mais arcaico no moderno, o que há de preservação nas rupturas e o que há de semelhança nas diferenças. Por fim, é válido retomarmos que, não obstante a ausência de um roteiro de soluções para tornarmos a nossa sociedade mais livre e justa, o elemento da denúncia acerca das falsas promessas nela constituintes já é um grande movimento nessa direção. (FREITAS, 2005).

3 PESQUISANDO CORPOREIDADES

Nesta seção, analisaremos os enunciados contemporâneos acerca do corpo que atravessam três grupos de sujeitos, com distintos perfis. Utilizamos essa estratégia a fim de podermos compreender o contexto corrente segundo o qual a imagem corporal se mostra cada vez mais fortalecida como fator identitário. Tendo como norte a nossa preocupação com a imposição de um modelo estandardizado de corporeidade transmitido pela Indústria Cultural, em relação a sujeitos que se encontram em um processo à margem da norma, analisaremos como os discursos acerca do corpo ideal são hoje construídos e suas respectivas implicações psicossociais em jovens em tratamento oncológico.

Dessa forma, temos os seguintes perfis de grupos de jovens: 1. Partiremos, inicialmente, das representantes atuais do corpo idealizado do consumo, as **“Musas fitness”**, popularmente reconhecidas pela mídia pela sua dedicação em manter uma aparência dentro dos padrões imagéticos¹⁹, a qual seria passível de reprodução em massa, enquanto ideal de corporeidade. 2. Em seguida, estudaremos um grupo de jovens mulheres que, não obstante estar em tratamento oncológico, fraciona o seu tempo entre a rotina hospitalar e os exercícios físicos em academias de ginástica, abertamente utilizando discursos de superação frente a isso e bastante identificadas com a busca por uma imagem corporal idealizada. Intitulamos, portanto, este grupo a partir de seus **corpos adoecidos/idealizados**. Por fim, analisaremos as elocuições do grupo 3, jovens adoecidas pelo câncer, porém, não imediatamente identificadas com as primeiras, em virtude de explicitarem as transformações em sua aparência e de elencarem as fontes de sofrimento diante das inadequações corporais advindas do tratamento oncológico. Este último grupo denominamos simplesmente de **corpos adoecidos/em transformação**.

Metodologicamente, utilizamos como recorte trabalharmos apenas com postagens *online* de caráter público, a partir das quais acessaremos o nosso objeto de estudo. Além disso, é importante situarmos que, em virtude da dinâmica de conexões das mídias informatizadas, percorremos um caminho prescrito pelas próprias usuárias em suas postagens, em virtude de, por exemplo, o perfil de uma jovem no Instagram nos

¹⁹ Matérias sobre as Musas: “Flagra ou ensaio? Musa fitness toma sol e exhibe corpo perfeito na Barra da Tijuca” – Disponível em: <<https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/fotos/flagra-ou-ensaio-musa-fitness-toma-sol-e-exibe-corpo-perfeito-na-barra-da-tijuca-09062017#!/foto/1>> Acesso em: 10 jun. 2018.

“MUSA FITNESS NA VIDA REAL” – Disponível em: <<https://vivabem.uol.com.br/especiais/meu-treino-bella-falconi/index.htm#musa-fitness-na-vida-real>> Acesso em: 10 jun. 2018.

“Musas Fitness para Acompanhar e se Inspirar” – Disponível em: <<http://blog.corpobelo.com.br/dicas-fitness/musas-fitness-para-se-inspirar/>> Acesso em: 10 jun. 2018.

sugerir visitar também o seu Blog, a sua página no Facebook e/ou o seu Canal do Youtube. Dessa forma, por alimentarem cada um desses espaços com um teor de conteúdo e exposição específicos, pudemos observar de modo mais amplo as expressões das jovens na Internet. Com isso, diante do vasto montante de postagens do primeiro grupo, adotamos o recorte cronológico de um mês para visualizarmos a sua análise, que foi composta por 6 jovens (perfis no Instagram). No que tange às jovens adoecidas, analisamos todas as postagens e materiais associados que fossem relativos aos seus corpos, totalizando 6 jovens (perfis no Instagram) no segundo grupo da pesquisa, e 12 jovens (perfis no Instagram e vídeos no Youtube) no terceiro grupo. Logo, estas jovens serão aqui referidas a partir de excertos de legendas/comentários das postagens, de imagens e/ou de transcrições de vídeos. É importante ressaltarmos que, em virtude de o primeiro grupo utilizar predominantemente do recurso imagético para se expressar, a sua análise será circunscrita a essa ferramenta de comunicação, em detrimento das demais, as quais, em grande frequência, empregam também, além da imagem, o uso de longos textos em legenda/respostas de comentários, de relatos em canais de vídeo e em Blogs autorais.

Assim, partimos originalmente da rede social virtual Instagram com o nosso primeiro grupo elencado, tendo em vista que, pela popularidade dos seus perfis, essa rede é constantemente atualizada, às vezes recebendo de quatro a cinco publicações por dia. Por serem muito ativas e também receberem um maior retorno do público nesse espaço, optamos por manter a sua coleta em tal rede, visto que os dados encontrados são bastante significativos para a análise das jovens mulheres em tratamento oncológico, objetivo privilegiado deste estudo.

Em relação aos dois últimos grupos, percebemos, no entanto, que a utilização de outras redes sociais virtuais é bastante frequente e, ainda, atravessada por mudanças na forma de abordagem dos conteúdos. Notamos que, em algumas situações, um determinado assunto é discutido durante um vídeo de longa duração no Youtube, enquanto é apenas mencionado em formato de *hashtag* ou *emoji*²⁰ na legenda de uma foto no Instagram.

Dessa forma, não priorizamos aqui uma ferramenta em detrimento de outra, mas nos valemos das particularidades das expressões considerando os seus distintos espaços, com a finalidade de podermos ter uma maior gama de materiais para refletir sobre o

²⁰ Símbolo gráfico utilizado para expressar emoções ou ações em comunicações eletrônicas.

nosso objeto de estudo. Diante do exposto, realizaremos, a partir de agora, uma análise de cada um dos grupos, demarcada por trechos significativos de enunciações empreendidas pelas jovens, que nos direcionarão para as temáticas mais recorrentes a partir do material estudado.

3.1 CORPO IDEALIZADO DO CONSUMO – “MUSAS FITNESS”

“Não tenho nenhuma pretensão de ser perfeita. Minha escolha é ser feliz”

Em relação às representantes do corpo idealizado do consumo, conforme citamos, utilizamos como parâmetro para esta pesquisa as intituladas “Musas fitness” ou também “Influenciadoras Digitais Fitness”. Elas são jovens mulheres, em geral de alto poder aquisitivo, que utilizam principalmente das redes sociais virtuais para compartilharem o seu cotidiano, que é atravessado por investimentos de ordem financeira, afetiva e temporal em atividades físicas, cuja meta é a manutenção de um modelo padrão de corporeidade.

A partir disso, elencamos os seis perfis públicos das “Musas fitness” consideradas mais populares atualmente no Brasil, tendo como referência o maior número de seguidores da rede social Instagram. Inicialmente, realizamos uma leitura *flâneur* pelos perfis, atenta ao aspectos mais emergentes, recorrentes ou controversos na rede, concernentes ao nosso objeto de estudo. Dentro do intervalo de análise das postagens, o mês de maio de 2018, elegemos temas para cada uma das publicações *online*, quais sejam: Academia; Motivacional; Exposição do Corpo; Propaganda; Divulgação de Evento; Família; Receitas; Alimentação Saudável; Dança; Superação; Trabalho como Personal; Sorteio; Exercícios Físicos; Discurso Libertário; Canal do Youtube; Humor; Celebração à Vida; Parceria com Famosos; Apelo; Religião; Amizades; Discurso Político; Selfies; Animais; Paisagens Praianas e Exaltação da Autoestima.

Dentre esses temas, destacamos os dois mais predominantes em cada perfil, denominados “Temas em Destaque” (Tabela 1). Depois, ao relacionarmos os dados entre si, a análise geral resultou em três grandes “Categorias Temáticas”, a serem explicitadas a seguir. Estas serão compreendidas à luz principalmente de autores contemporâneos que versam sobre a produção de subjetividade na cultura Ocidental, de

modo que possamos refletir acerca dos modelos padronizados de corpo perpetuados pela Indústria Cultural. Os dados em questão se encontram resumidos na Tabela 1²¹.

TABELA 1 – Sistematização de Informações das “Musas Fitness”

Perfil	Nº Seguidores	Quant. Posts Maio	Temas em Destaque
@bellafalconi	3,8 milhões	163 posts	Propaganda e Família
@gabrielapugliesi	4 milhões	82 posts	Propaganda e Alimentação Saudável
@eva_andressa	4,9 milhões	95 posts	Exposição do Corpo e Propaganda
@graoficial	7,5 milhões	68 posts	Propaganda e Exercícios Físicos
@aline_riscado	7,9 milhões	41 posts	Propaganda e Família
@jujusalimeni	13,9 milhões	50 posts	Propaganda e Exposição do Corpo

Fonte: elaborada pelos autores.

A observação minuciosa desses temas recorrentes nos exprime, a partir da análise micrológica frankfurtiana, alguns padrões que atravessam a subjetivação do sujeito contemporâneo. Notamos acima, na Tabela 1, que, dentro os “Temas em Destaque”, em todos os perfis há a presença do tema “Propaganda”, o que nos sinaliza a crescente necessidade/convocação na atualidade por publicização dos mais distintos aspectos da vida, aqui expressos pela divulgação das marcas/empresas das vestimentas utilizadas; dos locais de lazer; dos utensílios domésticos; das redes de academia de ginástica; dos suplementos alimentares e das linhas de produtos e de serviços diretamente prestados pelas “Musas” (ou por sua equipe de assessoria).

Por conseguinte, ponderadas ainda as contradições bastante presentes entre forma e conteúdo, percebidas em nossa análise, condensamos os temas encontrados nas seguintes Categorias: 1. Os discursos acerca de uma *Felicidade Compulsória*, em que se observa uma espécie de dever de ser feliz a todo custo; 2. Os de cunho meritocráticos que universalizam um cenário de *Atenção à Aparência* física sob qualquer circunstância e, por fim, 3. Aqueles que se distinguem pelo esforço da exposição totalizante, soando

²¹ Conforme já salientado, identificamos somente os perfis das “Musas fitness” por tratarmos de um grupo que trabalha diretamente com a divulgação de sua imagem nos mais diversos meios de comunicação, sendo a Tabela 1 utilizada como suporte para a organização do montante de dados analisados.

o mais espontâneo e natural possível como um retrato fidedigno da realidade, denominado de *Transparência nas Imagens*.

3.1.1 Felicidade Compulsória

Iniciamos a nossa reflexão com a primeira categoria temática, “**Felicidade Compulsória**”, a qual recebe amplo respaldo do filósofo Pascal Bruckner em sua obra *A Euforia Perpétua* (2002). Nesta obra, o autor conta como a felicidade passa a se tornar uma *paixão* Ocidental após a Revolução Francesa e Americana, partindo de um termo emancipatório Iluminista, um direito, e se transformando em um novo dogma, o que faz da infelicidade, hoje, o *fracasso* da felicidade. O autor identifica ainda o dever de felicidade como a ideologia própria da segunda metade do século XX, a partir da qual tudo precisa ser avaliado pelo ângulo do prazer e da intimação à euforia, constituindo, dessa forma, uma sociedade paradoxalmente hedonista, na qual o indivíduo sofre por não querer sofrer, do mesmo modo em que pode adoecer de tanto buscar a saúde perfeita. (BRUCKNER, 2002).

Além disso, no mesmo contexto de análise da sociedade contemporânea, e corroborando a categoria em questão, Binkley (2010) tece uma crítica bastante profícua sobre o emergente campo da Psicologia Positiva, o qual é associado a uma “tecnologia da felicidade”. Por meio desta tecnologia, a felicidade pessoal passa a receber o mais alto nível de intervenção clínica e terapêutica, transcendendo um mero discurso de ajuste psicológico. O novo discurso sobre a felicidade, por sua vez, operando por meios distintos dos seus antecessores fordistas, “subscreve o agenciamento, a iniciativa e a autorresponsabilidade concebidas no quadro de referência da autonomia baseada no mercado.” (BINKLEY, 2010, p. 84) Assim, conforme o mesmo autor, subscreve modalidades únicas de governo de si próprio que reproduzem a lógica mercantil neoliberal, aspectos bastante presentes nos enunciados aqui analisados.

Como ilustração deste agenciamento sobre a felicidade, a presente subseção é inicialmente demarcada com um trecho de uma postagem *online* feita por uma das jovens representantes do corpo ideal da mídia: “*Não tenho nenhuma pretensão de ser perfeita. Minha escolha é ser feliz.*” (@graoficial) Retiramos o excerto de uma publicação que havia recebido 292.434 curtidas, configurando-se como a mais bem avaliada do perfil pelo público durante o período de análise. Na postagem, contrariamente ao trecho enunciado, visivelmente a jovem se esforça para nos mostrar uma imagem de si desprovida de qualquer imperfeição:

Figura 1 – “Musa fitness”: Felicidade Compulsória



Fonte: Instagram (2018).

A publicação nos mostra a “Musa fitness” deitada na grama, semi-nua, com os seios cobertos por uma flor e os seus próprios cabelos, usando um biquíni na parte inferior do corpo e expondo seu abdômen contraído e sorriso despreziosamente encarando o alto, como se a foto tivesse sido casualmente batida. A legenda na íntegra nos transmite a seguinte mensagem: “Não tenho nenhuma pretensão de ser perfeita. Minha escolha é ser feliz. Todos os dias temos a oportunidade de sermos e de fazermos outros felizes. Foto da minha @giovanna_jacobina #teamomana #teamgracyanne #serfeliz.”, datada de 11 de maio de 2018.

Vemos que, tendo recebido a maior atenção do público, o elemento de destaque expresso pelo corpo não possui relação direta com a legenda, segundo a qual a autora promove a exaltação a uma vida feliz e o reconhecimento à irmã, como aquela que capturou o instante. Não obstante mencionar que não intenciona ser perfeita, a modelo utiliza filtro de edição de imagem, expõe sutilmente suas marcas de bronzeamento, seus cílios postiços, pele maquiada, sobrancelha desenhada e escolhe uma pose que possibilite a contemplação de suas próteses de silicone em evidência e de suas linhas corporais, sem quaisquer gorduras salientes. Ao final, transmite a mensagem, com o teor de uma orientação singela e franca, de que todos os dias podemos fazer a escolha de sermos felizes.

Nesta perspectiva, alcançar a felicidade dependeria apenas de uma disponibilização pessoal. A infelicidade, por sua vez, pode ser entendida como falta de

ambição de um indivíduo que não optou pela direção seguida pela Musa em questão. Consoante com o exposto, Bruckner (2002) exprime que, como uma “lei da alma humana” (p. 43), não se pode deixar de querer encontrá-la [a felicidade], por mais que o seu real alcance sempre seja delegado ao futuro: “O Éden será sempre mais tarde.” (BRUCKNER, 2002, p. 44).

3.1.2. Atenção à Aparência

Na segunda categoria temática – “Atenção à Aparência” - alicerçada principalmente por Costa (2004), ao discorrer sobre a *revolução* na forma como se concebe a corporeidade física, a partir do que ele denomina *virada somática* na cultura contemporânea, vemos que a ameaça ao homem mudou o seu semblante, sendo hoje expressa naquilo que o seu corpo mostra, ou seja, na sua exterioridade. Vigia-se hoje, de modo obsessivo, histérico ou persecutório, as rugas, a obesidade, as estrias, a flacidez, as manchas, ..., do corpo. Ao versar sobre essa nova conjuntura social, o autor disserta que as instâncias tradicionais produtoras de subjetividade e formadoras de opinião não perderam sua força normativa, mas deixaram de agir de modo institucional, o que passa a ser ocupado pelo discurso da ciência (COSTA, 2004).

Como consequência, vemos hoje o homem baseando seu ideal identitário em dois principais suportes, narcisismo e hedonismo, e deixando o sentido da sua existência de ser estruturado com fins a longo prazo e objetivos extrapessoais. Diante disso, notamos um impetuoso movimento de interesse pelo corpo que tem provocado implicações de ordem física, psíquica e sociocultural incomuns (COSTA, 2004). Dentre eles, temos a exaltada preocupação atual com a busca por uma imagem idealizada, que toma forma de “prática de cuidado”, mas que pode muito se afastar das reais necessidades físicas do sujeito. Logo, o “cuidado de si” da contemporaneidade, considerado aqui principalmente em relação à “Atenção à Aparência”, de modo contínuo é visto como sinal de sensatez, por mais que possa ser demarcado pela manutenção de uma rotina exaustiva e restritiva para o sujeito.

Adiante, prosseguimos nossa análise com a ilustração da Figura 2, a qual nos possibilita refletir alguns aspectos presentes na cultura contemporânea. Nela, observamos a proeminência da categoria “Atenção à Aparência”:

Figura 2 – “Musa fitness”: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2018).

Outro perfil estudado, @jusalimemi, mostra-nos acima, em sua postagem mais numericamente bem avaliada pelos seus seguidores, com 468.966 curtidas, o corpo nu da influenciadora digital fitness brasileira mais popular do Instagram. De costas em um amplo galpão com equipamentos de ginástica ao fundo, suspendendo o corpo por argolas de ginástica artística, a jovem maquiada e de cabelos soltos, com suas tatuagens e músculos salientes, opta por um filtro de edição de imagens preto e branco, no qual podemos ver seu corpo em diagonal e seu olhar para o horizonte. Como legenda, temos: “Ela é uma bailarina que aprendeu a dançar conforme o caos.”, datada de 22 de maio de 2018.

Nesta postagem, observamos a referência a uma nota de superação, segundo a qual, identificada como uma bailarina, a jovem lida com os obstáculos da vida. Contudo, a imagem não nos dá indícios de qualquer relação com o processo mencionado, dado que a sua expressão supostamente distraída parece não dialogar diretamente com o “caos” do espaço, que expõe barras de ferro ao fundo e instrumentos de exercícios de alto impacto.

Além disso, a repercussão dos seguidores também não comunga com a legenda sendo, na verdade, majoritariamente alusiva à nudez da Musa. Mais uma vez vemos o culto ao corpo idealizado do consumo como elemento de destaque e, ainda, como fator de legitimação de uma árdua rotina de exercícios físicos desempenhada com maestria. Utilizamos aqui um dos comentários da postagem como exemplo: “TÁ VENDENDO AÍ? ISSO É QUE É ATLETA DE VERDADE!” Acreditamos que o parâmetro para a

eleição da “fidedignidade da atleta” neste caso jaz exclusivamente em sua aparência, conforme expõe Costa (2002), ao afirmar que o espetáculo da contemporaneidade reordena o mundo a partir de uma exposição de imagens que determina o que merece admiração ou atenção. Assim, o sujeito crê *prima facie* naquilo que a mídia decide que deve ser visto, sendo levado a perder paulatinamente a confiança no seu próprio discernimento (COSTA, 2002). Corroborando a discussão aqui empreendida, ilustramos a seguir mais uma postagem que dialoga com a categoria em alusão:

Figura 3 – “Musa fitness”: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2018).

Nesta outra publicação da mesma jovem, datada de 24 de maio de 2018, cuja imagem traz sua expressão contemplativa, com seu rosto apoiado no braço exposto em perfil, não vemos referência à plena exposição de seu corpo. Porém, mesmo mostrando sua aliança na mão e transmitindo uma mensagem possivelmente relacionada ao enfrentamento das dificuldades de um relacionamento: “Não tenho medo Nem de chuvas tempestivas Nem das grandes ventanias soltas Pois eu também sou O escuro da noite.”, o feedback em forma de comentários ainda faz menção exclusiva à sua aparência física. Dentre os comentários, lemos: “Gata ❤️”, “Lindona” e “Bela”.

Além disso, ressaltamos ainda outro depoimento de uma seguidora que parece nos indicar a predominância/hipervalorização da imagem corporal no que tange à transmissão de conteúdos sobre os sujeitos: “ALGUÉM SABE QUE ANABOLIZANTES ELA USA? QUE MULHER LINDA JESUS. QUERIA ESSE CORPO DELA ❤️” Tal afirmação, supostamente descontextualizada da publicação nos

sinaliza, em conformidade com Han (2017), que “o invisível não existe” (p.34), por não possuir valor expositivo, e, assim, não chamar atenção. Invisibilidade, neste caso, expressa pelos afetos da moça descritos em sua legenda, que, frente à sua corporeidade idealizada, são desconsiderados pelo seu público de seguidores.

Dessa forma, não obstante versar sobre um tema relativo a seus relacionamentos interpessoais, ainda é o corpo, a aparência, cuja fala é ouvida, em nome do silenciamento dos outros elementos constitutivos humanos. Elementos esses aqui segmentados, hierarquizados e padronizados, visto que o uso de anabolizantes já é pressuposto e, ainda, é solicitado como orientação para se alcançar o ideal associado ao físico da jovem, o qual, neste momento, parecia não protagonizar a cena postada. Vemos que, elegendo o corpo tonificado enquanto elemento a ser seguido, até mesmo o uso de substâncias esteroides/hormônios se legitima, na contramão de todos os populares dados estatísticos sobre os malefícios e possíveis danos irreparáveis ao quadro de saúde de seus usuários.

3.1.3 Transparência nas Imagens

No que concerne à terceira categoria temática – “Transparência nas imagens” – o já mencionado Han (2017) nos embasa ao analisar os imperativos sociais que predominam na denominada Sociedade da Transparência, a qual, conforme já discorremos, forja uma proximidade digital que busca ocultar a representação/ aparência das imagens, que se produzem para e pelos sujeitos contemporâneos. Desse modo, por meio de convocações voltadas a um processo de desnudamento da intimidade, e a partir de uma égide de comunicação positiva, a sociedade da transparência tende a estabilizar o sistema vigente, ao promover homogeneização/nivelamento e eliminar o outro ou o estranho.

Portanto, em um modelo de sociedade baseado no controle, a exigência por transparência nos sinaliza que, em virtude do que existe precisar ser visto para ter valor, o excesso de exposição converte tudo em mercadoria, sendo cada indivíduo “o seu próprio objeto-propaganda” (HAN, 2017, p.31). À vista disso, é importante salientarmos desde já que consideramos aqui a falácia inerente à percepção de pura autenticidade que os discursos em torno da Transparência erigem.

Conforme refletimos anteriormente com o próprio Han (2016, 2017) e Wolff (2005), temos como alguns dos grandes riscos de se consumir ou emitir uma produção imagética (supostamente) transparente o afastamento da dimensão crítica e negativa do

pensamento e a tendência de se esvaziar a dimensão simbólica humana, a qual é ostensivamente invadida por estímulos construídos/produzidos, mas que são camuflados enquanto naturais. Dessa forma, propagam-se hoje os empreendedores de si, as novas celebridades que não precisam sequer de artefatos onerosos ou de formação acadêmica para alcançarem sucesso, pois as parcerias corretas, as indicações convenientes, as dicas motivacionais, o “flagra” familiar despreziosamente compartilhado ou mesmo a intimidade exposta podem constituir o(s) elemento(s) para o sucesso. Não sabemos exatamente qual o código de garantia para o êxito da conquista de milhões de seguidores *online*, mas parece ser cada vez mais frequente o crescimento de perfis de (ex)anônimos que buscam estabelecer um estilo transparente, franco, direto, *fiel*, com os seus novos seguidores, curiosos para saber/cobrar/tirar dúvidas sobre toda a sorte de informações partilhadas na rede.

Então, vemos delineando-se hoje um movimento de *tornar-se alguém por conta própria*, o que significa que caberia ao indivíduo estabelecer os meios para ser bem-sucedido, a partir do empreendimento em *tornar-se si mesmo*, expor sua existência e, com ela, assumir responsabilidades inéditas antes delegadas a instituições, políticas de emancipação coletiva e órgãos tradicionais que ocupariam esse lugar. (EHRENBERG, 2010). Segundo o mesmo autor, em um modelo de sociedade fragmentado e sujeito a um futuro cada vez mais incerto, o denominado “indivíduo-trajetória” caminha na direção de um governo de si. Governo esse que é atravessado pelos valores de rápida adaptação, constante mudança e flexibilidade psíquica e corporal, em virtude de a sua constante aventura empreendedora responder satisfatoriamente a um cenário de relações sociais talhado pela suspensão, pelo inacabamento. (EHRENBERG, 2010). Logo, diante dessa efervescente mercantilização dos sujeitos enquanto agências, campanhas publicitárias de si próprios, entendemos ser importante analisarmos neste tópico como os enunciados sobre o corpo se erigem tendo como base o contexto supracitado: não somente a partir dos discursos de Compulsão à Felicidade e de Atenção à Aparência, mas também dos de Transparência nas Imagens.

Destarte, no que tange ao contemporâneo apelo por exposição, por colocar em suspeita aquilo que não se submete à visibilidade, o imperativo da transparência paulatinamente elimina a negatividade (HAN, 2017) e mantém o sistema corrente, acelerado, sem pausas ou mudanças ressignificantes. Com uma comunicação engendrada para que não se desenvolva a prática da reflexão crítica, torna-se mais simples de entendermos a intensa adesão aos discursos das influenciadoras digitais, por

exemplo, hoje cobradas pelo público a compartilharem os mais íntimos e ínfimos detalhes de suas vidas. A seguir, como uma ilustração desse apontamento, trazemos a Figura 4, que nos mostra uma “Musa fitness” nacionalmente conhecida por buscar estabelecer um estilo de vida menos intenso e mais meditativo, por meio da manutenção de exercícios físicos de moderado impacto e de uma alimentação o mais natural possível, o que acarreta em uma estrutura corporal menos voluptuosa do que as demais Musas²²:

Figura 4 – “Musa fitness”: Transparência nas Imagens



Fonte: Instagram (2018).

Vemos na imagem acima a expressão tranquila e despreocupada da jovem que posa para a câmera com ares de calma e leveza, o que nem sempre é comum de ser registrado em relação à rotina de uma academia de ginástica. A aproximação atípica entre a exaustiva atividade física do aparelho – simulador de escadas – em que a Musa se encontra e a sua expressão leva inclusive uma seguidora a comentar: “Queria sair assim, PLENA... da escada!!” Essa observação pode ser compreendida como mais um indício das comparações que o público tende a fazer entre as suas vivências e as das jovens celebridades, modelos de práticas muitas vezes sequer possíveis na concretude da vida, mas viabilizadas pelos artefatos tecnológicos e convincentes de uma câmera de alta qualidade de edição das imagens; um fotógrafo profissional; um ângulo

²² Elemento que faz com que receba fortes críticas acerca do uso de filtros de edição de imagem que tornem o seu corpo mais esguio/delineado/musculoso do que realmente o é. Como exemplo, temos a seguinte matéria, disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/gabriela-pugliesi-e-8220-acusada-8221-de-usar-photoshop-em-foto-de-biquini-de-seu-instagram/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

conveniente; uma postura de contração do abdômen; o uso de maquiagens à prova d'água e afins, que findam por criar uma imagem de “Musa da vida eterna” ou de “Perfeição”.

A análise da imagem permite que observemos também a proximidade digital (HAN, 2017) ilustrada no comentário de outra seguidora, que tece um elogio à “amiga” “Musa fitness”, ao enaltecer o procedimento estético de alongamento de cílios feito pela jovem. O estilo personalizado de comunicação, bastante adotado pelas influenciadoras digitais, facilita que os seguidores deem um feedback familiarizado, como se estivessem, de fato, conversando face a face com as celebridades.

Adiante, vemos ainda o comentário de uma seguidora que parece demandar bastante atenção da Musa, uma vez que afirma ter enviado mais de 15 mil mensagens via direct²³ e não ter sido respondida. Por meio da análise do retorno do público, temos uma forma de ilustração do movimento já prenunciado por Marcuse (1975) acerca do estabelecimento de novos órgãos produtores de subjetividade e formadores de opinião cada vez mais generalistas e distantes dos indivíduos. Na imagem, percebemos como as respostas e a atenção da Musa são requisitadas por meio das várias expressões dos seguidores em aparente diálogo com a jovem, constantemente cobrada por informações/segredos/receitas funcionais, que funcionam como “Motivação” e que valem a pena ser requisitadas, mesmo que “mais de 15 mil vezes”.

Na mesma perspectiva, o comentário de uma seguidora “Um dia eu chego lá” nos transmite essa ideia de que a rotina da Musa é utilizada como um modelo, como um ideal passível de ser performaticamente alcançado. Logo, suspeitamos que as particularidades – alto poder financeiro, patrocínio de empresas indumentárias e de suplementação, academias climatizadas e equipamentos tecnologicamente ergonômicos, além dos filtros de edição de imagem, entre outros – que viabilizam às “Musas” a demonstração do corpo idealizado do consumo, são ocultadas diante da suposta transparência na exposição de si.

Diante disso, uma de nossas maiores preocupações jaz justo no fato dessas orientações, detalhes, discursos, posturas das “Musas fitness” tentarem ser adaptadas a todos, reproduzidas massivamente, mesmo que justapostas para os mais distintos e improváveis públicos. Públicos esses compostos também por pessoas com baixo poder aquisitivo; com uma jornada de trabalho/atividades já extensa; com predisposição

²³ Caixa de mensagens privada da rede social virtual Instagram.

genética/metabólica inadequada para os exercícios de alto/moderado impacto que elas realizam ou com o quadro de saúde comprometido, como no caso do objeto de estudo da nossa pesquisa. Por conseguinte, prosseguiremos a nossa análise para o público que possui a saúde comprometida, em específico, aquelas em tratamento oncológico, salientando os seus discursos sobre a corporeidade e elencando os elementos em consonância e/ou dissonância em relação à construção da imagem do corpo idealizado do consumo representada pelas ‘Musas fitness’.

3.2 CORPOS ADOECIDOS/ IDEALIZADOS – JOVENS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

“Não existe *não posso*, existe *não quero*.”

Neste segundo grupo, analisamos os discursos sobre a corporeidade de jovens mulheres em tratamento oncológico que coadunam com alguns aspectos relativos à manutenção de uma imagem corporal idealizada pela mídia. É importante retomarmos que, diante do escopo de material disponível sobre as jovens em suas redes *online*, discutiremos somente aqueles relativos à nossa problemática de pesquisa, visto que a abordagem dos demais assuntos fugiria dos nossos objetivos. Dessa forma, utilizamos inicialmente alguns filtros, como #oncologia e #carecas²⁴, para encontrar os perfis supracitados na rede social virtual Instagram. Neste espaço, atentas para as discussões relativas à imagem corporal em transformação a partir da rotina do tratamento oncológico, exploramos imagens, legendas, vídeos, comentários e também textos publicados em Blogs de autoria própria, como forma de apreender as enunciações online sobre as posições subjetivas das referidas jovens. Salientamos ainda que as Categorias Temáticas elencadas na análise anterior se mostram também presentes nos discursos dos dois grupos de jovens em tratamento oncológico, e serão enunciadas no transcurso destas subseções, na medida em que forem expressas – direta e/ou indiretamente – pelas moças em questão. Em virtude de estarmos lidando neste espaço com enunciados subjetivos, plurais e, por vezes, sutis e controversos, optamos por realizar uma análise afinada com a dinâmica de abordagem das jovens sobre a corporeidade.

A princípio, observamos neste grupo a relevância dada à manutenção de um aparência física dentro de moldes idealizados, o que nos fala da categoria “Atenção à

²⁴ Partimos de *hashtags* generalistas para encontrar algumas mais específicas, tais como #QuimioterapiaeBeleza, #Cabelonãodocumento, #ViverPlena e #OutubroRosa.

Aparência”, a qual será uma constante para esse conjunto de jovens. Percebemos também a nítida presença de um discurso sobre a manutenção de uma autoimagem próxima dos padrões idealizados sendo considerado uma “batalha consigo própria” passível de “ser vencida” e compartilhada na rede. Discurso que será mais especificamente esmiuçado em seguida, na análise das expressões gerais das jovens sobre a temática e também em um subtópico ao fim desta discussão, que, por ser bastante significativo dos dados estudados no primeiro momento, será explorado separadamente.

Iniciamos a nossa análise refletindo sobre um elemento de grande destaque nos perfis analisados, que possui estreita semelhança com a categoria “Felicidade Compulsória” e dialoga ainda com a categoria “Transparência nas Imagens”, qual seja a perpetuação de um máximo ideal de eficiência humano, passível de ser amplamente replicado diante de toda a “sua franqueza”. A propagação de chamadas acerca de um controle cognitivo que traz ao indivíduo a possibilidade de agir sobre o mundo de modo voluntarista, sem quaisquer preocupações restritivas ou determinantes sociais, é qui bastante presente, o que se mostra consoante com a crítica empreendida sobre os enunciados da Psicologia Positiva (Binkley, 2010), nos quais se acredita potencializar emoções felizes por meio da manipulação direta dos pensamentos.

O exercício de tal domínio sobre os pensamentos nos tornaria sujeitos mais livres para atuarmos em todas as esferas de nossa vida, além de mais exitosos nos distintos projetos nos quais nos inseríssemos. Seguindo esta abordagem, trazemos um excerto transcrito de uma série de *Stories*²⁵ salva no perfil de uma das jovens deste primeiro grupo, @Instagram1. O tópico é marcado pelo título: “Desafio da Prancha” e dispõe – em meio à filmagem de si mesma executando o exercício físico de contração e isometria abdominal em uma academia de ginástica – a seguinte discussão, datada de junho de 2018:

A gente tem muito a mania de limitar as nossas capacidades. A nossa mente limita o nosso corpo. [...] Olhando a minha vida de uma maneira geral, eu percebi que a minha mente sempre era condicionada a fazer as coisas no tempo que eu pré-determinava e eu não achava isso legal. [...] Então eu me propus a tentar fazer esse exercício que eu faço 1 segundo a mais a cada dia. Ele não é nem um exercício físico, é um exercício mental, permitindo que o meu corpo faça mais. Esse exercício faz com que a minha mente não exerça tanto domínio sobre as minhas capacidades. É simples assim. [...] E isso eu

²⁵ Função do Instagram que permite ao usuário gravar vídeos curtos e expor no seu perfil por 24 horas ou manter salvo e até mesmo segmentado por classes no layout de cada conta.

tento levar para cada área da minha vida. [...] Se você quiser fazer e mandar foto pra mim, é um prazer receber. Marca a #1SegAMaisACadaDia e a gente vai se falando. (@Instagram1)

As enunciações da jovem tematizam acerca de aspectos como autossuficiência da cognição e recompensa frente ao esforço. Ela salienta que o desafio que está propondo funciona como um meio para o sujeito transpor as fronteiras impostas por sua “mente”, a qual é posicionada como agente limitante. Enquanto um “exercício mental”, que supostamente auxilia o corpo a desobstruir as suas potencialidades, podemos inferir que a “libertação física” de quaisquer “aprisionamentos cognitivos” é enunciada aqui como prática motivacional e inspiradora para aqueles que almejam também “apoderar-se de si próprios”.

Em seguimento a essa perspectiva, de acordo com o best seller de psicologia popular, *The how of happiness*, de Sonja Lyubomirsky, Binkley (2010) explica que os maiores empecilhos para a felicidade se expressam justamente na relutância em agir por conta própria e em apropriar-se de sua vida, discurso fortemente presente também nas publicações das “Musas fitness”. Além disso, percebemos a identificação da jovem com a figura das influenciadoras digitais estudadas, uma vez que ela se posiciona como alguém que incentiva e orienta seus seguidores a progredir. Progresso avaliado aqui não apenas no que se refere ao embelezamento de si, mas também – e principalmente – à quebra de empecilhos que “infligimos a nós mesmos” quando nos limitamos frente às nossas capacidades, o que, a longo prazo, resultaria por um suposto poder incondicional humano.

Na mesma linha crítica, Freire Filho (2010) dialoga com a discussão acima ao abordar os preceitos da Psicologia Positiva, que apontam a dedicação a um programa de práticas de condicionamento mental e de gestão emocional como condição para o sujeito se *tornar feliz*. Em consonância, vemos como esses preceitos têm se incorporado nos discursos do indivíduo comum, que, independentemente de ter tido contato direto com a área em ascensão²⁶, coaduna com os seus pilares e reproduz os seus princípios voltados a aquisição de uma “Felicidade Compulsória”. Princípios esses que, de modo geral, não se afastam muito das “verdades/garantias intuitivas” popularmente conhecidas, confirmando máximas de sabedoria já bastante difundidas pelos especialistas da autoajuda, mas que agora recebem considerável legitimação por parte de dados espetaculares e de pesquisas imponentes de alto orçamento (FREIRE FILHO,

²⁶ Referimo-nos aqui aos meios formalizados de compartilhamento do material da área, como palestras, livros, cursos de formação e afins.

2010). Desse modo, a difusão de seus pilares facilmente cresce nos mais distintos espaços de inserção do indivíduo, funcionando como uma orientação absoluta aplicável em qualquer circunstância:

Tudo depende, em última análise, dos esforços cognitivos e comportamentais efetuados pelos indivíduos para regular o foco de suas vidas. Afinal, somos capazes de ligar a “positividade” e de mantê-la acesa por mais tempo todas as vezes que o desejamos. (FREIRE FILHO, 2010, p. 65, grifo do autor).

Congruente com o trecho anteriormente elencado, recortamos algumas publicações de uma jovem (@Instagram2) que nos apresenta a possibilidade de “Viver Plena” – título do seu Blog pessoal – não obstante todas as adversidades da rotina de uma pessoa acometida por algum tipo de câncer. A apresentação de sua história se assemelha a um manual de direitos e de deveres, mas cujas obrigações prevalecem sobre os privilégios, como o de poder se abater em alguns momentos, mas ciente de que se deve superar tal estado, o que nos sinaliza uma afinidade com as categorias “Felicidade Compulsória” e “Atenção à Aparência”. Em seus enunciados, mais uma vez notamos a ênfase na imprescindibilidade de controlar os próprios pensamentos e sentimentos como a chave para a realização pessoal. No trecho a seguir, datado de 19 de outubro de 2017, esse controle é salientado como base para a transformação benéfica do bem-estar e da imagem corporal da jovem em questão, que considera urgente alertar a possibilidade de manutenção da aparência física de pessoas em tratamento oncológico:

Culturalmente conhecido como inevitável, a perda da imagem corporal gera desespero aos que são diagnosticados com câncer. Em mulheres com câncer de mama o desconsolo e o medo se tornam mais destrutíveis que a doença. Já ultrapassado o paradigma de atividade física e tratamento quimioterápico, é de extrema urgência alertar pacientes para a possibilidade de manutenção de sua imagem corporal. Um grande aliado será a prática de exercícios físicos que lhe trarão não só manuseio dos efeitos colaterais do tratamento como também oxigenação positiva da mente. Por experiência vivenciada, posso afirmar, que a musculação pode e deve ser mantida durante todo o tratamento do câncer de mama. [...] Não há doença que resista em um corpo fortalecido e uma mente positivamente direcionada. [...] Não desanime se o entusiasmo faltar, e nem se condene por isso, momentos de fraqueza acompanham o processo de tratamento, mas quem define a qualidade e a intensidade de seus dias, é você, somente você. Me exercitar diariamente, multiplicou minha tolerância ao tratamento, melhorou o prognóstico da doença e, aliado a uma reeducação alimentar, me elevou a um patamar físico que eu nunca tinha alcançado antes do diagnóstico. Não tive perda de imagem corporal, tive grande melhora dela, esteticamente e emocionalmente sou muito superior hoje #viverplena#viverplenablog#doencascronicas#fisiologiadooexercicio#comidadeverdade#outubrorosa (@Instagram2)

Na legenda acima, que é da mesma autora do trecho utilizado como referência para a identificação desta sessão, a jovem demonstra em tal postagem um teor hostil de

convocação à prática regular de exercícios, por partir do pressuposto de que ela precisa esforçar-se mais do que um sujeito que não é diagnosticado de câncer. Ao enunciar que “*Não existe não posso, existe não quero*”, ela qualifica suas ações como escolha, como ato de vontade, não admitindo justificativas que inviabilizassem a prática dos exercícios. Além disso, em virtude de tal atitude ser passível de ser tomada por qualquer um, podemos inferir um teor de desqualificação daqueles que optam diferente ou não conseguem seguir o seu mandato. No caso, então, eles *poderiam*, mas, conforme a sua leitura, confortavelmente conservam-se em um fluxo de desmotivação e negatividade, ao não *quererem* transformar-se. Além disso, vemos no excerto acima ainda o forte poder atribuído à “vontade do indivíduo”, em virtude de a jovem nos afirmar que “Não há doença que resista em um corpo fortalecido e uma mente positivamente direcionada”, sendo aqui a “qualidade e a intensidade dos dias” definida diretamente pela própria pessoa.

Diante do exposto, percebemos que as suas colocações se mostram congruentes com a instrumentalização da subjetividade adotada pelo ângulo da Psicologia Positiva. Nele, notamos que há um esquecimento acerca das determinações que assolam o homem enquanto um indivíduo civilizado, quais sejam de ordem econômica, orgânica, histórica, social, familiar e pulsional, em nome de um ilusório poder absoluto e supremo sobre si. Recaindo, portanto, em uma suposta onipotência, característica da cultura do narcisismo, vemos que a solidariedade frente ao semelhante entra hoje em desuso, visto que, para alcançá-la, as relações interpessoais precisariam ser atravessadas pela alteridade, pelo reconhecimento do outro em sua singularidade e diferença (BIRMAN, 2007). A “Atenção à Aparência” parece sobrepujar outras modalidades de cuidado, seja um cuidado genuíno com as suas íntimas demandas ou com as dos demais.

Congruentes com Birman (2007), sabemos que o marco da subjetividade na denominada cultura narcísica é justamente a impossibilidade de reconhecer o outro em sua diferença radical, por não se conseguir descentrar-se de si mesmo. Em suas palavras, ao refletir sobre o sujeito da contemporaneidade, o autor afirma que “O que lhe interessa é o engrandecimento grotesco da própria imagem. [...] O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para essa função abjeta”. (BIRMAN, 2007, p. 25). Sobre essa conjuntura, vemos a imagem referenciada ao trecho anterior da jovem na Figura 5, a qual, observada isoladamente, de modo muito provável poderia ser considerada uma publicação de alguma “Musa fitness”, não apenas pela exposição de

uma aparência normatizada, mas pela marcação dos “parceiros” e pelo destaque dado ao haltere junto ao corpo tonificado:

Figura 5 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2018).

Temos no exemplo acima uma ilustração desse processo de exaltação das potencialidades humanas que é demarcado também por uma imposição sobre o outro (desconhecido). A sua própria associação entre a rotina do adoecimento com a de exercícios físicos, de acompanhamento personalizado por médicos, nutricionistas e educadores físicos funciona como uma legitimação sobre aqueles que também vivenciam o adoecimento. Como foi possível para ela, “deve também sê-lo para os outros”, conforme vemos na legenda da publicação que a “musculação pode e deve ser mantida durante todo o tratamento do câncer de mama”.

Parece-nos haver neste espaço o estabelecimento de garantias quando, na realidade, não dispomos de muitas certezas, seja em uma situação de quadro de saúde estável ou principalmente em um comprometido com o câncer. Adiante, em outro momento, datado de 15 de setembro de 2017, a mesma jovem conclui uma de suas postagens com um tom imperativo e alarmante em suas orientações, que advertem contra o processo veloz de definhamento dos nossos organismos. Percebemos em seu discurso, mais uma vez, que seria indispensável buscar a qualidade de vida, e a manutenção da “boa” aparência, algo que, novamente em suas enunciações, “pode e deve” ser exercido por todos:

Deixe de se enganar, os resultados estéticos e na saúde serão proporcionais ao seu esforço. Seja protagonista das melhorias em seu corpo não espere que inventem uma pílula mágica, sua saúde, infelizmente, não sabe esperar, ela tem seu ritmo próprio, e ele é rápido e cruel. (@Instagram2, sic.)

A respeito desta discussão sobre a busca por uma rotina dentro dos moldes do “governo da saúde”, de acordo com Costa (2004), a contemporaneidade inaugura um processo de “renaturalização” das condutas humanas. Processo esse que retrata os valores atuais a partir de um triunfalismo cientificista, de modo que o que antes era mensurado por critérios de ordem religiosa, ética ou política passa a ser avaliado por métodos de controle e validação experimentais. Logo, na denominada cultura somática, a virtude moral deixa de ser o único padrão para referendar uma boa vida, em virtude de, hoje, o “Bem” também ser definido pela proximidade ou distância da “qualidade de vida”, o que finda no aperfeiçoamento corporal ser posto no mesmo patamar das finalidades cívicas (COSTA, 2004).

Sobre esse contexto, a “cultura do corpo” é uma expressão utilizada como recurso de ênfase para acentuar o fato de as identidades contemporâneas terem no corpo um referente privilegiado. Em tal cenário, no qual definimos o *que somos e o que devemos ser* a partir de nossa aparência física, novas concepções morais de normalidade e de desvio são criadas. Nelas, os normais são os que manifestam vontade forte, exercendo o domínio do corpo e da mente, consoantes com os preceitos da famigerada “qualidade de vida”, enquanto os *desviantes*, “estultos”, representam os “incompetentes” frente aos mesmos preceitos, logo, os sujeitos considerados *fracos de vontade* (COSTA, 2004).

Ao identificar-se como uma “forte de vontade”, a jovem do @Instagram2 se posiciona enquanto um sujeito em um estágio de desenvolvimento “mais elevado” diante dos demais. Em mais um excerto do seu perfil, ela “desafia” os seus seguidores a se “desenvolverem”: “Já pensou em sair da sua zona de conforto e evoluir?” (Datado de 18 de novembro de 2017). De modo constante, percebemos que a sua história é utilizada como pano de fundo para tornar fidedigno o apelo à manutenção de uma imagem idealizada, neste caso, considerada uma conquista de “evolução”, que é derivada da saída da “zona de conforto”. Além disso, na Figura 6, ela nos convoca a fazermos “a nossa parte”, enquanto uma chamada para não nos mantermos inertes, apenas “reclamando”, dado que isso se configuraria como atitude “#mimimi”, ou seja, uma justificativa não legítima frente a uma problemática apresentada:

Figura 6 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência e Transparência nas Imagens



Fonte: Instagram (2018).

Conforme vemos na Figura 6, ao termos qualificada a chamada da jovem como de teor informacional e motivacional pelos seguidores, podemos inferir que a denominada saúde, designada em 1948 pela Organização Mundial da Saúde (OMS)²⁷ como completo bem estar físico, emocional e social e não somente ausência de enfermidades, assume aqui contornos bem específicos. Divergindo da perspectiva adotada pela Secretaria de Educação em Saúde²⁸, segundo a qual meio social e individual se interconectam no que tange à complexa qualificação saudável/adoecida dos sujeitos, vemos cotidianamente a dispersão de expressões meritocráticas – tal como “*Faça sua parte.*” (Figura 6) – que congratulam ou culpabilizam o indivíduo por seu estado. Esses discursos findam por nos dizer que “o estar saudável” é algo cada vez mais associado às nossas escolhas, não tendo mais tanta relação com o resultado concreto dos nossos exames médicos.

Tal abordagem de orientação generalista é fortemente manifesta pelos enunciados das “Musas fitness”, que são aqui reproduzidos – tendo a Figura 6 expresso a semelhança ainda mais abertamente, por meio tanto do posicionamento da autora da publicação quanto do feedback de uma seguidora. A suposta “Transparência nas Imagens” emerge como elemento necessário para que haja essa identificação entre os

²⁷ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro092.pdf>. Acesso em: 4 ago de 2018.

²⁸ *Ibid.*

discursos da jovem adoecida aos das seguidoras, que alegam “aprender muito com ela”. Concebemos que, como consequência dessa reprodução em larga escala, pode-se induzir o sujeito a travar uma guerra encarniçada contra o próprio corpo, talvez desrespeitando ou violentando suas particularidades (COSTA, 2004). Desse modo, na eterna procura por manter-se com “saúde”, expressa pela imagem corporal, a sustentação dessa aparência normatizada parece legitimar que o sujeito se sinta saudável, a despeito do seu diagnóstico. Mais uma vez, observamos a imponente “Atenção à Aparência” ocupando um lugar de maestria. Logo, a “Minha musa fitness” (Figura 6) de hoje parece não precisar mais ser uma jovem que exale vitalidade por meio de um quadro de saúde sem quaisquer alterações clínicas/orgânicas, mas sim aparentar a imagem de alguém assim. É o que observamos também neste excerto, datado de 23 de setembro de 2017:

Será que uma doença grave pode determinar sua qualidade de vida? Nestes casos o estilo de vida tem ação principal no processo de controle da doença. [...] Eu, com certeza tenho uma qualidade de vida muito superior a muitos com idade inferior a minha e sem enfermidades equivalentes. (@Instagram2)

Corroborando o enunciado anterior, a jovem do @Instagram3 também aponta a diferença entre a sua condição física com a de sujeitos não adoecidos como um fator ímpar motivacional na busca por melhorias na sua aparência corporal. Vemos, então, a famosa chamada “*Qual a sua desculpa?*” com uma nova roupagem, mas que transmite a mesma mensagem (compulsória) de universalidade da busca por um corpo idealizado. Em uma postagem realizada no dia 16 de maio de 2018, a moça convida seus seguidores a fazerem o uso de uma linha de produtos com potencial emagrecedor e “reprogramador” cerebral, oferecendo vantagens e promessas diante da aquisição da mercadoria, como é tão comum de vermos entre as influenciadoras digitais.

Dessa forma, novamente vemos uma associação entre felicidade/grandes expectativas de mudança pessoal e um projeto de aperfeiçoamento corporal, o qual, dito de modo indireto, é expresso pelo constrangimento em expor sua aparência atual e pela euforia abraçando os produtos supracitados na publicação. A autoimagem fora do padrão idealizado precisa neste momento ser escondida, sendo apenas demarcada pela “alarmante” numeração expressa na balança ao fundo do espaço. Além disso, vemos ainda um teor de justificativa para o seu aumento de peso diante da enunciação do uso dos corticoides e do incremento de pão na sua dieta, “por ser um alimento que o seu organismo não rejeitava em períodos de náusea”. Como uma espécie de necessidade de

“se explicar”, ela dá satisfações ao público do seu “inquietante” estado atual. Contudo, a esperança de transformação depositada nos produtos é bastante explícita pela expressão otimista e pela descrição realizada na legenda. Podemos visualizar a situação descrita conforme a Figura 7 a seguir:

Figura 7 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Transparência nas Imagens



Fonte: Instagram (2018).

O fato dela não mostrar o seu corpo na publicação dialoga com Han (2017) quando o autor comenta que o valor expositivo presente na denominada Sociedade da Transparência depende sobretudo da bela aparência. Assim, “a coação por exposição gera uma coação por beleza e por *fitness*; de modo que a “operação beleza” tem como objetivo maximizar o valor expositivo” (HAN, 2017, p. 34, grifo do autor). Dessa forma, a promessa da otimização da autoimagem é lançada na Figura 7, e, por enquanto, apenas visualizamos a sua intenção declarada de mudar, conforme lemos na continuação da legenda acima:

[...] Eu preciso voltar ao meu peso normal para CIRURGIA, pois será melhor para minha recuperação e reconstrução da mama. Tirei foto 📷, NAO TIVE CORAGEM DE POSTAR !!! 😞😞😞... Só vou postar a balança que pesei ontem 79kg😁!!! Tudo voltando ao normal!! E com a linha Zen será muito mais fácil e saudável, se eu paciente quimioterápica pode ! Vc tambem pode!!! Vem.comigo. [...] (@Instagram3, sic.)

Observamos ainda na legenda que o formato do convite “Vem comigo” possui uma carga homogeneizante, uma vez que nos diz que não há limites para “irmos”, pois, se uma “paciente quimioterápica” pode, todos também teriam condições de fazê-lo.

Percebemos que, em maior ou menor intensidade, essa convocação que desconsidera as particularidades do tratamento ou do manejo da vida que cada um leva mostra-se bastante frequente. Em outra postagem do mesmo perfil, expressa na Figura 8, vemos a jovem posando com os músculos da região superior do corpo salientes e à mostra. Ela versa sobre o seu retorno à musculação e o desagrado diante da necessidade anterior de interromper a rotina de treinos na academia, consequência do tratamento oncológico, o que provoca mudanças na sua definição muscular, que são jocosamente mencionadas na publicação.

Neste momento, não obstante relatar algumas mudanças corporais, ela se mostra mais segura no que se refere à sua imagem, por ter voltado a se exercitar, de modo que, aqui, o seu corpo é visto (Figura 8). Além disso, um dos pontos que também nos chama atenção é justamente o comentário de uma seguidora que diz: “Isso mesmo, foco!! O importante é não desistir, que isso só irá te fazer bem! Um beijo enorme em você, minha guerreira! 🏋️‍♀️❤️👊👊👊👊👊”. Seguindo a mesma tendência de escrita com os *emojis* representando força, a seguidora faz uma leitura da atividade física como sinal de perseverança, qualificando-a como algo que só trará benesses e ainda ressaltando que o importante é permanecer em ação, em alusão à legenda da postagem, na qual a jovem relata o seu afastamento temporário da musculação. Novamente vemos o discurso sobre a preocupação com a aparência ocupando a centralidade do reconhecimento social sobre a rotina da paciente oncológica, que, neste caso, fora intitulada de “guerreira”, muito provavelmente por mostrar possível a conciliação do tratamento com a atividade física:

Figura 8 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2018).

Ao analisarmos esse enaltecimento da ação de estar de volta à prática dos exercícios, remetemo-nos ao seguinte questionamento: “Já que o essencial é ter foco e continuar, o que acontece *se desistirmos?*” Estaria aí implícita a prerrogativa de que, sob nenhuma circunstância, desistir seria uma opção legítima? Além disso, tem-se como pressuposto que a permanência na rotina de treinos apenas traz benfeitorias, mas sabemos que, tanto pelas particularidades do prognóstico de cada paciente como pelas peculiaridades do ambiente de academias de ginástica, em muitos casos – como em um comum quadro de neutropenia, que torna o paciente mais suscetível de contrair uma infecção – essa conjugação não é recomendada.

Sobre essa discussão de indispensável relevância dada a “Atenção à Aparência”, notamos ainda o semblante de satisfação da jovem na Figura 8 em contraste com a sua expressão na imagem anterior (Figura 7), na qual ela conota preocupação diante do aumento do seu peso. O júbilo frente à manutenção de exercícios aqui é nitidamente expresso pela sua postura, sorriso e uso de *emojis/hashtags* de encorajamento. Na mesma perspectiva de valorização do papel da academia de ginástica no cotidiano do sujeito contemporâneo, vejamos a seguir uma postagem do perfil público, @Instagram4 – que abertamente sustenta a aproximação idealizada entre o exercício muscular e a rotina do paciente oncológico –, e por meio da qual vemos que o treino físico é identificado como um dever:

Figura 9 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2019).

Conforme vemos pela própria autora da publicação, a caminhada, uma atividade física de menor intensidade, é tida como diversão, e não a isenta do compromisso com o prática do “treino”, exercício de força e de maior exigência muscular. Em seguida, o primeiro comentário da lista é de uma profissional da saúde que reitera a importância dessa modalidade de atividade para outra seguidora, também em tratamento oncológico, a qual, por sua vez, responde em concordância: “Se pensar que é algo adicional ao treino fica melhor”. Aqui parece não haver espaço para a negação, mas sim para um acúmulo de idealizações que finda por sobrecarregar ainda mais o indivíduo, este que busca encontrar uma leitura que faça sentido para a ideia de ter de administrar duas modalidades de atividade física em meio à conjuntura do adoecimento.

Por fim, vemos o comentário de outra paciente oncológica que expõe sua dificuldade em assimilar a rotina dos treinos concomitantemente às sessões de quimioterapia. Diante da aparente plena possibilidade de harmonização entre os dois contextos, ou ainda, *obrigação*, ela se questiona sobre a organização empreendida pela autora da postagem para viabilizar essa associação. A seguidora afirma se sentir “péssima” por não ter “força de fazer” (Figura 9). Eis aqui uma de nossas grandes preocupações no que tange a esses discursos de cunho “*Agora sim!*” que, legitimados a partir da preocupação com a saúde dos indivíduos, parecem homogeneizar as tão plurais experiências subjetivas ou mesmo objetivas/orgânicas dos sujeitos, disseminando o ideal de que “*tudo no seu tempo, só não da pra passar demais*” (sic.), conforme podemos visualizar em um comentário da postagem em questão.

Diante disso, sinalizamos que não há, de fato, uma escolha eminentemente autônoma, posto que, em menor ou maior tempo, não se pode deixar de agir em conformidade com o esperado, neste caso, na busca pelo corpo idealizado do consumo. Com isso, discordamos da percepção de Lipovetsky (2005) em relação ao estabelecimento atual de um novo modelo de sociedade flexível, cujos valores estariam voltados para o reconhecimento das exigências singulares e funcionariam conforme as aspirações individuais do homem contemporâneo. O autor argumenta que o regime de subordinação do indivíduo a regras racionais coletivas fora desintegrado, estando ele hoje atravessado por um processo de personalização que respeita a sua particularidade (LIPOVETSKY, 2005).

Sobre esse aspecto, a nossa reflexão nos diz que não podemos negar a instauração de mudanças no que se refere ao agenciamento de um controle menos rígido sobre os sujeitos das sociedades contemporâneas, de modo que há, como já discutimos

anteriormente, formas sutis de administração de suas vidas. A este respeito, os estudos frankfurtianos, por sua vez, como já enunciamos, são afinados com a crítica à liberdade ilusória que é difundida pelos veículos de integração da Indústria Cultural. A citação abaixo nos fala sobre isso:

[...] a máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco [...] Nada deve ficar como era, tudo deve estar em constante movimento. Pois só a vitória universal do ritmo da produção e reprodução mecânica é a garantia de que nada mudará, de que nada surgirá que não se adapte. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 111).

Uma possível implicação disso, do *giro* que simula o nosso deslocamento, é justamente a adesão aos discursos de roupagem motivacional que dão a impressão de que basta apenas a boa-vontade do indivíduo para que este alcance as venturas da vida. Diante disso, vemos que esses sujeitos não são livres, emancipados ou considerados em suas peculiaridades, estando ainda na contemporaneidade cerceados por processos de integração ao sistema, sejam eles provenientes do meio ou também reproduzidos por eles mesmos, conforme observamos na última imagem ilustrada (Figura 9).

Já em outro perfil da mesma rede *online*, @Instagram5, notamos mais uma vez como o organismo é entendido de modo fragmentado em setores que exerceriam poder sobre a vida do indivíduo. Dessa forma, o cuidado com o corpo, com a mente e com a alma possibilitaria a cura de quaisquer males. Adiante, analisamos, com a leitura das *hashtags*, que a referência ao adoecimento é associada apenas a sentimentos e ações benéficos, como “sorrisos, alegria, endorfina, ânimo, determinação, força e muito feliz”, o que nos sugere à seguinte proposição: Na era do culto ao positivo, não existe espaço para o sofrimento, diante da corrida pela “Felicidade Compulsória”. Conforme já mencionado por outra jovem, corrobora-se na legenda abaixo – datada de 18 de julho de 2018 –, a frase “*Não existe não posso, existe não quero.*”:

Cuida do que te CURA.... CABEÇA, CORPO E ALMA.... E eu falo isso com propriedade essas três coisas andam altamente conectadas e são responsáveis por todo o resto na sua vida..[...] Cuide do seu corpo, ele é o seu templo, o lugar onde você mora, cuide da sua mente, ela é responsável por todas as suas escolhas e consequências, cuide da sua alma e do seu coração, pois é o que você deixa na vida das pessoas, a forma como você toca a vida e no coração do próximo, a mensagem, a diferença que vc faz deixando um pouco de si e levando um pouco do outro ❤️ 📌👤 Se esforce pra se tornar quem você sempre admirou e quem, quem você sempre quis ser, é uma realização pessoal indescritível!!!!...[...] #oncologia #oncofitness #academia #treino#força #determinacao#alimentacaosaudavel #academiariobranco#instafit #animos #endorfina #sorrisos#alegria #foconoobjetivo #selecionando#muit

ofeliz #medicina #medicinapreventiva#medicinaesportiva (@Instagram5, sic.)

Ao lermos o trecho, percebemos que não há qualquer menção de desconforto ou sequer de teor pesaroso/incômodo sobre a primeira *hashtag* referenciada, #oncologia, que usualmente resume a temática principal abordada na publicação em questão. Logo, notamos que hoje mostra-se cada vez mais comum falar sobre oncologia utilizando somente termos felizes e motivadores, como se o sofrimento e as dores inerentes ao seu processo de tratamento fossem inexistentes ou irrelevantes. Sobre a mesma discussão, o excerto acima corrobora a reflexão de Bruckner (2002) que versa:

Não somente prazer, saúde, salvação se tornaram sinônimos, pois o corpo passou a ser o horizonte inexcelsível, mas sobretudo se tornou suspeito não se sentir radiante. Por significar a transgressão de um tabu, todos se sentem obrigados à realização máxima. (BRUCKNER, 2002, p. 58)

Em consonância com o exposto, apresentamos a seguir uma imagem extraída dos *Stories* salvos da mesma jovem que, novamente, consagra a ode à felicidade nos tempos atuais, não obstante se encontrar em uma situação naturalmente incômoda. Vejamos na Figura 10 o seu posicionamento com relação a um episódio de internação hospitalar, no qual ela mostra o acesso feito no braço e o cateter (tubo flexível introduzido na artéria) no pescoço:

Figura 10 – Jovem Adoecida e Corpo Idealizado: Felicidade Compulsória



Fonte: Instagram (2018).

As análises empreendidas neste segundo grupo nos levam a inferir que, independente das contingências, temos o dever de sermos felizes, mesmo que esse movimento nos custe riscos para a saúde ou não sermos congruentes com o nosso contexto. Na Figura 10, vemos expressa uma ilustração bastante significativa dessa perspectiva cultural contemporânea: “Retalhada, mas feliz.” O que, então, precisaria acontecer para nos desapropriar da felicidade, a qual mais parece uma constância do que um estado, em nossas vidas? A busca pela embriaguez extática descrita por Giannetti (2002) nos parece ainda mais imponente à medida em que possuímos mais recursos para compartilharmos os detalhes de nossas vidas para o mundo. A ordenação do presente parece ser: “Compartilhemos tudo, mas apenas com os filtros apaziguadores e encantados de uma imagem de si e do mundo idealizada”.

Em uma postagem mais recente da mesma jovem, @Instagram5, datada de abril de 2018 em seus *Stories*, parece termos a resposta da questão anterior. Na imagem, vestida com roupas de academia, a moça subscrive no curto vídeo salvo no Instagram a seguinte enunciação: “Se entregar? Jamais... Força na peruca”. Talvez o questionamento deva ser com relação ao que entendemos por *ceder, dar vazão aos afetos*, sejam eles complacentes ou de mal-estar. Aparentemente o retiro, a reclusão, o desligamento, o *parar*, mesmo que temporário, frente às atitudes rotineiramente adotadas, como a busca por uma imagem corporal padronizada, é considerado um ato de fracasso, que *jamais* deve ser concebido.

Percebemos, então, que o *Ser feliz* tem cada vez mais assumido ares de regularidade, o que enfatiza a forte presença da categoria “Felicidade Compulsória” também neste espaço. Sobre tal horizonte de reflexão, Freire Filho (2010) discute acerca do estabelecimento contemporâneo de um modo de leitura a partir das “auspiciosas” lentes da Psicologia Positiva que, ao encenarem uma era de “prodigioso otimismo”, buscam edificar existências “cronicamente felizes”:

A felicidade não é mais concebida como um *estado de exceção*: pode ser vivenciada ininterruptamente, amplificada indefinidamente e prolongada até o fim de nossa existência. Está atrelada, apenas e tão somente, à livre determinação moral do indivíduo para engajar-se em sua reforma e em seu crescimento pessoal (independentemente da precariedade dos recursos econômicos, educacionais e culturais de que dispõe.) (FREIRE FILHO, 2010, p. 55, grifo do autor)

Diante disso, vemos que o enunciado da jovem corrobora a prerrogativa da Psicologia Positiva sobre o governo da felicidade, que tanto se exprime hoje, como uma forma de nos mantermos sempre ativos, frenéticos e produtivos, e, assim,

satisfeitos/jubilosos diante do sistema em que estamos inseridos. Na busca pela excelência de si, caminhamos na direção de uma gestão das emoções que tende a afastar tudo aquilo que obstaculize a fluidez dos nossos empreendimentos, visto que esses sinais podem ser interpretados como um desinvestimento em si, um “entregar-se”, e, essa opção, “*jamais*” será válida:

O trabalho da felicidade, é, portanto, uma atividade que exige que o sujeito feliz treine seus esforços sobre esse objeto que obstrui e obscurece a ação, a atividade e a liberdade de agir em seu próprio interesse, que é a felicidade em si: os pensamentos e hábitos que desviam da ação autônoma. (BINKLEY, 2010, p. 96)

Por fim, em decorrência das análises aqui empreendidas, consideramos ainda relevante enunciarmos no subtópico a seguir uma discussão sobre a expressão objetivada do **fenômeno Oncofitness**, que nos pareceu muito significativa no que tange aos elementos apresentados neste grupo de jovens adoecidas. Por mais que a temática tenha sido indiretamente abordada neste primeiro momento do estudo, acreditamos ser importante a sua análise também de modo mais direto em virtude de tratamos a seguir de corporações e de pessoas que abertamente não apenas se identificam com o movimento Oncofitness, mas exercem influência sobre seus seguidores, os quais, em tom de solicitação, de incômodo ou de reprodução mostraram-se atravessados pelas demandas expostas. Desse modo, em uma junção não convencional de campos tradicionalmente intangíveis, a observação desse ramo de trabalho/filosofia de vida/programa motivacional em forte difusão pode contribuir com as nossas reflexões acerca das formas de adesão aos discursos de Felicidade Compulsória, de Atenção à Aparência e de Transparência nas Imagens – nossas categorias privilegiadas.

3.2.1 O Fenômeno Oncofitness

O movimento Oncofitness® hoje adota não somente a ideia original de uma empresa privada, como também um estilo de vida de pessoas diagnosticadas com algum tipo de câncer e que optam por manter uma rotina de exercícios físicos regulares e por seguir uma dieta alimentar afinada aos seus objetivos. Desenvolvida em 2008 por dois profissionais da área da saúde, a marca cujo slogan é “Atividade física para pacientes oncológicos”, mostra-nos em sua página oficial do Instagram – atualmente com cerca de 11 mil seguidores – que se propõe a realizar “Prescrição dietética e de exercícios baseada em evidências científicas”. Tanto no seu site, como nas suas páginas *online*, vemos a tendência das postagens em legitimar o discurso de seus idealizadores por meio

da divulgação de links de pesquisas publicadas em periódicos internacionais que abordem a temática da publicação em vigência.

Com as suas chamadas, eles buscam atestar a eficácia da associação entre a prática sistemática de exercícios e de uma dieta específica em relação ao aumento da expectativa de vida e à redução dos principais efeitos colaterais do tratamento de um paciente oncológico. Matérias como “Exercício diminui a mortalidade de pacientes com câncer”, “O potencial efeito anticâncer da creatina²⁹”, “O exercício fortalece nossas defesas naturais anticâncer” e “Ação anticâncer do exercício – Parte I/II” ilustram-nos a importância atribuída à manutenção de uma grade regular de exercícios físicos e de suplementação para a melhoria do prognóstico de pacientes oncológicos ou mesmo para se evitar que haja tal acometimento.

Dessa forma, refletimos que a famigerada díade “exercícios e reeducação alimentar” mais uma vez se fortalece como um dos pilares dos discursos contemporâneos em prol da denominada “qualidade de vida”. Poderíamos empreender, com isso, que o sujeito adoecido em parte é responsável pelo seu quadro de saúde, visto que poderia ter incorporado atividades físicas em sua rotina de modo preventivo ou mesmo durante o tratamento, com o objetivo de atenuar os efeitos do mesmo. Esses discursos, ainda que se sustentem em pesquisas realizadas fora do contexto sócio-cultural dos pacientes ou mesmo que ainda sequer tenham sido aplicadas em seres humanos – como no caso do estudo sobre “o efeito anticâncer da creatina” – são compartilhados tanto por meio das páginas *online* oficiais da empresa, como pela incorporação dos seus pilares no cotidiano de indivíduos não diretamente vinculados à instituição. Com isso, vemos não somente a adesão de sujeitos que frequentam as academias/os institutos parceiros da marca, e que consomem diretamente a proposta da prescrição dos treinos e das dietas indicadas, como observamos o estilo de vida compartilhado por pessoas em todo o País que se identificam com a ideia de unificarem a rotina *fitness* à rotina de paciente oncológico. Visualizamos isso por meio do uso público das *hashtags* próximas #oncofitness, #dietaanticancer, #cancercomleveza, e #nutricaooncologica que, juntas, somavam cerca de 13 mil publicações em fevereiro de 2019 no Instagram.

Dentro desse número, pessoas acometidas com a doença exprimem em suas postagens os modos com que conciliam o tratamento e os seus procedimentos

²⁹ Composto de aminoácidos bastante utilizado como suplemento na prática de exercícios de alta intensidade, por aumentar a resistência dos praticantes.

associados com os exercícios e a alimentação/jejum/regime indicados. Diante do exposto, suspeitamos que a extensa demonstração das pesquisas referenciadas pelos criadores da marca Oncofitness é utilizada com vistas à contra argumentar o possível estranhamento inicial provocado pela junção de áreas que tradicionalmente não se encontram. Por mais que ainda hoje existam vestígios de uma concepção cultural (erroneamente) incapacitante sobre o prognóstico de uma pessoa com câncer, percebemos a tentativa de estabelecimento de um novo estigma sobre a doença, qual seja, o de que o câncer é apenas mais um dos obstáculos ordinários do cotidiano com o qual se precisa aprender a manejar e a superar.

Delineia-se então, um rompimento com a aparente figura vulnerável e fragilizada de um sujeito que, ainda em muitas circunstâncias, prefere referir-se ao seu diagnóstico com o termo “CA”. O que percebemos, contudo, é que parece se estabelecer um novo imaginário extremo que, não somente afasta o indivíduo do antigo estigma da morte frente ao adoecimento, mas desloca-o para um de máximo desempenho pessoal (e corporal). Desconfiamos, então, que esteja ocorrendo um processo de transferência sobre o posto ocupado pela pessoa adoecida na contemporaneidade: do tradicional lugar de *doente* para o de *atleta*. Diante disso, ilustramos com a imagem a seguir (Figura 11) um exemplo dessa abordagem, segundo a qual se concebe o adoecimento sob um manto de performance, atravessado, até mesmo, neste caso, por comicidade:

Figura 11 – Oncofitness: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2019).

No recorte acima, podemos ver o comentário de um seguidor que enaltece a imagem corporal da autora da postagem fazendo menção ao “corpão” da moça, a qual expõe um corpo que atende aos padrões idealizados, mas que também é um corpo adoecido. Em seguida, observamos ainda um comentário que identifica as ações expressas na postagem como um modo de combate às altas taxas de mortalidade do câncer, ilustrando-nos exatamente o estabelecimento atual da ideia de que os exercícios físicos constituem fator ímpar para a manutenção da vida dos sujeitos adoecidos.

Em conformidade com esse ideal, refletimos sobre aqueles casos nos quais os indivíduos não dispõem de condições para acompanhar essa harmonização e findam por, além dos sabores do tratamento, terem de lidar com a culpa infligida sobre si mesmos por tal desacordo. Coerente com esse cenário, Ehrenberg (2010) auxilia a nossa compreensão ao sinalizar os moldes nos quais o sujeito performático de hoje é constituído, o qual procura estar sintonizado com as inovadoras fórmulas do sucesso e de seus padrões preestabelecidos, cujas objetivos não são a expressão particular, autônoma e emancipatória dos sujeitos, mas sim a instauração de controle.

Seguindo esse contexto, temos a seguir uma postagem de um famoso perfil do Instagram³⁰, @amigos_da_quimio, voltado para o compartilhamento de histórias de pessoas em tratamento ou de ex-pacientes oncológicos. Nela veremos uma ilustração do formato de discurso generalista e massificante aqui bordado, o qual é coberto com um manto de incentivo à potencialidade individual:

Figura 12 – Oncofitness: Atenção à Aparência e Transparência nas Imagens



Fonte: Instagram (2019).

³⁰ Conta com mais de 55 mil seguidores no mês de fevereiro de 2019.

Discursos como a chamada da postagem acima tendem a legitimar a autorresponsabilização do indivíduo por dificuldades que, na verdade, são da esfera da possibilidade e não da vontade. O mal-estar frente à espetacularização acerca do retorno à rotina de exercícios físicos se mostra tão eloquente que alguns comentários nos parecem justificativas e explicações de pessoas que não conseguem “ir à academia”, mas não aceitam a designação de “preguiçosas”. Como se devessem se defender frente à abordagem de teor agressivo da publicação, as seguidoras descrevem os motivos pelos quais não estão autorizadas a seguir com a rotina dos cuidados com a aparência. Elas se “desculpam” por suas dores e por suas inadequações, ou seja, por seu corpo não tão funcional quanto a publicação diz ser possível que ele esteja (Figura 10).

Observamos ainda certa disparidade entre o conteúdo escrito na titulação, e o uso de *emojis* felizes/apaixonados na postagem, uma vez que, além do vídeo com uma jovem sorridente, adornada e bem disposta se exercitando, visualizamos aqui nada mais do que um ordenamento. Ordem essa que nos convoca a pormos a “preguiça” em segundo plano, a atentarmos para a nossa *aparência*, a seguirmos as orientações simples e francas expressas por meio das *transparentes* imagens de vídeo e, assim, a *sermos felizes*. Com isso, vemos que esse processo de institucionalização do Oncofitness parece funcionar como uma via de reiteração das categorias até então analisadas em nossa pesquisa.

Diante do exposto, percebemos que esse apelo à liberdade de escolha em traçar caminhos considerados mais “saúáveis”, que é legitimado pela demonstração de possibilidade de um caso isolado, encobre o “planejamento do acaso” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), ou seja, encobre mais um processo de objetificação do indivíduo, que acredita poder tecer relações espontâneas e diretas entre os seus semelhantes na malha de transações em que tem se transformado a existência. Vejamos o que Adorno e Horkheimer (1985) dissertam a respeito de tal reflexão:

Essa liberdade é simbolizada nos diferentes meios da indústria cultural pela seleção arbitrária de casos representando a média. [...] A indústria só se interessa pelos homens como clientes e empregados, e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva. Conforme o aspecto determinante em cada caso, a ideologia dá ênfase ao planejamento ou ao acaso, à técnica ou à vida, à civilização ou à natureza. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 321)

Essa abordagem denunciada pelos autores ainda hoje se mostra uma ferramenta utilizada pela Indústria Cultural para aproximar elementos distantes e viabilizar a ideia de que o homem comum exerce domínio sobre o sistema. Diante dessa fantasiosa

criação que alimenta o nosso imaginário de máxima potência e desempenho, torna-se compreensível vermos a utilização de descritores como “musa fitness oncológica” e o amplo uso de *emojis* de bíceps contraídos para se referenciar à rotina da paciente oncológica de hoje, a qual também “combate” a sua doença dentro das academias de ginástica. Cada vez menos identificado com a tradicional vulnerabilidade do adoecimento, vejamos a seguir mais uma ilustração desse movimento de culto ao alto rendimento de si que, acima de tudo, sustenta-se pela compulsão à felicidade e pelo ocultamento do mal-estar frente a uma imagem idealizada:

Figura 13 – Oncofitness: Atenção à Aparência e Felicidade Compulsória



Fonte: Instagram (2019).

Na imagem acima, podemos visualizar uma mensagem de “antes e depois” de uma jovem que fora acometida por leucemia e conseguiu, após o fim do tratamento, alcançar o status de “Musa fitness”. Dada como exemplo de superação, de vitória, vemos vários comentários que enaltecem a sua mudança corporal, tendo a maioria deles menção à Deus como fator ímpar para esse processo. Não sabemos, contudo, se a enunciação divina jaz também para o restabelecimento orgânico da moça ou se é aqui voltada à sua aparência transformada. Contudo, a segunda opção nos parece mais provável, dada à referência à sua beleza ou ao uso de *emojis* de aplausos e de olhares/corações apaixonados, o que nos sinaliza como o domínio da imagem pode ser avassalador, deslocando a saúde física para segundo plano, em nome da “saúde visual”, a qual, hoje, tem ocupado um reconhecimento primordial.

Além disso, dois comentários nos pareceram bastante significativos por representarem a comum adesão aos discursos chamativos, hipnóticos e despreziosos que nos convocam a reproduzir o trajeto exposto em seus dispositivos de comunicação, por mais que estejamos falando de uma complexa odisséia: perda de 52 kg de gordura, crescimento capilar, tonificação do corpo, implantação de próteses de silicone, entre outros. Aqui não é relevante o caminho a ser percorrido, pois ele “é possível”.

Vemos inicialmente uma seguidora que questiona como “conseguir equilibrar o peso”, sem utilizar de *emojis* ou de maiores detalhes. Sem rodeios, ela nos parece reconhecer uma dificuldade em articular essa dualidade (*FITNESS* × *ADOECIMENTO*), ou, melhor esmiuçado (*ADOECIMENTO* < *VONTADE* = *FITNESS*), e pede por orientações. Ao fim da imagem, vemos ainda uma convocação, na qual inferimos que há um chamado para que outra moça adoecida ou já restabelecida do câncer transforme-se também em uma “Musa fitness”. É importante notarmos que essa associação soa bastante singela e bem-intencionada, sendo feita com o auxílio de *emojis* que indicam força/esforço. O alarmante, para nós, pauta-se principalmente na fácil comparação entre o ideal difundido e a concreta possibilidade de realização pelo sujeito, o que já fora denunciado por Marcuse (1973), ao analisar as formas predominantes da palavra e suas implicações psicossociais em sua época, e que se mostra tão atual:

Os elementos de autonomia, descoberta, demonstração e crítica recuam diante da designação, asserção e imitação. Elementos mágicos, autoritários e rituais invadem a palavra e a linguagem. A locução é privada das mediações que são as etapas do processo de cognição e avaliação cognitiva. [...] Sem tais mediações, a linguagem tende a expressar e a promover a identificação imediata da razão e do fato, da verdade e da verdade estabelecida, da essência e da existência, da coisa e de sua função. (MARCUSE, 1973, p. 93).

Conforme já refletimos, essa aproximação amplamente solidificada pela crença na transparência das imagens e na familiaridade forjada das chamadas de nosso tempo tende a nos exercer forte influência, seja por cobranças que passamos a infligir a nós mesmos ou a receber de outrem. Esse mecanismo de associação pode facilmente nos frustrar ante o nosso desencantamento a longo prazo com as muitas idealizações que nos chegam como possibilidades ou imposições à nossa vida. Entretanto, culpabilizados, muitos de nós insistem em buscar atender aos mandatos da Indústria Cultural e passam a conviver com um processo de pauperização de suas experiências subjetivas, depreciando-se, escondendo-se e privando-se de permitirem viver a fluidez dos seus

desejos e dos eventuais embargos que são inerentes à nossa inscrição em sociedade, íntimos que estão em *desejarem tão somente o desejo do Outro*.

Um dos elementos mais paradoxais desse movimento, por sua vez, é justamente o fato de a maior parte dos discursos positivados e idealizados que se dispersam entre nós enunciar-se em nome do alcance da nossa felicidade. Dessa forma, é provável que inauguremos, de acordo com Bruckner (2002), o primeiro coletivo a tornar as pessoas infelizes justamente por não serem felizes. Mostra-se fundamental, portanto, sinalizarmos esses elementos no sentido de contribuirmos para uma reflexão crítica sobre os árduos mecanismos performáticos de produção subjetiva que facilmente podem ser reproduzidos na atualidade, neste caso, entre pessoas em uma já difícil condição.

3.3 CORPOS ADOECIDOS/ EM TRANSFORMAÇÃO – JOVENS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

“Eu me olhei no espelho e eu não me reconheci, sabe?”

Em prosseguimento ao nosso estudo, analisamos no presente tópico os enunciados de jovens mulheres acerca de suas transformações corporais vivenciadas durante o tratamento oncológico, neste caso, pretensamente desvinculadas da busca por uma imagem idealizada. Elas não se identificam diretamente com as “Musas fitness”, como o grupo anterior; algumas vezes, inclusive, posicionam-se como opostas às influenciadoras digitais mencionadas. Salientam de modo frequente que, diante da desoladora descoberta do adoecimento e dos efeitos massivos da administração medicamentosa, sua aparência perde a relevância. Contudo, sustentam em suas colocações, mesmo que de forma implícita, várias perspectivas adotadas pelas portadoras do corpo idealizado do consumo, o que, novamente, aproxima-nos das categorias temáticas abordadas – “Felicidade Compulsória”, “Atenção à Aparência” e “Transparência nas Imagens”. Não obstante afirmarem que “O Importante é a sua saúde”³¹ a temática relativa à imagem corporal jamais deixa de ser abordada, seja para verbalizar o sofrimento de perderem todos os pelos do corpo; para mostrar o momento em que seus cabelos são raspados ou para exaltar campanhas em prol da livre exposição de suas carecas.

Essas jovens utilizam das suas redes sociais virtuais públicas a fim de compartilharem as mudanças em sua rotina após a descoberta do diagnóstico. Desse

³¹ “COMO O MEU CABELO CAIU”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u6WpiASZRXE>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

modo, optamos por recortar, dentre o seu amplo relato de vivências, aqueles aspectos referentes à imagem corporal. É interessante citarmos que algumas jovens utilizaram das suas próprias contas para incluírem as metamorfoses oncológicas, enquanto outras criaram novos perfis ou canais após serem diagnosticadas, os quais tratam exclusivamente de questões veiculadas ao adoecimento, desde o processo de tratamento ao de cura.

Iniciamos a nossa análise justamente com a temática que costumeiramente é mais significativa no que tange às transformações corporais pós-quimioterápicas, qual seja, a perda capilar. Muitas vezes é possível disfarçar manchas, inchaços ou novas marcas e cicatrizes pelo corpo. Porém, a raspagem dos cabelos é o aspecto mais visível em nossa cultura ocidental que demarca o adoecimento e inflige o estigma ainda existente da doença, carregado de preconceitos que trazem prejuízos de ordem psíquica e social ao sujeito (SIQUEIRA *et al*, 2007). Por sua vez, vemos que também é o fenômeno mais comentado pelas jovens, seja para discutir sua menor ou maior aceitação; compartilhar os medos e as fantasias em torno da perda dos cabelos; debater sobre a ampla adesão ou resistência de aderir aos lenços e às perucas; decidir quem realizará o procedimento de raspagem; mostrar o diário de crescimento dos fios, desde o dia do corte até o momento presente, ou mesmo divulgar tônicos capilares específicos que se propõem a acelerar o crescimento das madeixas. De qualquer modo, por não ser um tema desprezado em nenhuma das publicações, partimos dele para podermos refletir sobre a perspectiva das jovens acerca dos seus corpos que, de modo involuntário, transformam-se.

Ao versarem sobre a necessidade do corte capilar, analisamos muitos discursos nos quais os cabelos não se limitavam a serem concebidos como um aparato estético, mas abrangiam a perspectiva de serem um referencial identitário. Enquanto algo que potencializa, fortalece e ratifica a sua individualidade, a perda dos fios é também compreendida como uma perda de si. Sobre esse aspecto, uma jovem nos diz em um vídeo postado no Youtube: “[...] tá muito difícil de conviver com essa queda de cabelo contínua. É muito complicado toda hora você passar a mão e sentir que o seu cabelo tá caindo aos poucos. Parece que uma parte de você vai se perdendo.³²” Com uma leitura similar diante deste contexto, ao versar que não se reconheceu após se olhar no espelho

³² “CARECA após a 1ª QUIMIOTERAPIA”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lca5Sb0G2F0>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

sem os seus cabelos, outra jovem nos conta em seu vídeo³³, a partir do qual ilustramos a frase de destaque desta seção, que esse estranhamento de si foi exatamente o que demarcou a irrupção do adoecimento, ou seja, constituiu o movimento repentino que levou “a sua ficha a cair.” (sic.)

Muito além de estarmos lidando aqui com casos isolados de um regime complexo que se trava entre o eu e o seu corpo, percebemos uma tendência das postagens em conceber o processo da perda capilar como potencialmente desorganizador em relação ao modo como elas se reconhecem. Seja ao verbalizar no exato momento da raspagem ou ao abordar o assunto tempos depois – meses ou anos –, a disposição de afeto envolvida pelo tema geralmente é enunciada, como podemos ver também na Figura 14:

Figura 14 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2019).

Conforme podemos visualizar, a jovem, @Instagram7, passa a localizar o crescimento do cabelo no domínio de um reencontro consigo mesma, e, de acordo com uma das *hashtags* utilizadas, trata-se de algo que “vai muito além do tratamento”. Aqui, o cabelo simboliza vida, mas uma vida que não é experimentada da mesma forma, pois o processo de raspagem do cabelo representa também a partida do seu “antigo eu”, que, modificado, assume outra configuração. Nesse ínterim, a fala alheia não ameniza o mal-estar diante da sua autoimagem modificada, pois ela permanece “não gostando” daquilo

³³ “COMO O MEU CABELO CAIU”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u6WpiASZRXE>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

que enxerga. Contudo, percebemos também certa abertura no que se refere a esse “novo desconhecido”, o que se expressa pelo modo com que desfecha a reflexão sobre essa mudança na sua autopercepção, pelo uso de *emojis* otimistas, pelas *hashtags* reconhecendo o seu lugar de “lutadora” e “combatente” diante do adoecimento, como também pela imagem escolhida para a postagem, a qual nos apresenta um semblante otimista.

Tal abordagem dual sobre o tema é compartilhada também por uma seguidora, que comenta o estranhamento ainda sentido com relação às implicações do adoecimento em sua vida, embora seja a terceira vez pela qual é acometida pelo câncer. Ela finaliza sua escrita com *emojis* esperançosos e convoca a autora da publicação para permanecer firme na empreitada, apresentando-nos aqui o elemento de suavização e motivação em seu enunciado.

Em alguns casos, porém, veremos que o discurso caminhará para outra direção, na qual a raspagem capilar será expressa como uma consequência simplória frente aos outros efeitos colaterais do tratamento. Contudo, como já sinalizado, a referência a ela jamais é omitida/ignorada, sendo interessante notarmos a semelhança entre o cenário a partir do qual se expressa a hipervalorização do objeto habitual perdido ou a depreciação do que antes já fora bastante estimado: em ambos, ele (perda capilar) é um elemento destacado. Logo, a categoria “Atenção à Aparência” mais uma vez se mostra presente, neste caso, sendo enunciada a partir das reverberações subjetivas frente às transformações na autoimagem da jovem em questão.

Diante disso, observamos a relevância de que haja a legitimação do processo da perda dos cabelos em todas as suas dimensões e no seu sofrimento implicado, independente da leitura empreendida por cada uma das jovens. Na transcrição a seguir, vemos, por exemplo, que a insatisfação denunciada parte de um famoso jargão popular dirigido às pacientes oncológicas: “Agora o que eu mais ouço é: *Ah, relaxa, cabelo cresce!* O cabelo é tipo uma força, principalmente pra mulher! Tipo, não é só a questão estética da coisa... Tem todo o lado feminino, sabe?”³⁴

Em face do exposto, notamos que a expressão do mal-estar diante da mudança corporal involuntária encontra bastante espaço no relato das jovens, posto que parece haver uma eufemização desse processo pelo discurso do senso comum. Desse modo, elas sofrem por uma dupla imposição de seu silenciamento: por parte da doença e por

³⁴ “O QUE NÃO FALAR PARA UMA PESSOA COM CÂNCER”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lrs51Nxq6cw>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

parte dos seus próximos, que, na tentativa de diminuir o desconforto frente à necessidade da raspagem, falam que não há justificativa para o abatimento, por se tratar de algo temporário. Nesse sentido, o silenciamento pode vir a ser também por elas reproduzido, como já suspeitamos, seja em conformidade com os discursos positivados que as circulam ou como um consolo para si próprias. Logo, frequentemente, elas tendem a assumir posicionamentos maniqueístas e/ou excludentes, como veremos no exemplo a seguir, no qual a jovem nos mostra que dispõe somente de duas opções de manejo desse contexto – a aceitação ou a revolta:

Eu aprendi a aceitar. Gente, eu não tô assim porque eu quero. Se eu pudesse escolher, eu não estaria assim, mas eu tô. Então eu vou fazer o que? Eu tenho duas opções. Ou eu aceito o que tá acontecendo comigo e me dedico ao tratamento, ou eu me revolto e me entrego. Eu já falei pra vocês que se entregar nunca é a melhor opção. Não é o jeito que eu queria estar obviamente. Pra uma mulher é difícil, muito mais difícil do que para um homem, porque é bem comum você ver homem com a cabeça raspada, mas, para uma mulher, cabelo é sinônimo de vaidade. Não adianta vir ninguém falar: *Ah, mas o cabelo cresce! Ah, mas depois tudo passa!* Gente, ok, eu sei. É super legal vocês tentarem ajudar a gente, mas o cabelo cresce no futuro, sabe? O agora... A dor que a gente sente quando a gente vê que uma coisa tão valiosa pra gente se foi, mesmo que momentâneo, ... Mas dói, entendeu? E essa dor ninguém tira, não adianta.³⁵

Percebemos, diante do exposto que, além de um transtorno efêmero, a perda do cabelo é deveras significativa por se tratar da retirada de algo *valioso* e também por, em muitos casos, ser a própria mudança física o fator que demarca o adoecimento. Ao situar a maior dificuldade vivenciada pela mulher, a partir da sua relação com o cabelo, mesmo declarando-o como “sinônimo de vaidade”, podemos inferir, ainda que de modo indireto, que ele também é sinônimo da feminilidade. Dessa forma, refletimos como, em muitas situações, a perda do cabelo parece assustar mais do que a própria enfermidade, principalmente em relação aos primeiros contatos que o sujeito tem com o contexto hospitalar:

Quando eu cheguei lá no hospital que eu tratava contra o câncer, tinha uma sala escrito QUIMIOTERAPIA, aí eu olhei para aquela sala e falei assim pra minha mãe: *Se eu tivesse que entrar lá e perder o meu cabelo, eu preferia morrer.* Só que aí a gente acabou descobrindo o câncer, e eu lembro que a primeira coisa que eu perguntei pra doutora, quando ela falou que eu tava com tumor, eu falei assim: *Vai cair o meu cabelo?* E ela falou que ia. E, tipo, naquela hora eu comecei a chorar, eu fiquei desesperada, porque, tipo, para uma menina, uma adolescente ou pra uma mulher, tipo, cair o cabelo é ...

³⁵ “O CÂNCER E A PERDA DO CABELO”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DoHkrp3q0Ng>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Nossa! Nosso cabelo é tudo pra gente, né? Mas, com o tempo, eu comecei a aceitar isso.³⁶

A transcrição acima nos ilustra de modo bastante evidente como o impacto frente à perda do cabelo pode afetar um sujeito que, mesmo já estando no interior de uma instituição especializada, ou seja, repleta de pacientes oncológicos, de profissionais da área da saúde, de maquinários e de equipamentos robustos - o que por si já poderia provocar aflição - escandaliza-se, contudo, diante da possibilidade de mudança em sua autoimagem. Em consonância com essa reflexão sobre a carga mais intensa sustentada pelas mulheres em relação à aparência de si, as autoras Novaes e Vilhena (2008) discutem como “a imagem da mulher e do feminino continua associada à da beleza, havendo cada vez menos tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos.” (p.11).

Outrossim, temos que, mesmo diante de toda a série de direitos adquiridos e de espaços conquistados pelas mulheres na contemporaneidade, não podemos desprezar o fato de estas ainda serem intensamente cobradas por uma imagem em acordo com os arranjos do “belo”. Uma sólida e árdua formação necessária para o preparo do discurso de uma mulher hoje em dia ainda não recebe tanto reconhecimento social quanto alguns quilos a mais cobertos por suas vestes, por exemplo. Com isso, compreendemos que a “Atenção à Aparência” cada vez mais se estabelece hoje – principalmente sobre as mulheres – como uma implacável forma de mantê-las vigilantes sobre a sua corporeidade.

Destarte, a ameaça de comprometimento do feminino a partir das transformações corporais que o tratamento oncológico pode implicar nos parece uma via para compreendermos os sentimentos de medo e de insegurança que muito frequentemente acometem as jovens do nosso estudo. Seguindo essa perspectiva, no que se refere à importância de um espaço para a expressão do desconforto, do sofrimento consequente à mudança física, reparamos um trecho em que outra jovem enfatiza: “Eu só tô pedindo para que você sinta a sua dor, entendeu? Se você quiser chorar, chora. Se você quiser achar ruim, ache.”³⁷

Por mais fidedigna que seja a colocação acima transcrita, percebemos que a abertura para uma expressão do sofrimento regularmente coexiste com comentários

³⁶ “COMO O MEU CABELO CAIU”. Youtube Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u6WpiASZRxE>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

³⁷ “O CÂNCER E A PERDA DO CABELO”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DoHkrp3q0Ng>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

compensatórios, que buscam ressaltar aspectos positivos diante das dificuldades, as quais, mais adiante no relato da jovem, deixam de ser legítimas. Vejamos o excerto a seguir, retirado do mesmo vídeo:

Não se entregue. Não fica triste. Vai passar, entendeu? Tem que ter força. Tem que se olhar no espelho e, apesar de tá magra, abatida, careca, sem cílios, sem sobrancelha, tem que se olhar no espelho e se achar bonita, porque se você não fizer isso ninguém mais vai fazer.³⁸

Aqui notamos um aspecto muito recorrente nos enunciados *online*, após a verbalização sobre todos os danos que o tratamento suscitou, que é o de enfatizar que a felicidade deve ser algo presente para todos, pois, não obstante os “percalços” do adoecimento, não haveria motivos plausíveis para se entristecer. A partir dessa reflexão notamos como a categoria “Felicidade Compulsória” se exprime nestes discursos, de forma evidente ou sutil, respaldando o atual culto à supressão dos nossos eventuais sentimentos de inadequação. Congruente com o exposto, Bruckner (2002) declara sobre a nossa cultura:

Seja qual for o método escolhido, físico, somático, químico, espiritual ou informático [...], o pressuposto é o mesmo em toda parte: o contentamento está ao seu alcance, basta chegar aos meios por um “condicionamento positivo”, uma “disciplina ética” que vai conduzi-lo até ele. (BRUCKNER, 2002, p. 63)

Assim, no que se refere às expressões de exaltação da felicidade deste grupo, observamos como eles nem sempre aparecem de modo tão explícito, como nas publicações das “Musas fitness”, porém, apresentam-se fortemente imersas nas suas comemorações diante dos avanços durante o tratamento. Contudo, não somente nos progressos do quadro clínico, mas ainda nas descrições sobre os árduos efeitos colaterais da medicação convencional ou nos casos de piora ou recidiva (retorno da doença) formalizados nos prontuários, é bastante comum vermos uma apologia à perpetuação da felicidade nos enunciados analisados. É o que ocorre no caso de, não existindo uma razão evidente para enaltecer as dádivas do presente, muitas jovens sustentarem a expressão “Gratidão pela vida” em suas postagens. A seguir, veremos, na Figura 15, uma ilustração dessa abordagem paradoxal, na qual a comunicação do diagnóstico recém-descoberto de leucemia na rede social virtual da usuária @Instagram8 coexiste com a afirmação de que tudo ocorreu para que ela tivesse a oportunidade de “ser mais feliz”:

³⁸ “O CÂNCER E A PERDA DO CABELO”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DoHkrp3q0Ng>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Figura 15 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Transparência nas Imagens, Atenção à Aparência e Felicidade Compulsória



Fonte: Instagram (2019).

A figura acima se mostra muito expressiva por nos indicar a intensidade dos discursos contemporâneos acerca das categorias temáticas que encontramos durante a pesquisa. Vemos aqui a convocação por “Transparência” expressa tanto pela forma particular – aparentemente íntima e franca – com que a moça maneja o assunto para os seguidores (ou mesmo qualquer usuário da rede, já que o perfil é público), quanto pela rapidez com que fez a comunicação do seu diagnóstico recente na rede social – 4 dias. Observamos ainda uma preocupação com a “Aparência” da imagem, diante da postura corporal adotada e do local reservado escolhido no hospital. Por fim, temos um discurso atravessado pela exaltação de sentimentos otimistas, positivos, condescendentes e, portanto, “Felizes”. A impactante notícia do diagnóstico vem imediatamente acompanhada de qualificações exultantes sobre o processo de descoberta, o que nos leva a pensar que se intenciona ocultar o sofrimento e o mal-estar. Em acordo com a legenda da Figura 15, o mês marcado pelo primeiro contato com o adoecimento também é considerado um mês “perfeito”, no qual alguns facilitadores puderam tornar a conjuntura mais “tranquila, fácil e bonita”.

Estaríamos aqui tratando de uma situação em que ainda está ocorrendo o processo de elaboração do diagnóstico recém-descoberto? Não temos como precisar a resposta, mas podemos sinalizar que há um movimento de reconfiguração do olhar do indivíduo contemporâneo sobre aquilo que ameaça o seu planejamento, o seu projeto de governo de si. Notamos essa perspectiva durante toda esta pesquisa, principalmente por

meio da categoria que nos pareceu mais evidente, “Felicidade Compulsória”, a qual, atravessou os discursos nos textos, nas imagens e/ou nos vídeos estudados.

De modo frequente, veremos que a própria escolha dos *emojis* e das *hashtags* (considerados elementos acessórios no texto, mas que muito têm a exprimir) pode ser o recurso que expressa esses comuns signos de “qualidade de vida, saúde, alegria e força”. Atentando para as consonâncias ou contradições que podem ser expressas nesses espaços, ilustramos o culto à positividade fortemente sustentado por tais elementos na seguinte postagem, datada de 1º de julho de 2016, pelo perfil @Instagram9:

Hoje ao entrar em casa me joguei na cama e falei: Uffa, 50%, para a Glória do Senhor ☁️ [...] Deus é maravilhoso e vai usando as circunstâncias e principalmente as pessoas pra mostrar a você a MELHOR VERSÃO de cada problema que você vivendo, tá aí a importância de ter ao nosso lado pessoas de pensamentos bons, alegres, positivas, pessoas e principalmente de FÉ. Saldo da primeira metade: + 5kg, pois estou com muita retenção de líquido e sinto muitaaaaaaa fome também, enjôos e dor no corpo, principalmente na segunda-feira, unhas roxas, mucosa do nariz ressecada e insônia, mas nada que não deixe que eu leve minha vida normalmente passeando, trabalhando, tudo dentro das minhas limitações. Tá sendo mais fácil do que achei, sério mesmo! Não posso afirmar: NOSSA É A MELHOR COISA DO MUNDO 😊, mas saiba que tem um Deus de Cura providenciando sempre o melhor para nós, e quem crê de todo o seu coração nessas promessas o deserto deixa de ser lugar de sofrimento, angústia e ansiedade para ser um lugar onde descansemos na paz do Senhor, em que louvamos e glorificamos seu Santo nome 🙏 Você diz: -Pai, minha vida acabou... Deus responde: -A vida que planejei pra você começa agora! ♥️ 😊😊 #IBelieve #Rumoacura #Quimio #Beleza #Careca#MulheresCarecas #Fé #Instalike #Estilo#Tendência #SãoLuís #Maranhão#Instafashion #AmoDireito #Concurseira#Makeup #Instafashion #Quimioterapia#Otimismo ##Cabelonãodocumento#VidaSaudavel #DeuséFiel #Câncertemcura#Breastcancer #Cute #Carinho #Superamei#InLove #cinquantaporcento

Conforme percebemos, *ser feliz* estabelece-se como um imperativo recorrente, tornando-se regra de conduta para todos, e sendo aqui associado à descoberta da “melhor versão” dos problemas que nos acometem ou mesmo do início de uma “nova vida planejada”. Com isso, o uso das *hashtags* “#Superamei e #Cute” conectado com a descrição dos efeitos colaterais das sessões de quimioterapia passa a se popularizar entre as jovens, o que nos fala sobre o frequente teor de “ressarcimento” abordado nesses relatos. Esse panorama pode ser corroborado na análise a seguir, na qual uma jovem recém amputada de uma das pernas, por meio do vídeo intitulado “*O que é Osteossarcoma?*”, procura explicar de modo bem humorado o que significa o diagnóstico. Com trejeitos descontraídos, expressões caricatas e chamadas de encorajamento, ela nos diz que teve “mais ganhos do que perdas” diante do seu processo de tratamento.

Durante o seu enunciado, ela faz várias menções à cirurgia de amputação da perna, sempre ressaltando as vantagens e as potencialidades que a mudança lhe provocou. Contudo, um dos aspectos que mais nos chama atenção jaz na frequência com que ela afirma que é feliz e, acima de tudo, argumenta o porquê de os outros não deverem se sentir infelizes. Além disso, a moça também exprime muitos comentários compensatórios, o que nos sugere um possível embotamento do seu sofrimento em meio à conjuntura descrita, o que não se expressa de modo direto em sua verbalização. Ressaltamos esse último ponto em virtude de ele ser constantemente discutido pelas jovens deste grupo: em nome da busca imprescindível pela felicidade, elegem-se possíveis e muitos ganhos, os quais necessariamente contrabalanceariam alguma grande perda. Abaixo, citamos alguns trechos do vídeo supracitado, o qual é datado de 24 março de 2018:

Fiquem felizes, fiquem felizes de qualquer maneira. Porque tem gente que não tem duas pernas, tem pessoas que não têm dois braços e são felizes. Então se você for perder uma perna lembra: é triste, é triste perder uma perna, mas pensa pelo lado positivo... O que você vai ganhar se você perder uma perna? Várias coisas. Uma lição. Uma lição de vida. Pra quê? Nunca desanime. Olha só, eu tenho uma perna e eu danço, eu canto, eu corro, eu pulo, eu ANDO DE BICICLETA! Então, eu ganhei mais do que eu perdi. [...]A quimioterapia não é fácil. Todo mundo sabe. Mas o que faz ela ser fácil ou difícil é você mesmo. [...] Então, ó: tenha pensamentos positivos; entregue sua vida para Jesus; seja feliz e viva como se não tivesse o amanhã. Acabou. Acabou. E mete a cara e vai. Já é. [...]Ou seja, se você for perder sua perna, lembre-se: você vai poder fazer tudo, do seu jeito, com certeza. Então não fique triste por isso, porque eu não estou triste. Então vem comigo!³⁹

A partir de seu relato, inferimos que a existência se constituiria como o substrato para a felicidade, visto que se *deve ficar feliz de qualquer maneira*, pois sempre haverá alguém em situação mais dificultosa e que é feliz. Dessa forma, vemos reproduzido mais uma vez o ideal de que a vida bastaria enquanto condição para a felicidade, o que novamente nos aproxima da categoria “Felicidade Compulsória”. Adiante, em outro momento do mesmo vídeo, ela brevemente cita o seu estado antes da cirurgia, o que poderia comprometer o tom jocoso com que mantinha a gravação, em virtude de explicar para o público o que ocasionou a necessidade da amputação. Notamos, contudo, que a moça não sustenta o assunto por mais de 15 segundos e prefere dialogar sobre o pós-cirúrgico, justificando que o seu objetivo ali é compartilhar informações positivas, apenas.

³⁹“O que é OSTEOSSARCOMA?! | THAIS SHAKE MILK”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dEP-vwv4bOE>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

Logo, referenciamos aqui novamente a crítica empreendida por Binkley (2010), acerca do *best seller* traduzido para o Brasil como *A ciência da felicidade*, ao declarar que a tendência em manter-se no que é denominado de “próprio interior subjetivo”, ou seja, deter-se na contemplação, no pensar, é considerado um ato de risco que deve ser evitado, em virtude de funcionar como uma “barreira à ação” e nos desviar de investir no mundo e em suas “atividades felizes”. Isto se mostra um dado bastante preocupante, visto que o pensamento e sua dimensão negativa estão paulatinamente cedendo espaço para a instauração de uma sociedade eminentemente positiva. Na transcrição abaixo a jovem ilustra a tendência citada:

E, no meu caso, que eu tive que amputar a minha perna, porque eu caí, e isso machucou mais ela. Entende? Eu não entro em detalhes porque isso já passou. Já passou. Não interessa mais. O que interessa hoje, o agora, o que eu passei e o que eu posso passar de bom pra vocês... E o que que eu quero passar de bom pra vocês? É isso. Então, olha, eu sou amputada já, eu não uso prótese. A minha amputação é de desarticulação do quadril. E eu vivo super feliz. Eu faço tudo com a ajuda dessa pessoa: Jurema e Jussara! [Muletas⁴⁰]

Percebemos, então, que as manifestações de tristeza são referenciadas de modo breve, tornando-se evidente em suas verbalizações a possibilidade de se conviver com as transformações advindas da nova e extenuante rotina de modo menos denso, uma vez que se objetiva compartilhar informações otimistas, influenciar e inspirar os seguidores, conforme muitas das jovens deste grupo definem seus fins. Dessa forma, encontramos novamente forte similaridade entre os enunciados dessas jovens e os pilares da Psicologia Positiva, conforme podemos visualizar pela crítica de Freire Filho (2010): “É preciso repelir os horrores da negatividade com a mesma obstinação com que os cristãos mais compenetrados mortificavam os apetites impuros e extirpavam os pecados da alma.” (p. 76).

Ao localizar a felicidade enquanto um perpétuo “*work in progress*”, o autor nos sinaliza justamente para a roupagem repleta de humor e de otimismo que promove uma feição desconcertante para esse formato de ambição e de obrigação individual tão valorizada socialmente (FREIRE FILHO, 2010). Em consonância, observamos a tendência da moça em manter impresso o seu manto de felicidade cobrindo até mesmo as muletas que são imprescindíveis para o seu auxílio nas atividades do dia-a-dia, e, que, em sua fala, comicamente recebem nomes próprios.

⁴⁰ “I O que é OSTEOSSARCOMA?! | THAIS SHAKE MILK”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dEP-vwv4bOE>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

Seguindo a mesma abordagem, em seu perfil no Instagram, @Instagram10, ela ratifica para o público o seu bem-estar em harmonia com a temática da mudança corporal. Podemos visualizar tal perspectiva na Figura 16, por meio da descontraída postura adotada na imagem e pelo conteúdo da legenda, na qual vemos um gracejo em alusão à perna posteriormente amputada:

Figura 16 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Felicidade Compulsória



Fonte: Instagram (2018).

Vemos, aqui, que há uma propensão de tais jovens transmitirem em suas redes sociais que a aparência física não precisa ser fator determinante em relação aos seus estados emocionais, podendo-se estar afastada do modelo corporal idealizado do consumo e concomitantemente sentir-se feliz. A seguir, mais um excerto, retirado da transcrição de um vídeo no Youtube, que é consoante à nossa reflexão:

Logo que minha mãe raspou, eu tenho uma selfie que eu tirei super sorrindo e cheia de pelinho na cara, porque tinha acabado de raspar. Sempre eu tentava sorrir pra tudo, nunca ficar triste... Claro que é impossível você não ficar triste com o que tá acontecendo com a sua vida. Mas, sorria... Sorrir não custa nada. E ajuda muitas pessoas, sabe? Quando você sorri, você acaba inspirando as pessoas a falar: *Ah, nossa, ela tá passando por isso sorrindo...* Então, você acaba inspirando, e eu amo tentar fazer de tudo pra inspirar as pessoas a enfrentar todas as dificuldades, sabe?⁴¹

⁴¹ “COMO O MEU CABELO CAIU”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u6WpiASZRXE>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Pela recompensa altruísta de inspirar outrem, lemos que *não custa nada sorrir*. Contudo, acreditamos que, na verdade, sim, pode ser bastante custoso ao sujeito ter de constantemente sustentar essa postura bem-afortunada, como se fôssemos uma fortaleza inabalável. Além disso, percebemos que essas jovens, ao versarem sobre as suas inseguranças em relação ao seus corpos, por mais transitórias que sejam, e concluírem que a preocupação com a sua aparência é algo ínfimo diante de sua constituição enquanto sujeito único, plural e complexo, muitas vezes são contraditórias e reproduzem discursos de preconceito frente ao diferente. A exemplo das populares chamadas: “*Supere a si mesmo!*” e “*Quem quer arruma um jeito, quem não quer, arruma desculpa*”, que tendem a desqualificar aqueles que não aderem à prática cotidiana de exercícios físicos, observamos também aqui uma inclinação à reprodução da mesma abordagem. Ilustramos essa discussão também por meio da Figura 17, na qual a jovem @Instagram11 versa sobre a mudança na sua aparência enquanto um símbolo de vitória. Vemos que ela enuncia ainda, pela observação das *hashtags* utilizadas, que a “#monicfitness está “acabando” e que “o que está em si” seria superior ao que “está no mundo”:

Figura 17 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2018).

Dessa forma, percebemos mais uma vez polarizado o discurso sobre o corpo. Sem abrir mão de sua relevância nas discussões, a “Atenção à Aparência” assume aqui novos olhares. Sabemos que o indivíduo que se mostra despreocupado com a sua

imagem, imerso na conjuntura social normativa em que vivemos, é considerado inferior diante dos demais. Já nesta conjuntura analisada, por sua vez, ele se torna um ser mais evoluído, por não compartilhar dos mesmos investimentos na aparência feito por outrem. Esses, ocupados com suas preocupações estéticas, são aqui considerados sujeitos vazios de experiências, conforme ilustramos a seguir no excerto de uma transcrição do Youtube:

Eu falo isso porque durante o meu tratamento, eu pensei várias vezes: “*Meu Deus, o que as pessoas vão achar de mim? Gente, olha como eu tô. Eu tô me sentindo horrível! Eu não quero receber ninguém, porque... Como as pessoas vão olhar pra minha cara?*” E aí que eu tomei um tapa na cara de perceber que as pessoas que gostam de mim, que gostavam de mim, elas ficaram comigo TODOS os meus momentos. É importante que você entenda que o que importa não é o externo, não é o corpo, porque o corpo acaba. O que importa é o que vai ficar de dentro de você, dos seus pensamentos, das amizades que você fez, do seu interior, da sua essência, porque não adianta nada eu ser modelo de corpo, de ser um modelo fitness, e não ter nada no meu interior. De que adianta isso? Eu sentar para conversar com uma pessoa e eu não ter assunto? Eu sentar para conversar com uma pessoa e eu ser vazia? E eu só pensar em determinados tipos de assunto, chatos e clichês. Acho que não é o ideal isso, sabe?”⁴²

Ao situar a preocupação com o corpo enquanto sinal de frivolidade, o discurso da jovem acima ainda salienta que a sua rede de apoio durante o tratamento foi o fator que possibilitou suas reconsiderações frente ao tema, já que, antes de ter se submetido à nova rotina e suas implicações, aspirava a um corpo magro e a não ter vergonha de sua aparência física. Dessa forma, o “tapa na cara” refere-se principalmente à transposição de sentido que ela atribui à corporeidade. Logo, parece-nos que a jovem busca estabelecer uma sólida distância entre as duas formas de conceber a preocupação com a sua autoimagem, utilizando adjetivações radicais para pessoas que se encontram em uma conjuntura que ela veementemente discorda, mas que até pouco consentia.

Ademais, ao fim do vídeo, a jovem comenta: “Eu vejo muita coisa por aí que me desagrada: muita gente vivendo um padrão, se prendendo a um padrão, e isso não tá certo. Isso não é o ideal.⁴³”, e, acreditamos, com isso, que este relato seja algo direcionado não somente para os outros, mas também para si mesma, dado que, dentre as suas mudanças físicas, houve algumas permanentes, como o inchaço, o aparecimento de estrias e de flacidez, caracteres que tanto já lhe foram desoladores. Atualmente, após cuidados de ordem terapêutica, psiquiátrica, medicamentosa, familiar e social, ela

⁴² “AUTOIMAGEM”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h6wY2WGEEBg>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

⁴³ *Ibid.*

procura exprimir as suas conquistas e reavaliações sobre a própria corporeidade, indicando que, de fato, a sua aceitação frente às mudanças não foi um processo simples, e, talvez, ainda hoje lhe inquiete: “As insatisfações são aceitáveis, mas elas não podem destruir o seu bem estar.”⁴⁴

A dicotomia que presenciamos nesta discussão nem sempre se exprime de modo tão categórico, podendo aparecer por meio de mensagens motivacionais de aceitação de si que findam por sustentar um ideal de superioridade aos que não se apegam às “reclamações rasas” em torno dos seus corpos. Colocando-se como pertencente a um coletivo de indivíduos “mais felizes”, a autora, @Instagram12, que publicou o *Storie* a seguir, Figura 18, diferencia-se das demais, “chorosas”, sendo então representada na imagem por meio de um trio de mulheres imponentes, que utiliza luvas de boxe e exprime uma atmosfera de segurança e apoio mútuo:

Figura 18 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Felicidade Compulsória



Fonte: Instagram (2019).

⁴⁴“AUTOIMAGEM”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h6wY2WGEEBg>>. Acesso em 1 ago. 2018.

A publicação acima nos parece sugerir que o choro emergente nas outras mulheres pode ser consequência de suas preocupações com aspectos considerados negativos, enquanto que a serenidade expressa na imagem se enunciaria justamente por meio de uma tomada de postura oposta, ou seja, pela atenção deste grupo se direcionar para a grande benesse da existência. Em diálogo com essa abordagem, Freire Filho (2010) reflete que, sob a égide de orientação da Psicologia Positiva, o sofrimento emerge como castigo àqueles que não expulsam os pensamentos negativos da mente, e, assim, permitem a afloração de emoções negativas sobre si. Na mesma temática, o autor discorre sobre a fácil patologização e aversão daqueles que porventura distanciam-se do modo de “ser cronicamente feliz” e de suas normas de positividade (FREIRE FILHO, 2010).

Diante disso, inferimos que o culto à positivação, à performance da vida e ao governo de si têm progressivamente se firmado sobre a nossa cultura, de modo que as suas diretrizes se dispersam em grande velocidade no seio de referências para o cidadão comum, talvez mais intensamente ainda sobre o cidadão em estado de vulnerabilidade e incerteza a partir do adoecimento. Nesse cenário, cada vez mais a inadequação, a inquietude, a angústia, ou seja, a demarcação do sofrimento, constituinte humano, tem se desnaturalizado e desprezado enquanto demonstrativo de inferioridade. Vejamos a seguir um recorte dessa reflexão que sutilmente emerge no discurso transcrito de uma jovem ao relatar no Youtube o processo de adoecimento oncológico que lhe acometeu na adolescência:

Chegando lá, ela falou: *Tá bom, agora a gente vai ter que raspar*. Foi um momento, foi um momento complicado, assim, sabe? Foi um momento difícil... *Ai, que saco, não quero chorar[...] Pronto, passou*. E aí eu senti lá, tava de frente pro espelho, e ela começou a raspar. Eu lembro que eu inicialmente não tava olhando, eu tava olhando pra vista, e depois eu me olhei careca. E é muito estranho, porque todas as vezes que algo aconteceu comigo, demorava um pouco para cair a ficha... Só que nessa mulher que raspou meu cabelo, eu não gostei de nenhuma peruca. Eu colocava e sentia uma coisa muito artificial. Não sei, não parecia que era eu.⁴⁵

Percebemos por meio do relato da moça alguns índices que nos sinalizam justamente a dificuldade em elaborar o assunto (perda capilar) sem que haja um envolvimento afetivo, uma interrupção, seguida por um fechamento objetivo: *Pronto, passou*. Pensemos sobre esse elemento que “passa”, que aparentemente não é desenvolvido, seja porque o espaço das redes sociais é majoritariamente preenchido por

⁴⁵ “Câncer aos 14 anos – Minha História”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MBqTYjNsLRI>>. Acesso em: 4 fev. 2019.

um culto à felicidade, ao sucesso e ao empreendedorismo de si, ou porque esse é um cenário mais amplo que atravessa, além do universo *online*, os ideais da sociedade neoliberal em que vivemos. Considerando essa perspectiva, nada mais sensato seria manter a conveniência de, a contragosto de toda a dolorosa experiência do câncer, a história sobre o acometimento ser tratada como oportunidade de crescimento individual, “evolução” espiritual e até mesmo provação pessoal.

Ilustramos essa perspectiva na fala da jovem, ao relatar que, após ter tido contato com crianças em situação pior do que a sua e ao ser repreendida por um profissional da saúde em relação à sua postura queixosa frente ao tratamento, reconheceu que “servia para dar esses choques de realidade no momento em que eu tava mimada, achando que a minha dor era tão ruim assim.⁴⁶” Diante disso, suspeitamos que não somente a empatia para o acolhimento do sofrimento do outro tem se amesquinhado, como a qualificação *resiliência* parece ter transcendido sua característica de ser suporte/recuperação para ser obrigação/imposição, ou seja, hoje não só é *importante* ser “forte”, mas é uma *imposição* que o seja. Imposição essa que fortemente se legitima nos famigerados discursos de que que “sempre haverá alguém em situações mais alarmantes”, ou, na fala da própria jovem:

A gente tem que perceber que todo mundo vai ter problema. [...] Tudo acontece por um motivo. A gente não tem que ficar pensando: *Por que? Por que isso aconteceu?* Não. A gente tem que pensar: *Como eu posso melhorar isso? O que eu posso aprender com isso?* Porque assim a nossa vida vai pra frente. Eu falo assim... Reclamar não ajuda em nada. Reclamar prolonga a dor. Às vezes a gente tem nossos momentos em que a gente fica estressado, sem entender, fica triste. Mas a gente não pode deixar isso consumir a gente. A gente tem que ser mais forte do que os nossos problemas. Você tá com dor? Aguenta a dor e segue em frente, porque isso vai ser melhor pra você.⁴⁷

Desconfiamos, diante do exposto, que a tendência à omissão daquilo que demonstre os infortúnios/dessabores da vida tem sido cada vez mais positivamente administrada como uma espécie de proteção diante do reconhecimento da fragilidade humana. Elaborar as aflições inerentes ao nosso estado psicofísico e social tem se constituído cada vez mais como uma prática inadequada, sendo avaliada enquanto uma dimensão potencialmente tóxica de conduta. Essa postura, por sua vez, precisa ser rapidamente tamponada, seja por meio da ativa indústria medicamentosa, das terapias voltadas para uma ágil readaptação comportamental ou dos celebrados gurus da

⁴⁶ “Câncer aos 14 anos – Minha História”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MBqTYjNsLRI>>. Acesso em: 4 fev. 2019.

⁴⁷ *Ibid.*


autoajuda, que buscam consolidar meios de manter os sujeitos ilusoriamente autônomos e competitivos na direção de realizarem seus empreendimentos e de atenderem aos imperativos mercadológicos. (BIRMAN, 2010). O culto à “Felicidade Compulsória”, longe de ser uma mera coincidência dos tempos atuais, possui objetivos bastante afinados com o modelo instrumentalizado de gerenciamento da existência que nos circula.

Além disso, outro elemento que reconhecemos no trecho destacado é a importância dada pela jovem em procurar manter o controle sobre as circunstâncias, sejam elas de ordem psíquica ou somática, não obstante sabermos que o adoecimento oncológico e as suas implicações não se submetem aos nossos planejamentos. Ao enunciar que não se pode permitir que o sujeito seja dominado por suas angústias e que este precisa ser mais forte do que seus problemas, a jovem nos sinaliza, portanto, a relevância de não se abater, por “ser melhor”, diante de todo o aprendizado que viabilizaria a vida “ir para a frente”.

Em consonância com essa análise, temos a seguir mais uma ilustração dessa tendência de tamponamento do mal-estar e de exaltação da euforia expressos em mais um relato no Youtube. No vídeo, a moça comenta: “Eu enfrentei bem a careca, sabe? Caiu super rápido. Na primeira quimio já caiu, e, quando acabaram as quimios, eu fiquei super ansiosa pra crescer. Fiquei super ansiosa, super ansiosa.⁴⁸” Aqui, a satisfação é enunciada a partir do considerado bom enfrentamento da careca, e não da doença, a causa de todo o problema. Enfrentamento esse tido como bom, mas que não eximiu a jovem de expressar a sua ansiedade em ver o seu cabelo novamente crescendo, o que nos sugere a sua aspiração pela restauração da aparência modificada, embora não a manifeste de modo direto. Como já observamos, o desconforto é usualmente omitido, e, nos casos em que é expresso, não se sustenta em primazia nas enunciações. Na mesma perspectiva, vemos a seguir, partindo de uma publicação feita pela usuária @Instagram13, em 22 de março de 2018, a abordagem das imposições pós-quimioterápicas à aparência física junto de notas compensatórias ser mais uma vez enunciada:

Confesso que esse final de tratamento está sendo mais difícil pra mim... Os efeitos parece que estão vindo mais fortes, os dias ficam mais longos, ando cansada, meu corpo está exausto... Ando sem vontade de fazer nada, cheguei em uma fase que não quero nem me olhar no espelho mais, cansei da minha

⁴⁸ “COMO O MEU CABELO CAIU”. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u6WpiASZRXE>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

“cara de lua cheia”, cansei da minha carequinha, estou com saudade de ter uma vida normal... Eu sei que graças a Deus está chegando ao fim, que essa fase está acabando, que só tenho que agradecer por tudo que Deus fez por mim... [...] eu sempre disse que NADA vai me derrubar, então não posso me abalar agora, tenho que ser forte, a vitória está chegando!! Vou levar de lição tantos aprendizados, descobri que eu sou mais forte do que eu imaginava, que tudo passa, que não há nada que dure para sempre, e que sem Deus eu não sou nada !Que Deus me dê ânimo e coragem, agora falta tão pouco  [#raizesdavidaxôlinfoma](#) [#tchaucancer](#) [#mulherescarecas#quimioterapia](#) [#quimio](#) [#fé](#) [#vemcura#tchaucancer](#)

Com um teor aparentemente franco – de “Transparência nas Imagens” – sobre a sua rotina, a jovem discorre sobre as dificuldades frente às modificações na sua imagem e na sua vitalidade, mas finaliza seu relato agradecendo pelo avanço do tratamento e pelas benfeitorias viabilizadas pela ação de Deus. Fortalecida pelos aprendizados do processo de adoecimento, ela busca se firmar na esperança de cura acima de quaisquer receios e sustenta enfaticamente que nada lhe “derrubará”, mantendo um viés de intimidade na rede social, supostamente desprovida de ocultamentos. Contudo, por mais transparentes que sejamos exigidos hoje, conforme Han (2017) reconhece, o homem sequer é transparente consigo próprio. Conservando opacidades inerentes à condição humana, acreditamos que talvez o reconhecimento de que estar afastado da imagem idealizada não seja um fator irrelevante, mas sim propenso a nos engendrar sofrimento, não seja algo nítido sequer para o próprio indivíduo.

É interessante notarmos que tais inadequações podem ser sinalizadas de muitas formas, como na postagem saudosista da jovem @Instagram14, datada de 21 de agosto de 2017, em que uma fotografia sua antiga é utilizada como base para se enunciar as suas transformações corporais. Na legenda, recortamos o seguinte trecho: “Mano, como eu era linda. Meu pai eu era um mulherão [...] Juro que quando eu tiver cabelo de novo e cílios eu jamais vou reclamar.” (sic.) Aqui, lemos também: “Não me sinto um mulherão agora” e, dessa forma, inferimos que tem se tornado bem menos difícil enunciar a insatisfação pela via da sutileza, tanto para aqueles que a sentem, quanto para aqueles que a leem, visto que tanto quem produz quanto quem consome conteúdo é atravessado pela mesma lógica idealizadora dos afetos. Em consonância com o exposto, lembremos que hoje “[...] a felicidade ainda se tornou um sistema de intimidação de todos por cada um, do qual somos ao mesmo tempo *vítimas* e *cúmplices*.” (BRUCKNER, 2002, p. 63, grifo nosso).

Diante disso, não serão raros os momentos nos quais o sentimento de incongruência com a normatização dos corpos será manejado por vieses coadjuvantes

nas publicações. Na mesma linha, ilustramos com a imagem a seguir, Figura 19, postada no dia 4 de agosto de 2018, pela jovem @Instagram11, como o tema também pode aparecer em tom jocoso, mas não menos significativo:

Figura 19 – Jovem Adoecida e Corpo em Transformação: Atenção à Aparência



Fonte: Instagram (2018).

Acima, vemos como a primeira imagem da jovem careca representa a “dor”, segundo a sua legenda, retratando o momento em que ela se sentiu desassistida. Já na segunda foto, atual, maquiada, com cabelo, adornada, *bela*, a jovem nos transmite a seguinte mensagem: “Sou bem quista”. Contudo, como visivelmente anuncia na publicação, o período em que tem a sua imagem corporal modificada é marcado por ausências e afastamentos, enquanto que o aprimoramento da aparência lhe rende encontros. Demonstra, com esse popular *meme*⁴⁹ “*Não me quis assim, não venha me querer assim*”, desconforto frente aos ônus do tratamento oncológico, aqui evidenciados pela sua aparência transformada. Considera a situação relatada como um aprendizado sobre os homens, como algo “triste, mas real.”

Percebemos, portanto, após a análise deste grupo, que as justificativas para se manter bem são bastante variadas, oscilando entre suporte social, medicamentoso, religioso ou mesmo altruísta, mas que são enunciadas justamente como uma medida para suavizar um sofrimento tão intenso quanto o contentamento exaltado em suas

⁴⁹ Publicação que envolva a reutilização de uma imagem, ideia, música ou informação com cunho humorístico ou satírico.

verbalizações. Contentamento esse que, justo por sua glorificação, forneceu-nos indícios de ser atravessado por um imperativo social, uma palavra de ordem – *SEJA FELIZ* – que, de tanto circular em nosso meio, passa a ser reproduzida como uma verdade, um novo paradigma, para que, de fato, acreditemos. Crentes nessa promessa de felicidade perpétua, mostra-se mais difícil para os indivíduos permitirem que as suas insatisfações sejam amplamente anunciadas, pois a mensagem de nosso tempo tende a silenciar a livre fluidez dessas discussões. Atentos para os detalhes, contudo, percebemos que o sofrimento e a frustração frente à mudança corporal da imagem idealizada são indiretamente expressos, sendo as lentes embaçadas da Indústria Cultural que nos adaptam a não enxergá-los. Entendemos, com isso, ser necessário que discorramos de modo mais detalhado sobre a atual consagração aos discursos de compulsão à felicidade, os quais, respaldados pela égide da performance e do alto rendimento de si, estabelecem um regime de deslegitimação subjetiva do sofrimento.

4 FELICIDADE COMPULSÓRIA E SILENCIAMENTO DO SOFRIMENTO

Nesta seção, almejamos desenvolver uma reflexão sobre a pesquisa anteriormente apresentada, em especial, no que se refere aos imperativos de felicidade que predominam na contemporaneidade e que se fizeram fortemente presentes nos dados da nossa investigação. Em consonância, discutiremos o movimento de eufemização do sofrimento que nos assola, enquanto seres constantemente exaltados em nome do seu potencial performático em contraste com a experiência subjetiva do mal-estar, inerente à condição humana.

Ademais, refletiremos também sobre as relações entre a categoria temática mais referenciada – “Felicidade Compulsória” – com as também já enunciadas “Atenção à Aparência” e “Transparência nas Imagens”, a fim de discutirmos as implicações psicossociais desses mecanismos de gerenciamento subjetivo que tanto *incidem sobre* como também *são reproduzidos* pelo sujeito contemporâneo, considerando especificamente o nosso objeto de estudo privilegiado.

Diante disso, efetuaremos de início algumas considerações em relação ao termo “sentimento de si” (LE BRETON, 2018), em virtude de salientarmos a nossa compreensão sobre o modo com que todos esses elementos em destaque na análise da pesquisa se relacionam com os processos de produção de subjetividade e de sociabilidade contemporâneos. Em consonância com Le Breton (2018), acreditamos que as circunstâncias refletem diretamente na constituição das identidades, e mostra-se, portanto, relevante que observemos as formas com as quais determinadas construções culturais podem influir na construção de modos de ser e de agir potencialmente adoecedores.

Entendemos que, pelas próprias vicissitudes da história pessoal e dos recursos individuais de manejo frente a situações inesperadas, não abarcamos aqui a experiência de todos os sujeitos que se encontram em um estado de adoecimento oncológico – o que sequer é o nosso objetivo –, mas reconhecemos que se mostrou um elemento de destaque o atravessamento das categorias elencadas sobre os indivíduos estudados. Depreendemos, portanto, a relevância de refletirmos e de denunciarmos esses mecanismos que podem aviltar a dimensão plural e simbólica da subjetividade do homem contemporâneo, em face às demandas por felicidade, exposição e transparência constantes. Vejamos, como ponto de partida desta discussão, um dos embasamentos que utilizamos sobre a perspectiva de identidade como processo:

A identidade é um movimento idêntico, no sentido que o essencial de si permanece, o indivíduo se reconhecendo de uma época à outra. Mas a identidade também é flexível na medida em que incontáveis incidentes da vida vão depositando nela seus sedimentos, nutrindo a experiência e provocando mudanças na percepção de si. Uma trama movediça de valores, de representações, de modelos, de papéis e de afetos fornece as bases do sentimento de si, constrói uma história própria, um estilo de presença, uma afetividade em ato. (LE BRETON, 2018, p. 196)

Pensando essa “afetividade em ato”, pudemos ver, durante a análise empreendida nesta pesquisa, várias ilustrações de momentos em que a afetação frente à descoberta do adoecimento, da necessidade de raspagem capilar, do imaginário de morte que ainda jaz sobre o diagnóstico, e afins, foram retratados como períodos de grande impacto e significância nas histórias das jovens adoecidas. É interessante ainda ressaltarmos que, por vezes, a relevância da experiência não era descrita *ipsis litteris*, mas fora pronunciada por meio de pausas no discurso; da utilização de trilha sonora emotiva para abordar o assunto ou mesmo pelo silenciamento direto; e/ou a utilização somente de imagens. Na ausência de significantes para sustentar a situação enunciada, a negação do sofrimento pareceu ser um recurso bastante frequente, principalmente quando nos referenciamos a um cenário social de culto ao alto desempenho a todo instante.

Esse cenário nos permitiu visualizar aproximações até então incomuns, mas que têm assumido ares de familiaridade, dado que não parece ser mais novidade utilizar o jargão de “combate ao câncer” dentro de academias de ginástica, de centros de treinamento especializado e junto a profissionais do embelezamento. Com isso, não intencionamos atribuir uma perspectiva maniqueísta sobre a preocupação com a aparência física empreendida pelas jovens diagnosticadas com câncer, uma vez que, caso elas tenham disponibilidade (orgânica, financeira e social), esse tipo de atividade pode contribuir/abrandar o seu cotidiano, repleto de intervenções hospitalares. O que almejamos salientar aqui é justo o processo de radicalização que tem se travado sobre esse movimento, que impõe e responsabiliza o indivíduo por suas impossibilidades e pode vir a se configurar como mais uma obrigação em sua vida. Mesmo nos casos nos quais o indivíduo não se sente confortável ou não se identifica diretamente com essa associação, com frequência vimos justificativas e/ou reproduções de enunciados de desqualificação frente à diferença. Isso nos sinaliza que esses discursos performáticos sobre a idealização corporal precisam ser criticamente refletidos, em virtude de eles se ordenarem a partir de um regime de representação, no qual o indivíduo finda por fazer

de si mesmo um “aparelho eficiente” (EHRENBERG, 2010). Dessa forma, independentemente de estarmos tratando aqui de aparelhos que não se encontram funcionando em “condições comuns”, a cobrança por eficiência parece não se atenuar.

Outrossim, com a intenção de instrumentalizar as nossas experiências e instaurar novos paradigmas, as chamadas de nosso tempo, que não se restringem a nos convocar a buscarmos os contornos físicos deliberados pela moda, mas também a sermos transparentes nesta empreitada (que nunca cessa), sustentam-se pelo ideal de que podemos alcançar a felicidade perpétua. Logo, enquanto aparelhos eficientes em competição pela conquista dessa felicidade, percebemos que o homem de hoje vive um processo de coisificação do outro e de perda da capacidade de identificar-se com o sofrimento alheio (RAMOS, 2004), ou mesmo do seu próprio, que é cada vez mais omitido. Sobre essa conjuntura, o autor afirma: “Essa incapacidade de identificação [...] explica as nossas formas passivas de mutilação do outro, quais sejam, aquelas que resultam da nossa indiferença, conivência e cumplicidade diante da exploração gritante de nossos semelhantes ou de nós mesmos.” (RAMOS, 2004, p. 58). Tal procedimento apareceu de modo nítido nas muitas chamadas, vistas na análise da pesquisa, que atribuíam à “falta de vontade”, à “preguiça” e/ou ao “desinteresse em sair da zona de conforto” os casos nos quais as pessoas adoecidas não mantinham uma rotina de exercícios físicos em associação à rotina do tratamento oncológico. No outro extremo, também notamos a mesma faceta em situações nas quais as pessoas que se preocupam com a manutenção de uma aparência dentro dos contornos idealizados são consideradas “vazias” e/ou “menos felizes”.

Essa lógica de gerenciamento da existência, que parece nos afastar cada vez mais uns aos outros, dialoga fortemente com as reflexões empreendidas por Ehrenberg (2010) no que tange ao *empreendedorismo* e à *cultura do management*. A sua reflexão nos diz que, partindo do contexto administrativo dos negócios, esses pilares ingressam na dimensão pessoal e passam a estabelecer a *performance* como conduta e valor sociocultural, em nome da garantia de eficácia e controle. Consideremos a seguir um comentário do autor acerca desse processo de valorização da gestão empreendedora de si e do novo imaginário formado por esses pressupostos e valores originalmente corporativos que aspiram à performatização da existência:

A colonização de outras esferas da vida pessoal pelo empreendedorismo opera-se de forma rápida e inexorável. Parece razoável supor que imprimir maior racionalidade às atividades humanas organizadas contribui para torná-las mais eficientes e eficazes, com evidentes benefícios sociais. [...]

Entretanto, fazer com que todas as atividades sejam permeadas pelo empreendedorismo e pela cultura do management pode levar a um esvaziamento de seus valores constitutivos, com consequências negativas para seu sentido social e desvios em relação à sua finalidade. (EHRENBERG, 2010, p. 199)

Em consonância com o mesmo autor, concebemos que esse “processo de colonização” manifesto pelo culto ao alto desempenho se inclina para o efêmero, uma vez que essa busca pela “excelência pessoal” possui altos custos. Dentre eles, temos a transformação dos semelhantes em competidores, concorrentes ou mesmo inimigos, além da imposição de constante funcionalidade/instrumentalização sobre os sujeitos, o que finda por levá-los a buscar segurança em referenciais ilusórios. Dessa forma, sobrecarregados de orientações generalistas para problemáticas das mais diversas complexidades, tende-se a “gerar um senso aparente de ordem em um mundo que parece cada vez mais caótico. [...] Assim, os rótulos tendem a superar os conteúdos, a retórica a dominar a realidade, e a imagem tende a substituir o conteúdo.” (EHRENBERG, 2010, p. 2000). Logo, não é tarefa muito difícil imaginarmos que todo esse sofrimento que tem sido cada vez mais ameaçado no seu campo de vazão encontrará suas vias de enunciação, dado que, conforme observamos, não é sustentável um formato de produção de sociabilidade que limite a complexidade e pluralidade humana em moldes de contínua performance sem que haja consequências para a experiência subjetiva.

Em relação a este contexto, Birman (2003) salienta que tem sido nos registros do corpo e da ação que o mal-estar tem se evidenciado na contemporaneidade, em contraposição às antigas modalidades de sofrimento, concentradas no conflito psíquico, ante a frequente contraposição entre os impulsos individuais e as interdições morais massivas do século passado. Uma reflexão importante de tal conjuntura diz respeito à contrapartida da economia do corpo se localizar no intensivo processo de medicalização, que desemboca no estabelecimento de uma crescente “produção da saúde”, norma fundamental para o cidadão de hoje.

Ao fazer uma leitura das principais modalidades de mal-estar da atualidade, por meio das depressões, da síndrome do pânico e das compulsões em geral, o autor aponta uma íntima articulação dessas com o mal-estar corpóreo e com o registro da ação. Em sua análise, argumenta que é a corporeidade, ameaçada pelo fantasma da morte, e a impotência, expressa pela impossibilidade de ação para a subjetividade, podendo até mesmo chegar ao limite da paralisia, que substancialmente jazem nesses signos do mal-

estar (BIRMAN, 2003). Dessa perspectiva, depreende-se o contexto no qual o sujeito contemporâneo se encontra: acuado, indefinido e atravessado pela fragmentação corporal, atrapalha-se, precipita-se, na busca de algum formato de tónus que opere como um “centramento”, um sustentáculo de si mesmo (BIRMAN, 2003).

Em consonância com esse cenário, Le Breton (2018) sinaliza o estabelecimento de uma tentação contemporânea frente a um processo de desaparecimento de si, por meio do qual são desenvolvidos diversos mecanismos, que exigem maior ou menor investimento por parte dos sujeitos, em nome da busca por um momento de reclusão, um afastamento de si mesmo e da rede de relações sociais. Em um regime efêmero, ou mesmo que resulte em constância⁵⁰, disseminam-se as fórmulas para que o homem possa esvaziar-se das pressões e das responsabilidades associadas ao assumir a sua identidade. O autor afirma que esse processo sinaliza a procura dos sujeitos em promover um apaziguamento do peso carregado diante do exercício dos seus papéis sociais, estabelecidos em conformidade com o sistema corrente. A trama de expectativas e de atribuições demandadas pelo outro pode se tornar extremamente difícil de ser sustentada, resultando numa vontade de esquivar-se de tais responsabilidades. O desaparecimento de si, contudo, nem sempre é uma tarefa simples de se executar, uma vez que ela está associada ao reconhecimento de que somos feitos mais de incertezas do que de previsibilidades (LE BRETON, 2018), e, isso, numa época em que somos bombardeados de falsas garantias, pode ter altos custos. Custos esses que se expressam nas implicações que podemos nos infligir ao procurarmos por essas formas de afastamento, as quais podem promover desde alívios físicos e mentais – diante de experiências que permitam a livre expressão dos afetos –, a prejuízos cognitivos ou mesmo à morte – casos associados à realização de “jogos de asfixia” ou à intensa e estrita manipulação do virtual, que podem resultar no completo desligamento da existência.

Como pudemos observar com a análise da pesquisa, as pausas e os eventuais lapsos durante os discursos das jovens nos indicavam que, não obstante a divulgação de formas simples, fáceis e supostamente transparentes voltadas ao “não abatimento” frente às mudanças tanto físicas como psíquicas decorrentes do tratamento, a contradição está presente. E ela nos sinaliza que a interrupção/pausa, em momentos de

⁵⁰ Referimo-nos aqui aos casos, por exemplo, em que os indivíduos optam por um total afastamento de sua identidade original, adotando um novo nome e endereço em outra nação, por exemplo.

crise, pode ser uma necessidade de organização particular, embora escutemos, pela idealização das imagens contemporâneas sobre o gerenciamento de si, o oposto.

Em congruência com o exposto, vimos que as jovens da pesquisa sinalizaram desconforto em expressar as dificuldades experimentadas em sua trajetória, tanto em seus relatos escritos quanto nos vídeos. Contudo, na observação das gravações pudemos observar de modo mais nítido as suspensões no discurso, uma vez que estas eram demarcadas por edição/cortes na filmagem, pela utilização de recursos acessórios – como um fundo musical específico – ou mesmo pelas compensações que logo se enunciavam, como se fosse preciso apaziguar e deslegitimar o conteúdo previamente mencionado. Desse modo, as passagens em que se tentava obliterar o sofrimento não nos passaram despercebidas. Enquanto as postagens *online* no Instagram podem ser “consertadas” sem deixar quaisquer vestígios de dor/sofrimento antes de serem publicadas; a abordagem filmada sobre uma temática angustiante – mudança corporal, perda dos cabelos, medo e desgastes do contexto hospitalar – não dispõe das mesmas ferramentas. Com isso, concebemos as lágrimas enxutas durante o intervalo suprimido da gravação, por exemplo, como um meio bastante fidedigno de expressão do mal-estar.

O sofrimento dessas jovens, diante disso, parece se enunciar justo por meio dessas estratégias de ocultamento, que se mostram impossíveis de serem amplamente sustentadas. Inferimos, por sua vez, que a utilização (e crença) do atual paradigma de culto à felicidade perpétua tende a desqualificar as experiências de recolhimento e de introspecção do indivíduo, as quais podem ser benéficas para a sua própria organização subjetiva, principalmente em tempos de tantas metamorfoses e preocupações frente ao diagnóstico. Logo, consideramos, em consonância com Le Breton (2018), que o processo de desaparecimento de si, também denominado de “branco”, pode ser compreendido como uma fonte de renovação, na qual o sujeito procura um lugar para si próprio, em um momento no qual lhe falta refúgio. Vejamos o que autor afirma sobre o indivíduo que busca o seu ritmo particular nesta “espécie de antecâmara”, que não o exime de ser ele mesmo:

Embora ele esteja em uma espécie de descanso das representações sociais ordinárias, ele também sabe agir quando as circunstâncias o exigem e sabe retomar a existência em suas próprias mãos após alguns eclipses. Em outras palavras, ele sabe o que faz desfazendo-se de si mesmo. O branco pode às vezes ser um poder, uma energia à espera de seu próximo desdobraimento. Suspensão do sentido e não extinção. (LE BRETON, 2018, p. 209)

Neste perspectiva, retomamos que, menos dialética e mais convincente, a idealização das imagens sobre a performatização da subjetividade nos apresenta as determinações da vida social como se fossem naturais, e, com isso, estabelece um mito bem diferente do existente nas sociedades pré-modernas, referenciados à origem dos tempos como via de justificar o presente. O mito de hoje se expressa por uma *produção contínua do presente*, que, apagando a história das suas significações atribuídas, diz-nos que o que existe não é previamente construído, mas é essencialmente “emanado da vida” (KEHL, 2005), ou seja, o que existe é naturalizado. Esse existente, por sua vez, cada vez menos nos autoriza a aceitar o mal-estar como nosso constituinte, e, diante disso, vemos tantas manifestações que militam pela felicidade plena, pela libertação das preocupações com a aparência e pela transparência e espontaneidade das comunicações, mas que se erguem às custas de incongruência e de desconexão com a própria experiência.

Sobre esse cenário, Birman (2003) enfatiza que o registro da linguagem se empobrece, em virtude de os signos que constituem o mal-estar estarem hoje centrados nos domínios da ação e da corporeidade, como já abordamos. A dimensão informacional do discurso tende a esvaziar a grandiosidade do seu âmbito simbólico, e, com isso, evidencia-se uma retórica instrumental que finda por atingir a própria dimensão do pensamento, em conformidade com o que refletimos da discussão feita por Marcuse (1973) sobre a sociedade unidimensional, que busca instaurar conformidade, silenciar e “reconciliar” a oposição crítica do pensamento.

Em prosseguimento à sua reflexão, Birman (2003) diferencia os signos de mal-estar atuais e afirma que a sua expressão se dá prioritariamente enquanto “dor” e não como “sofrimento psíquico”. Ele caracteriza a dor como uma experiência individual, sem interlocução com a alteridade, manifesta por um lamento que domina o sujeito em uma passividade e uma dimensão narcísica, dado que ele não se dirige ao outro. Por outro lado, o autor define o sofrimento enquanto uma experiência fundamentalmente alteritária e ativa, em virtude de o sujeito endereçar uma demanda a outrem, ao reconhecer a sua insuficiência. Diante disso, Birman (2003) sintetiza que as principais modalidades de mal-estar contemporâneo se devem à condição solipsista da subjetividade, cada vez mais limitada em sua interlocução com o mundo. Paulatinamente mais pragmático e operacional, com a sua linguagem funcionalizada, o sujeito da contemporaneidade tende a perder a sua dimensão simbólica, e, com isso, a

instrumentalização do corpo se dissemina em meio aos vastos discursos sobre uma existência ligada aos moldes do (considerado) saudável.

No que se refere ao registro político e sociológico da conjuntura expressa, o autor sinaliza que essa apresentação da subjetividade pode ser compreendida pela ruptura da mediação no espaço social. A partir desta mediação, por sua vez, a linguagem poderia fluir marcada pela negatividade, a qual, como já vimos, é a condição de possibilidade da criticidade, da reflexão e da simbolização. Sem ela, os fatalismos e os determinismos alastram os murmúrios impotentes que, não compartilhados com o outro, isolam os sujeitos (BIRMAN, 2003).

Percebemos, assim, como se torna mais viável a tarefa de adesão aos valores mágicos atribuídos às dietas, aos infalíveis sucos *detox*, à grade fantástica de exercícios revelada pelas celebridades ou mesmo pelas fascinantes pílulas da felicidade, do crescimento muscular, tranquilizantes, etc., tão perpetradas pelos dispositivos da Indústria Cultural. Sustentados por discursos que os assemelham às necessidades generalistas da (imposta) indústria da saúde e da medicalização dos corpos, na realidade, não há um processo de aproximação dos sujeitos enquanto um processo de trocas subjetivas, mas cada vez mais uma fragmentação, um isolamento, dado sua inaptidão em desenvolver mediações no mundo.

Sobre esses valores, é fundamental aqui salientarmos que não atribuímos somente ao aumento exponencial de discursos acerca dos modelos idealizados de imagem corporal sobre as mulheres como fator ímpar para a atual depreciação de tudo aquilo que se afaste da normatividade. Entendemos, em conformidade com Novaes e Vilhena (2003), que esses discursos que impõem às mulheres serem belas não são uma conquista moderna, contudo, assumem um novo formato atualmente. Não mais se pode culpar a natureza por seu eventual desarranjo com as normas excludentes de beleza, pois, hoje, afirma-se incessantemente que a mulher “*pode ser bela, se assim o quiser*”. (NOVAES, VILHENA, 2003, p. 24, grifo do autor). Historicamente preocupadas com a sua imagem, na contemporaneidade as mulheres se encontram responsáveis por esta. A transposição que vemos é a de a beleza ceder espaço de “dever social” para “dever moral”, e, dessa forma, o fracasso se relacionar a uma incapacidade pessoal, a uma negligência particular, cuja culpa, em consequente, jaz inteiramente sobre o indivíduo (NOVAES, VILHENA, 2003).

Além disso, as autoras contribuem com a nossa análise ao reconhecerem que, diferentemente dos códigos da imagem que se estabelecem frente à estética corporal

masculina, os qualitativos estéticos femininos possuem íntima ligação com a identidade sexual. Dessa forma, o forte impacto que a aparência em desconformidade com a idealização corporal tem sobre a imagem da mulher justifica-se pela associação entre “ser feia” e ser “menos feminina” (NOVAES, VILHENA, 2003).

Em consonância, percebemos uma busca por modificação daqueles atributos físicos considerados mais desregulados, diante das idealizações corporais, em muitas postagens analisadas na seção anterior, tal como a (tímida ou mais direta) expressão de desconforto frente à perda desses elementos – como os cabelos, a massa muscular e as mamas, por exemplo – no que se refere a uma feminilidade nocauteada pelo adoecimento. Para sustentar o *pesado* estatuto de “ser mulher”, vale apostar em toda uma ordem de investimentos, incluso o penoso discurso de “gratidão sob qualquer circunstância”. Este que se enuncia mesmo em nome de muitas privações, no silenciamento de muitas angústias e na tentativa de resgate do belo nas academias de ginástica, nos consultórios médicos, nas mesas de cirurgia e/ou na reprodução de políticas de autoajuda, que são tão amplamente ovacionadas, como pudemos notar pelo feedback dos seguidores nos comentários das postagens analisadas. Sobre essa discussão, vejamos o que as autoras referidas dissertam:

Portanto, mudar o corpo é mudar de vida, e as intervenções estéticas decorrentes desse processo traduzem-se em gratificações sociais. Na modernidade, a estética encontra-se vinculada a diversas formas de sociabilidade, impondo sua ordem como uma instância reguladora que abarca um número cada vez maior de contextos e normas sociais. (NOVAES, VILHENA, 2003, p.30).

Ao reconhecer o corpo como cenário privilegiado dos paradoxos e dos conflitos presentes nas sociedades, as mesmas autoras discorrem sobre as novas mensagens encenadas por meio desses “corpos teatralizados” (NOVAES, VILHENA, 2003) que se inscrevem em um meio no qual o horror à imperfeição e a rejeição à finitude buscam ofuscar o processo de definhamento humano inerente ao real. Dessa forma, em uma sociedade cada vez mais pauperizada em ideais coletivos, fragmentada entre ganhadores e perdedores, trata-se com enorme intolerância tudo aquilo que obstaculize o sujeito em busca de sua perfeição. Daí olharmos atentamente para o manejo do que não se considera belo em nossa cultura, pois nada é atualmente mais distante dessa almejada perfeição do que aquilo tido como feio (NOVAES, VILHENA, 2003).

No que se refere a essa tentativa de supressão do definhamento dos corpos, em relação com a beleza, Freud (1930, 1974) auxilia a nossa compreensão. Em sua obra “O

mal-estar na civilização”, o autor sinaliza que a fruição da beleza é uma frequente via para o alcance da felicidade, sendo, contudo, uma qualidade “tenuamente intoxicante”, dado que não ofereça resistência suficiente contra a ameaça do sofrimento. Assim, por mais que a civilização não dispense a valorização da beleza das formas e dos gestos, dos objetos, das paisagens e das criações humanas, esta não conta com um emprego evidente e não se mostraria necessária (FREUD, 1974).

Curioso com relação a esse enaltecimento, o autor aponta que, embora não possua uma utilidade direta, a atitude estética em relação ao objetivo da vida – conseguir a felicidade e manter afastado o sofrimento – pode fortemente compensá-lo. Assim, embora não possamos realizar o programa de tornar-se feliz, conforme imposto pelo princípio de prazer, não abandonamos os nossos esforços em aproximarmos-nos dele, o que pode ser empreendido sob muitas formas, concedendo prioridade ao elemento positivo – obtenção de prazer – ou ao negativo – esquiva do desprazer. De qualquer modo, nenhum desses caminhos particularmente escolhidos leva à satisfação de tudo aquilo que desejamos, (FREUD, 1974) o que se fundamenta na contramão dos discursos neoliberais atuais. Em suas palavras, vejamos o que o autor disserta sobre essa discussão:

Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. (FREUD, 1974, p. 103).

Os discursos atuais que buscam instaurar as listas, as enumerações, o *passo a passo* de como alcançarmos a felicidade mostram-se, portanto, puramente ilusórios. Muitos dos argumentos de que podemos (e devemos) buscar essa felicidade jazem em todo o alcance tecnológico que fora possível com o inédito progresso técnico e o controle sobre a natureza conquistados, porém, conforme já discutimos na primeira seção desta pesquisa, não estamos aqui falando de uma relação causa-efeito. Sobre esse ínterim, Freud (1974) reconhece que, embora o poder sobre a natureza não constitua a única pré-condição da felicidade humana, não se pode desprezar o seu valor para a economia da felicidade. Contudo, não se pode inferir, com isso, que o alcance da felicidade plena se tornou uma realidade, pois a vida ainda é difícil e cheia de infortúnios, podendo, para muitos, a libertação ser encontrada somente na morte (FREUD, 1974). Não caberia então sustentarmos qualquer lógica generalista sobre o

governo da felicidade, pois, de acordo com o mesmo autor, esta “é algo essencialmente subjetivo”. (p.108).

Entretanto, as expressões sobre o culto à euforia que pudemos acompanhar durante toda a pesquisa nos mostraram uma abordagem distinta, seja na perspectiva das representantes do corpo idealizado do consumo ou para as jovens adoecidas. Em ambos os contextos, a felicidade fora enunciada como um bem passível de ser conquistado diante do “investimento adequado”, seja um bem imaterial – filosofias de supervalorização da vida, gratidão ao mundo, manutenção de emoções otimistas diante do meio e/ou libertação do estigma negativo da doença – ou material – manutenção de uma imagem idealizada e/ou obtenção da cura. Vimos, diante disso, que independente da abordagem direta ou indireta utilizada pelas jovens do nosso estudo, não houve espaço para o reconhecimento do sofrimento, em sua dimensão alteritária, e sequer da dor, em sua dimensão individual. Nenhuma manifestação de desconforto nos pareceu isenta de receios, de justificativas e de efemeridade, o que nos indica uma tentativa constante de tamponamento do mal-estar, o qual, como concebemos, é próprio da nossa civilização.

Para fundamentar essa reflexão sobre os motivos de não podermos alcançar esse estado de plena felicidade, relembremos as três fontes de sofrimento que assolam a humanidade, de acordo com Freud (1974). Elas se constituem no poder superior da natureza sobre nós, na fragilidade dos nossos corpos e na inadequação das regras que fundamentam as nossas relações com os outros (FREUD, 1974). Defendemos, com a nossa análise, que o discurso performático e positivista divulgado na atualidade tem encontrado ferramentas para tentar obstruir qualquer elemento que sinalize que o indivíduo contemporâneo é um ser (também) subordinado, seja por princípios internos ou externos a si próprio. Assim, na busca por assegurar um ideal de onipotência humana, vimos a perpetuação de novos valores voltados para um máximo desempenho e excelência particular.

Neste ínterim, até mesmo o adoecimento assumiu uma roupagem romantizada – como se tratássemos de um problema casual – em virtude dele simbolizar que, de fato, não exercemos todo o controle sobre nós mesmos do qual pensamos dispor. Logo, embora saibamos que o acometimento pelo câncer não se trate de uma consequência direta do funcionamento do nosso aparato cognitivo, é importante que olhemos para a espetacularização imagética que tem se desenvolvido a partir dessa atual prerrogativa. Prerrogativa esta que postula que o culto ao otimismo nos traz *benfeitorias* físicas e

sociais, e, por sua vez, que a preservação de “emoções pessimistas” é a porta de entrada para *desventuras*, como as doenças oncológicas, neste caso tratadas como uma “mera implicação” de nossos afetos.

Diante disso, abordaremos, por fim, o recorte de um recente e alarmante indício dessa reflexão no subtópico a seguir, uma vez que ele representa um movimento de síntese das categorias temáticas enunciadas na análise da pesquisa e em virtude de ele ser bastante significativo das mudanças em maior escala que têm se desenvolvido em nossa cultura, cada vez mais individualista e voltada para o sucesso. Analisaremos, portanto, o “*Cancer Coaching*” ou “*Coaching Oncológico*” como um elemento que não somente congrega as categorias encontradas, mas que parece estar em um grau de ascensão tão significativo entre os profissionais da área da Psicologia, que consideramos da maior pertinência apontarmos este fenômeno, dado o nosso comprometimento ético com a emancipação humana e com o nosso saber/fazer profissional.

4.1 O *Coaching Oncológico* como Índice da Compulsão à Felicidade e do Silenciamento do Sofrimento

Sabemos que diante da perpetuação da lógica empreendedora e performática da contemporaneidade o número daqueles que se intitulam *Coaches* cresce expressivamente. Hoje é fácil observamos a presença desses profissionais tanto em áreas corporativas, como os especialistas em Gerenciamento de Empresas, quanto em áreas de interesse particular, como os vinculados aos setores de Nutrição; Estilo; Processo de Emagrecimento/Hipertrofia; Relacionamentos e afins. A categoria, portanto, abrange uma atuação em esfera pública e privada. Originalmente, o termo *coach* é derivado da palavra homônima inglesa que significa “treinador” ou mesmo “professor”, estando então associado à figura de um tutor contratado para aperfeiçoar as habilidades de seus aprendizes. Hoje o vocábulo assume uma expansão de tal definição, sendo já referenciado como um profissional que atua com vistas a desenvolver as competências profissionais ou pessoais de seus clientes (DICIO, 2019).

Essas informações podem não soar como novidade, dada a frequente divulgação desses serviços no nosso cotidiano. Contudo, um dado significativo que encontramos durante a nossa análise refere-se à existência do serviço de *coaching* voltado especificamente para pacientes em tratamento oncológico.

Em tal espaço há um compêndio de todos os discursos acerca do culto ao governo positivado de si e da resistência em abordar diretamente as vicissitudes

negativas do adoecimento, os quais pudemos observar nos enunciados das jovens analisadas em nossa pesquisa. A principal distinção entre o perfil desse profissional e o das demais pacientes estudadas jaz na busca de legitimação científica de todos os seus discursos, conforme vimos ser uma forte prerrogativa dos adeptos da Psicologia Positiva (FREIRE FILHO, 2010). A felicidade, como horizonte último desse tipo de discurso, fundamenta as palavras de ordem generalistas que paradoxalmente se encaixam em núcleos cada vez mais específicos da experiência humana, neste caso, de pessoas e/ou seus familiares e amigos que estejam atravessados pelo adoecimento oncológico. Em sua crítica, Freire Filho (2010) nos sinaliza para esse gerenciamento da existência no qual a felicidade figura como um solene plano de subjetivação:

Suas práticas de autoafirmação pressupõem (de modo menos ou mais consciente) a adaptação unilateral às exigências múltiplas e cambiantes do universo social e corporativo, sem o apoio (suposto ou genuíno) de antigas redes de proteção urdidas e sustentadas coletivamente. Com notável satisfação, os pesquisadores enfileiram dados estatísticos e casos exemplares que ilustram o potencial dos indivíduos para responder – de modo positivo – a condições estressantes, demandas de reinvenção ou conjunturas angustiantes, retornando ao nível de conforto inicial ou saindo enriquecidos internamente. (p. 74).

Tal como a gestão de uma empresa, tais profissionais buscam estabelecer adaptação ao sistema corrente, mesmo que isso implique no apagamento das experiências individuais. Assim, seguindo o modelo de sistematização neoliberal que procura eliminar os elementos considerados desfavoráveis para o desenvolvimento das corporações, somos convocados a extirpar da nossa experiência tudo aquilo que é considerado dissonante frente às idealizações disseminadas pela Indústria Cultural. Presumimos, então, que o propalado incentivo à “autoestima” nada mais faz do que potencializar um sujeito cada vez mais mecanizado, e que neste caso precisaria manter a busca frenética por felicidade em comunhão com os medos associados ao contexto da oncologia, conforme analisamos, por meio de perfis encontrados no Instagram.

A breve investigação deste campo foi realizada por meio das *hashtags* utilizadas na pesquisa com as jovens em tratamento. Na lista obtida, deparamo-nos com uma postagem que nos chamou atenção tanto pelo conteúdo de gestão positivada da pessoa adoecida quanto pelo nome da conta, que afirma ser o próprio câncer um elemento de “cura” pessoal. Logo, a partir do uso da *hashtag* #cancercaching e de suas associações, como a #coachingoncológico, encontramos vários perfis com similar abordagem.

A pesquisa desses termos – *Cancer Coaching* e *Coaching* Oncológico – nos principais domínios de busca *online* nos sugere que essa área se espelha em propostas

de trabalho estrangeiras e que se encontram atualmente em desenvolvimento no Brasil⁵¹. Dentre as informações divulgadas, observamos a frequente explanação do termo, conforme a matéria publicada no site da revista Exame (2018): “O objetivo é trazer mudanças positivas e duradouras em um curto espaço de tempo e de forma efetiva. Sempre proporcionando aumento da autoconfiança para ajudar no alcance de metas e atingir o potencial máximo do indivíduo”⁵².

Em conformidade, *coaches* oncológicos apresentam o seu trabalho em sites próprios e em contas públicas nas redes sociais virtuais. É importante frisarmos de antemão que essa análise não nos forneceu informações suficientemente precisas sobre a existência de um mercado brasileiro já solidificado na área, mas não podemos desprezar o significativo feedback do público sobre essa abordagem investigada.

Em tal investigação, encontramos perfis voltados exclusivamente para o atendimento de mulheres, como o primeiro acessado, bem como perfis que não restringem o seu público, com o qual atendem fisicamente ou por telefone (ligações/mensagens via WhatsApp®). A análise das postagens encontradas – que se embasam pelos pilares da Psicologia Positiva, de tratamentos holísticos, de terapias orientais, como o Reiki® e/ou de curas energéticas, como o ThetaHealing® – demonstra a relevância social de atentarmos para a disseminação de possíveis práticas de produção subjetiva que engendrem uma pauperização das nossas experiências ao embotarem expressões legítimas do sofrimento em nossas vidas.

Ao se respaldarem principalmente pelo culto ao desempenho e à potencialidade transformadora intrínsecos dos pensamentos “otimistas”, o “*Coaching* Oncológico” afirma que a realidade pode ser modificada pelo poder que jaz em nossa cognição. Assim, tendo como pano de fundo a conexão “Corpo, Mente e Espírito” fundamentando “o ser”, disseminam-se os discursos do tipo: “*A cura começa no seu coração!*”, presente nos *Stories* da *coach* @Instagram15, os quais são bastante reproduzidos sobre diferentes roupagens, mas sempre precedidos de fundamentação prévia, como já sinalizamos. Dessa forma, no caso da profissional em questão, em seus *Stories* Salvos, temos a série “Formação”, que nos disponibiliza registros de seminários da área e de certificados que a qualificariam para o exercício da função. Provavelmente não por acaso, ao lado dessa série, vemos a categoria “Depoimentos”, que conta com mais de 60

⁵¹ A ideia parece tão recente que a plataforma de buscas Google (2019) nos sugeriu a correção do descritor “*Coaching* Oncológico” para “*Coaching* Ontológico”.

⁵² Matéria disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/onco-coaching-chega-no-mercado-para-ajudar-muitas-pessoas/>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

relatos de pessoas que se consideram beneficiadas pelas suas ações, sejam seus clientes diretos ou indivíduos que tiveram contato com os seus vídeos e/ou postagens.

Acreditamos que esses dados se relacionem à grande adesão aos discursos que exigem um alto custo afetivo e financeiro e, acima de tudo, são tidos como “prática de cuidado”. Cuidado esse que intrigantemente tem uma quantidade de sessões e uma duração fixa de atendimento por profissional, independente da demanda do cliente. Em um dos perfis acessados, @Instagram16, o *coach* oncológico aborda justamente a gestão de tempo e da produtividade, frisando a importância de se “ter tempo para o que realmente importa”. Com isso, simboliza para o público que até mesmo o enaltecido apoio que ele oferece tem prazo de expiração, e ele é curto! Além disso, seria esse apoio considerado algo “que realmente importa”? Pela efemeridade que demarca as sessões, cuja média que encontramos foi de 5 atendimentos, parece-nos ser também a sua atuação um elemento na lista das tarefas a serem acelerada e eficazmente cumpridas.

Diante disso, não é difícil presumirmos que esse dispositivo pode se configurar em mais uma ferramenta de enquadramento do homem, que é convidado a ler o adoecimento como uma oportunidade de realizar um *tour* sobre si mesmo, de “ativar o seu poder interior”, e com isso, ser “mais feliz”. Vejamos a seguir algumas postagens *online* de divulgação do serviço exercido por quatro distintos profissionais da área:

Figura 20 – Coaching Oncológico



Fonte: Instagram (2019).

Figura 22 – Coaching Oncológico

Figura 21 – Coaching Oncológico



Fonte: Instagram (2019).

Figura 23 – Coaching Oncológico



Fonte: Instagram (2019).



Fonte: Instagram (2019).

As imagens acima nos ilustram a alarmante concretização do ideal performático – corporal e psíquico – sobre indivíduos em uma conjuntura marcada por tantas vulnerabilidade e incertezas. Vimos na nossa pesquisa que a normatização sobre a corporeidade não exime as pessoas adoecidas de sua prerrogativa idealizada, e, agora, parece-nos que também a lógica do empreendimento de si não se sensibiliza. Temos, com isso, que o sujeito não precisa somente parecer fisicamente saudável, mas precisa sentir-se assim também. A elaboração do sofrimento se apresenta cada vez mais distante do horizonte de possibilidades socialmente reconhecidas para o homem da atualidade.

Vemos, diante disso, uma tentativa de tamponar a fragilidade humana e de instaurar uma onipotência cognitiva que pode muito facilmente instaurar o paradigma da morte como “fracasso de vontade” e da responsabilização/culpabilização do sujeito que se “indispôs a viver”. Essa mensagem dialoga de forma direta com a Figura 22, na qual até mesmo a terminologia “paciente” é tida como sinônimo de derrota. Logo, o que entendemos como uma convocação descabida sobre mulheres que não optam por perderem a sua “autoimagem forte e poderosa” é aqui divulgada como “encorajamento”. Contudo, as demais campanhas não são menos incômodas, já que vimos reproduzido o ideal de que os males são necessários para nos permitir evoluir, “metamorfosear” ou mesmo o de que a justiça se expressa quando “recebemos” aquilo que “plantamos”. A querela “causa-efeito” parece nesses espaços bastante simplificada, em virtude da conexão “mente-corpo” poder ser treinada e, assim, de acordo com o site do @Instagram17, ser liberta das amarras que a enclausuravam nos males prejudiciais do “ressentimento, crítica e culpa”, elementos potencialmente “removedores” da doença. Na mesma linha, vejamos a seguir um excerto transcrito de uma postagem, datada de

fevereiro de 2019, na qual a *coach* oncológica @Instagram15 explica a sua atuação profissional, e questiona alguns dados científicos, estatísticos e socialmente conhecidos sobre a doença:

Se você tá muito ansiosa, e eu percebo que você precisa se acalmar, eu vou te ajudar. Eu vou fazer uma meditação guiada. Você vai fechar o olho, relaxar, respirar, se acalmar... Eu também posso te ajudar a reprogramar algumas crenças. Por exemplo, existe uma crença muito conhecida que o câncer é muito difícil, que ele é um atestado de morte, né? E isso tá inserido no nosso DNA. Então, o que eu te ajudo? Através de técnicas do ThetaHealing, que é uma outra forma de cura energética, eu vou lá na tua mente, e vou fazer tu fechar o olho, vou te deixar bem tranquila, e vou te ajudar a refletir sobre essa crença. Tem certeza que o câncer é uma doença que mata? Como que tem tanta gente que consegue sobreviver? Existem mais de 30 milhões de pessoas que sobreviveram. Então, eu vou te ajudar a tu mudar a tua crença, a mudar os teus pensamentos com relação à doença. Esse é o meu papel.

Na tentativa de tornar a pessoa otimista frente às incertezas do diagnóstico, a *coach* oncológica chega a questionar a veracidade do grau de mortalidade entre pessoas diagnosticadas com câncer. Vemos aqui o estabelecimento de uma inquietante perspectiva positivada com que se concebe os prontuários dos doentes, qual seja, a de negá-los ou mesmo a de enxergá-los como um instrumento de aprendizado. Podemos visualizar a mesma concepção a seguir, na Figura 24:

Figura 24 – Gratidão ao Câncer



Fonte: Instagram (2019).

A imagem acima, retirada da *coach* @Instagram18, convoca-nos a apreciar até mesmo os momentos de maior desorganização em nossas vidas, aproximando o público com o compartilhamento de uma história pessoal. Ao abordar o câncer como algo benéfico, ela ainda faz uma citação que nos sugere existir, intrínseco ao processo

de adoecimento, a própria cura. Um dos muitos riscos dessa perspectiva jaz nas garantias de que “sempre” o “antídoto” (Figura 24) será encontrado, pois sabemos que muitas vezes o “veneno” estará sozinho – e não podemos culpabilizar quem foi “envenenado”! Na mesma linha, a série “Causa do Câncer”, da *coach @Instagram15*, datada de fevereiro de 2019, ilustra-nos sobre a reversibilidade do diagnóstico, dada a sua “origem cognitiva”:

E eu sou muito dessa questão que o câncer é um mecanismo de cura do corpo. Ele só tá tentando te mostrar que existe uma disfunção dentro do teu organismo, e tu precisa sarar isso, precisa entender qual é o conflito. E o mais legal dessa Medicina Germânica - que eu sigo por essa linha - é que, quando você entende qual é o conflito, e você consegue solucionar esse conflito, você para de ter essa reprodução, esse sintoma dentro de você, diante daquele conflito dessa autodefesa. Outro exemplo é câncer, problemas relacionados aos ossos e aos músculos têm a ver com a autodepreciação: câncer nos ossos. A pessoa se sente depreciada, ..., autoestima baixa... E se tu for pensar na relação disso com os idosos... Osteoporose, faz muito sentido.

Neste espaço, a lógica parece ser a seguinte: “o que foi por mim gerado, pode da mesma forma ser suprimido.” A partir dos “superpoderes” que o homem recebe, ele também precisa assumir, com a mesma potência, os ônus do adoecimento que infligiu ao seu organismo. Caberia então, ao exame de autoconsciência, que é feito em parceria com o *coach*, descobrir quais “posturas problemáticas” seriam responsáveis pela doença e, portanto, substituí-las por visões de mundo mais otimistas e “saudáveis”: eis o novo tratamento de hoje. Logo, conforme podemos observar com as suas chamadas que convocam o público a encarar a doença em uma esfera de “desempenho de si”, somos até inclinados a pensar que o adoecimento não seria algo tão maléfico, mas sim um mecanismo que nos possibilitaria conhecer novas (e quiçá melhores) versões de nós mesmos. Mecanismo esse que Baudrillard (1970), ao analisar as propagandas de sua época, já estranhara. Como, então, os *coaches* oncológicos poderiam nos auxiliar a sermos “mais nós mesmos”? Neste caso são oferecidas sessões de reprogramação cognitiva, processo que pode incluir uma reorientação do modo como o indivíduo percebe os seus problemas, meditação, hipnose, indicação de águas especiais para serem tomadas⁵³, de mais intenso contato espiritual, de leituras específicas, de mudanças frente a “atitudes que acabam com a nossa energia”, além das muitas técnicas direcionadas para reconhecer a “gratidão intrínseca à vida”, a qual deve ser exaltada a todo custo.

⁵³ Referimo-nos a uma postagem encontrada no @Instagram15, no qual a coach fala que “não existe o lá fora”, pois tudo estaria “dentro”, e que, por sermos uma massa de energia, podemos transformar tudo o de bom ou de ruim que esteja em nosso corpo, com a seguinte chamada: “Você sabia que pode criar a água que limpa o seu inconsciente e pensamentos negativos?”, datada de 28 de novembro de 2018.

Diante desse contexto, vemos que o *coaching* oncológico ocupa um espaço de demandas por receitas e respostas rápidas e definitivas, em um momento no qual muitas das convicções e dos planos de futuro são ameaçados pelo corpo adoecido. Não seria muito difícil compreendermos a receptividade frente a essa compulsão à felicidade e esse silenciamento do sofrimento, que praticamente asseguram a assertiva da moda: “Vai dar tudo certo”. Esse cenário pode ser ilustrado em uma postagem no perfil @Instagram15 na qual a chamada da publicação, datada de fevereiro de 2019, nos diz que “Agradecer é estar mais conectada com a sua cura. Pedir é estar mais conectada com a falta dela.” Sinalizando a instauração do possível (e preocupante) cenário de legalização da recusa ao diagnóstico, observamos o seguinte comentário de uma seguidora: “sempre olhando por nós Mari...gratidão...já me sinto curada 🙏” (sic.). Estaríamos diante de um manejo da doença tão romantizado a ponto de o câncer pouco ser lembrado em seu real peso e dificuldades? Suspeitamos que sim. Contudo, esse câncer que não machuca, não fere, não despotencializa, não desregula, não enfraquece, inofensivo, não existe.

Destarte, tal como em uma competição perdida na qual se tira uma lição de amadurecimento pela participação, o câncer parece ser pintado por muitos profissionais como mais uma disputa na qual, infelizmente, quando “derrotada”, não se recebe um consolo subjetivo, mas se demarca uma vivência fantasiada e regada à irreais promessas de salvação. Diante do preço alto a se pagar por essa máxima performance, é essencial, portanto, que observemos as sutilezas – ou mesmo as explícitas manifestações – que tentem não somente suavizar os sabores da vida, mas negá-los em sua concretude.

Esta conjuntura atual nos fala que o sujeito precisa ser imponente na busca por um formato de felicidade inabalável. Contudo, consideramos, em consonância com Costa (2004), que essa lógica de perpetuação da euforia entrava, justamente, a aspiração à felicidade, por colidir com as suas disposições de expressão, que são a fugacidade, a passividade e a situacionalidade. Logo, reiteramos: é incongruente concebermos a felicidade como uma instância isolada, sem considerar as tensões que lhe dão forma.

O que observamos, entretanto, durante as análises que pudemos empreender do material encontrado, é a junção de vários elementos aparentemente dissonantes, de modo que contem uma narrativa (de alto rendimento) sobre si: de pessoas rancorosas com a vida aos modelos da benevolência, cuja cura/salvação se encontrava em latência. Diante disso, vão sendo orientadas formas de “aprender a viver” padronizadas e que, na promessa de liberdade, mais uma vez, aprisionam. Vejamos, por fim, mais uma

ilustração desse manejo positivista de subjetivação que pode trazer riscos para o indivíduo fragilizado que, incerto, busca “respostas certas”:

Figura 25 – Vantagens do Adoecer



Fonte: Instagram (2019).

Figura 26 – Dignificação do Corpo



Fonte: Instagram (2019).

Próximo a um tom de aclamação da doença, a *coach* oncológica nos diz que o adoecimento nos traz vantagens e que não devemos combatê-lo. O estranhamento inicial não se atenua com a visualização completa do vídeo. Sim, são listados benefícios de se adoecer e são dadas as razões para que não se use o termo “combate” frente à doença. Vemos aqui um exemplo radical de racionalização instrumentalizada da lógica de eficiência de si (EHRENBERG, 2010), a qual nos demarca enquanto novos aparelhos na contemporaneidade. A grande diferença entre toda essa aparelhagem tecnológica que estamos nos tornando e os dispositivos que são montados nas fábricas é que, uma vez quebrados, não temos conserto. Toda a potencial moldura científica e informatizada que nos veste nada mais cobre do que uma vida una, particular, exclusiva, vulnerável e fadada a um (natural e não “malogrado”) fim.

Por que negar essa circunstância e tentar “amparar o desamparo” com promessas de regozijo que podem causar ainda maior angústia diante da inacessibilidade dos ideais perpetrados? Como ignorar toda a carga desorganizadora vinculada ao adoecimento e convidar o doente a “dignificar” o seu corpo? Com uma roupagem de suposta emancipação dos terríveis estigmas associados à doença, estabelecem-se novos e ainda mais estarecedores. Vemos, então, que essa diretividade não viabiliza ao indivíduo a flexibilidade de fidedignamente experimentar os seus afetos, os quais, na perspectiva aqui observada, aprisionam-se em novas doutrinas:

Deixemos os intoxicados pelo Éden com seus dogmas e *diktats*. [...] que cada um tenha a liberdade de não ser feliz, sem, por isso, sentir vergonha ou de sê-

lo de maneira episódica, como bem entender. Sem respostas categóricas, sem estabelecer leis, sem impor. Se não quisermos que uma aspiração legítima degenera em um castigo coletivo, é preciso tratar o impiedoso ídolo da felicidade com a mais extrema desenvoltura. (BRUCKNER, 2002, p. 78, grifo do autor).

Finalmente, entendemos que a nossa posição diante disso não seja a de demonizar o campo, mas a de refletir sobre as formas de produção subjetiva que se instauram no auge da modernização da vida e que, ao mesmo tempo, mostram-se tão bárbaras. Compromissada com os processos críticos de libertação humana, a abordagem aqui inicialmente tematizada sobre o avanço do *coach*, enquanto profissional que se propõe ao treinamento de pessoas com câncer, serve-nos como uma breve introdução de um cenário que se mostra profícuo e urgente a ser investigado em outros estudos.

Nosso interesse maior, com isso, é que o sujeito contemporâneo possa estar ciente de que as orientações da área aqui analisada não se tratam de discursos emancipadores, mas são apenas uma forma disponível, dentre as inúmeras existentes na atual “indústria de saúde”, de leitura sobre o adoecimento, o que significa que ele não necessariamente será um “rancoroso, fraco de vontade ou indigno” porque está debilitado. A forma como o indivíduo se organiza diante da doença não nos cabe, pois não trabalhamos com uma síntese conciliatória, mas consideramos relevante denunciar a (desleal) ideia de que o adoecimento se trata de um fracasso da subjetividade e anunciar que a tentativa de naturalizar a instrumentalização da vida trata-se, sim, de uma nova forma da dominação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito é dito sobre a importância de se escolher uma temática de estudo na Pós-graduação que realmente atravesse os interesses do discente, e a realização desta pesquisa foi um intenso comprovante de tal colocação. Não se mostrou uma tarefa simples/comum trabalhar com um assunto que demandara tanta flexibilidade, cuidado e sensibilidade do meu saber/fazer Psicologia. Contudo, a possibilidade de poder articular a especificidade dos dados empíricos encontrados em nossa pesquisa com pensadores tradicionalmente reconhecidos por seus estudos teóricos, além de autores contemporâneos, foi muito valiosa, não somente por viabilizar a realização de um trabalho que considero inovador na área, como também por contribuir para uma constante atualização do referencial Frankfurtiano. A Teoria Crítica se enunciou, portanto, como um profícuo referencial teórico e metodológico de leitura das problemáticas observadas desde a época em que trabalhei em uma instituição hospitalar, inicialmente citada, até a elaboração desta pesquisa, legitimando as minhas inquietações ali provocadas. Desse modo, pude encontrar nos teóricos referidos possibilidades de elucidação de um discurso de grande relevância psicossocial para o meu objeto de estudo.

Ademais, a partir dos estudos e pesquisas necessários à realização desta dissertação, pude ainda refletir sobre as minhas próprias experiências com a autoimagem e sobre as minhas preocupações com a finitude; o que fez do Mestrado uma atípica experiência, marcada por muitos atravessamentos e ressignificações. Reitero, logo, que os sentidos do pensar e do fazer profissional podem se enunciar, justamente, na aparente falta de sentido e no reconhecimento da legitimidade de todas as formas de mal-estar, mesmo daquelas consideradas marginais.

Neste contexto, vimos que a análise dos processos de inadequação e de sofrimento percebidos em larga escala na pesquisa indica que o movimento de cobrança por uma corporeidade idealizada é tão intenso que não deixa de incidir sequer sobre pessoas fora do padrão normatizado – aqui, jovens em tratamento oncológico. Desse modo, é inteiramente compreensível que se instaure insegurança e frustração frente às tentativas de idealização homogeneizada não somente da imagem corporal, mas da própria existência. Outrossim, os corpos adoecidos das jovens pesquisadas não se mostraram menos aviltados pelos paradigmas de culto à aparência idealizada, o que levou várias jovens a adotarem (e recomendarem) a manutenção de uma rotina de

atividades físicas como um importante complemento ao tratamento oncológico, em virtude dessa rotina de ginástica ter assumido um teor de prática de cuidado. Em outros casos, quando da impossibilidade de manutenção dessa associação, muitas foram as justificativas/desculpas e investidas/ofensivas contra esses mesmos discursos, o que nos indica que os imperativos midiáticos sobre a idealização do corpo não deixam de ser uma fonte de inquietação para essas jovens. Independentemente de adotarem a padronização convencionada, o fato da transformação corporal jamais deixar de ser referida pelas jovens adoecidas nos fala sobre a ampla extensão desses modos atuais de produção de sociabilidades e de subjetividades performatizadas.

Assim, confirmamos a nossa hipótese, segundo a qual o sujeito na margem dos padrões ideais corporais, em virtude do tratamento oncológico, é atravessado pelos mesmos imperativos de aprimoramento corporal que incide sobre os demais. Essa conjuntura se revela uma fonte produtora de sofrimentos de ordem psíquica, ante a inacessibilidade dos ideais de corpo demandados pela sociedade de consumo.

É importante também frisarmos que a enunciação preestabelecida das diferenças entre os sujeitos, as tentativas de “estilização”, serve como mecanismo de denúncia da insensatez inerente às idealizações da Indústria Cultural, que, não obstante atualizarem a sua forma nesta era de primazia do virtual, respondem a uma lógica instrumental de gerenciamento da vida e de standardização de modelos midiáticos. Como já nos alertara Adorno (1986), reconhecemos que:

A estilização [...] é apenas um aspecto da standardização. Concentração e controle, em nossa cultura, escondem-se em sua própria manifestação. Não camuflados eles provocariam resistências. Por isso, precisa ser mantida a ilusão e, em certa medida, até a realidade de uma realização individual (p. 123).

Assim, embora vejamos que os discursos em prol da eficiência assumem hoje formatos menos enrijecidos, menos explícitos, o seu conteúdo ainda busca instaurar sujeitos cada vez mais adaptados aos moldes do sistema neoliberal em vigência. Logo, desenvolvem-se as muitas e (ditas) democráticas receitas de como se chegar à excelência de si, que nada mais são do que exemplares de modelos corporativos, aqui ao nível pessoal, de orientações normativas, dado que vivemos sob a égide do empreendimento de nós mesmos. Como estratégia de dissipação do esclarecimento do sujeito sobre os novos e sutis modos de controle social que se instauram, esses ideais performáticos assumem uma roupagem preocupada com o “bem-estar” ou com a famigerada “qualidade de vida”, tendo sido expressos e condensados nas categorias aqui

encontradas: “Atenção à Aparência”, “Transparência nas Imagens” e “Felicidade Compulsória”.

Conforme vimos nas seções anteriores, tais categorias se mostraram presentes nos discursos engendrados não somente pelas representantes do corpo idealizado do consumo, mas também emergiram nos enunciados das jovens adoecidas. Isso nos sinaliza a importância de refletirmos sobre as determinações que nos chegam como naturalizadas e que tendem a engessar o pensamento dialético, crítico, negativo e potencialmente transformador do homem. Ao cremos que os mecanismos de opressão estão sempre localizados, de forma explícita, em agências externas, deixamos de refletir sobre o seu caráter “tênu e amistoso”, assim como sobre a nossa própria reprodução deles.

Em virtude disso, não concebemos somente os dispositivos de nítida subordinação dos indivíduos como forma de dominação, tal como a exploração ainda existente nas esferas do mundo laboral, mas consideramos ainda mais preocupante os modernos instrumentos de ordenamento da vida, que, veiculados como “libertários”, promotores da tão propalada “autoestima” e, justamente por isto, são endossados como valores e ideais a serem seguidos nos tempos atuais. A partir deles, considera-se uma pessoa prestigiosa e bem sucedida aquela que se mostra atenta à sua aparência física (independentemente de sua condição saudável ou enferma) e que a expõe, com exacerbada tentativa de transparência, nos muitos meios de circulação de informações dos quais dispomos. Ainda bem mais quista, admirada ou, até mesmo, respeitada, é a pessoa que se diz “plenamente feliz”. Não somente como se fosse possível a “plenitude”, o discurso de busca constante pela felicidade nos chega como um novo dogma e palavra de ordem.

Talvez a grande dificuldade em combater tal discurso, ou melhor, em elucidar o engodo desse discurso, erija-se na obstinação com que a mídia informatizada veicula o imperativo de viver em constante euforia, com atribuição de responsabilidade ao próprio indivíduo. A falácia da contemporaneidade positivada nos diz que não há razões para sofrermos, uma vez que dispomos do máximo de “opções de escolhas” do mercado e do desenvolvimento exponencial das tecnologias e da ciência. Na perspectiva de que o “futuro já chegou”, as coações inerentes aos novos mandatos da contemporaneidade precisam ser aceitas com ares de gratidão, pois tudo é formulado para atender à “realeza” consumidora. Pensemos que é muito mais complexo se opor criticamente à chamada “Seja Feliz Agora!” do que “Não deixe de Comprar!”, não obstante as

idealizações atribuídas a esta noção de felicidade performatizada nos indicarem que não há muita disparidade entre as duas colocações.

Neste ínterim, não somente o indivíduo tende a oferecer pouca resistência frente a essas enunciações “voltadas ao seu bem-estar”, como as suas eventuais manifestações de desacordo são concebidas com estranhamento, rejeição e/ou sinal de fraqueza, em virtude de ser um aparente paradoxo sustentar-se contra os discursos em prol da sua satisfação. Com esse manto de zelo, o presente se cristaliza e assume a aparência de um tempo avançado, do qual não se pode esperar mais do que ele já nos fornece “solicitamente”. Diante disso, podemos refletir sobre a atualidade do enunciado, abaixo, de Marcuse (1973), que nos fala sobre um modelo de sociedade que, operando hoje principalmente pela via da “gratificação dos desejos”, permanece instaurando controle:

A eleição livre dos senhores não abole os senhores ou os escravos. A livre escolha entre ampla variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentem os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor – isto é, se sustentem alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece autonomia; apenas testemunha a eficácia dos controles. (p. 28).

Podemos, de fato, falar que chegamos em uma modalidade de “futuro planejado”, se considerarmos toda a discussão de progresso técnico já empreendida (MARCUSE, 1981, SEVERIANO, 1999), contudo, estamos muito longe de atendermos aos anseios de nossos antepassados, que, esperançosos por um horizonte mais justo, talvez não previssem a coexistência de tanta barbárie em meio à tecnologia de ponta da qual dispomos. Em relação ao que há de arcaico no auge do sistema neoliberal, em concordância com Ramos (2004), parece-nos que cada vez mais a histórica expropriação e exploração sobre os nossos corpos, exigida pelo processo civilizatório, e sedimentada em nosso psiquismo, vem deixando de ser reconhecida. Com isso, a inevitabilidade do sofrimento é tida como uma desqualificação individual, e aquilo que o próprio processo civilizatório engendrou é tratado como defeito particular. Não podemos negar, diante disso, que a nossa atualidade em muito difere dos planos utópicos de um futuro emancipado para a contemporaneidade, embora muitos aleguem que o tenhamos alcançado:

Quanto maior o progresso tecnológico, isto é, quanto mais avançam as condições materiais da civilização, menos se justifica a exploração, e, portanto, mais brutais e menos civilizadas vão-se tornando as relações sociais reificadas. (RAMOS, 2004, p. 58).

Essa conjuntura, por mais temerosa que se mostre, não deve nos estagnar em retomadas saudosistas que despotencializem os nossos recursos de reflexão crítica e transformadora sobre o tempo presente. Este também se constrói por nós, seus consumidores e produtores, os quais, com os seus demonstrativos de mal-estar, atestam a incongruência de uma gerência unilateral da vida: “[...] em princípio, cada existência, mesmo a mais tranquila, contém um número infinito de possibilidades que a cada instante reorganiza suas virtualidades.” (LE BRETON, 2018, p. 206).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A Indústria Cultural. In G. COHN. (Org.). In: **Theodor W. Adorno**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. nº 54. São Paulo: Ática, 1986.

_____. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de G.A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

_____. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

_____. O ensaio como forma. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, p. 15-45, 2003.

_____.; SIMPSON, G. Sobre música popular. In: HORKHEIMER, M. **Estudos em Filosofia e Ciência Social**. Nova York, Instituto de Pesquisas Sociais, 1941, v. IX, p.17-48.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70. Col. Arte & Comunicação, 2008.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. 1933 In: Walter Benjamin – Obras escolhidas. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet

_____. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. 1936. In: Walter Benjamin – Obras escolhidas. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet

BINKLEY, S. A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. In: FREIRE FILHO, J. (Org.) **Ser Feliz Hoje**: Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BIRMAN, J. **Dor e Sofrimento num Mundo sem Mediação**. Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Mal-estar na atualidade**. A Psicanálise e as novas formas de subjetivação. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Muitas felicidades? In: FREIRE FILHO, J. (Org.) **Ser Feliz Hoje**: Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. **O sujeito na contemporaneidade:** espaço, dor e desalento na atualidade. 1ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

BITTENCOURT, A. R.; ALVES, D. Y.; LUZIA, N. S.; MENEZES, M. F. B.; SORIA, D. A. C. A temática da imagem corporal na produção científica nacional da enfermagem: um destaque para pacientes com câncer. **Rev. Brasileira de Cancerologia**;55(3): 271-278, jul.-set, 2009.

BRUCKNER, P. **A Euforia Perpétua.** 2ª Ed – Rio de Janeiro; DIFEL, 2002.

CAMON, V. A. A. **Psicologia Hospitalar:** Teoria e Prática. São Paulo: Pioneira, 1997.

COSTA, J. F. **O Vestígio e a Aura:** Corpo e consumismo na moral do espetáculo. 1 ed. Garamond, 2004.

CRARY, J. **24/7 Capitalismo Tardio e Fins do Sono.** Ed. Cosac Naif, 1ª Ed. 2014.

CROCHIK, J. L. **Teórica Crítica da Sociedade e Psicologia Social:** alguns ensaios. Araraquara/Brasília: Junqueira&Marin/CNPq, 2011.

DICIO. Dicionário Online de Português. In: <https://www.dicio.com.br/coach/>, 2019.

DOLE, N.; TUCKER HALPERN, C. Commentary on “The development and evaluation of the questionnaire to assess the impact of vulval intraepithelial neoplasia: a questionnaire study”. **BJOG**; 120 (9): 1142-3, 2013 Aug.

EHRENBERG, A. **O culto da performance:** da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

FERRER, C. Consumo de espetáculos e felicidade obrigatória: técnica e bem-estar na vida moderna. In: FREIRE FILHO, J. (Org.) **Ser Feliz Hoje:** Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREIRE FILHO, J. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: _____. **Ser Feliz Hoje:** Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREITAS, V. Indústria cultural: o empobrecimento narcísico da subjetividade. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 332-344, Dec. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200016&lng=en&nrm=iso>. Access on 22 Aug. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2005000200016>.

FREUD, S. (1930, 1974). O mal-estar na civilização. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago.

GIANNETTI, E. **Felicidade:** Diálogos sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOOGLE, 2019. Coaching Oncológico. Disponível em:
<https://www.google.com/search?q=coaching+oncol%C3%B3gico&oq=coaching+oncol%C3%B3gico&aqs=chrome.69i59j69i6112j69i60j0l2.2500j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 28 fev. 2019.

HAN, B-C. **No Enxame. Reflexões sobre o Digital**. Berlim: Relógio D'Água Editores, outubro de 2016.

_____. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

INSTAGRAM. **Política de dados do Instagram**. 2018. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/help/instagram/155833707900388/>> Acesso em: 20 out. 2018.

KEHL, M. R Com que corpo eu vou? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2002.

_____. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; KEHL, M.R. **Videologias: Ensaio sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Tradução de Ernani Pavareli; Direção de Jayme Salomão. Série Logoteca. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LARROSA, J. B. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Tradução Francisco Morás – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Tradução Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch – Barueru, SP: Manole, 2005.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. **Eros e Civilização**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. **Psicanálise e Política: o fim da utopia**. 2. ed. Moraes Editores, Lisboa/Portugal, 1980.

MAAR, W. A Produção da Sociedade Pela Indústria Cultural. **Revista Olhar** – Ano 2 – N° 3 – Junho/2000.

MAIA, A. F. Aceleração: reflexões sobre o tempo na cultura digital. **Impulso**, Piracicaba. 27(69), 121-131, mai-ago. 2017.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, Coleção Logos, 1993.

_____. Indústria cultural e imaginação estética. In: SOARES, J.C. (org.) **Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção**. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

MINAYO, M.C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOVAES, J.; VILHENA, J. De Cinderela à moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. São Paulo, **Interações**, v. 8, n. 15, 2003.

RAMOS, C. A Dominação do Corpo no Mundo Administrado: Uma Questão para a Psicologia Social. **Psicologia Ciência e Profissão**, 24(1), 56-63, 2004.

RODRIGUES, A, A; CANIATO, A. M. P. “Corpo Mercadoria”, sob controle e punição: Prenúncios de uma subjetividade aniquilada? **Revista Mal Estar e Subjetividade** – Fortaleza – Volume IX – N 02 – p. 647 – 687 – jun/2009.

SANTANA, V. S.; PERES, R. S. Perdas e ganhos: compreendendo as repercussões psicológicas do tratamento do câncer de mama. **Aletheia**, Canoas, n. 40, p. 31-42, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2018.

SANT’ANNA, D. B. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: Ib.(Org.) **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais** – 2.ed. – São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SHATLEY, J. A.; GLENN, L. L. Sexuality and quality of life of breast cancer patients post mastectomy, Manganiello et al., 2011. **Eur J Oncol Nurs**; 15(2): 186; author reply 186-7, Apr. 2011

SEGALLA, J. I. S. F. A Discriminação Estética da Mulher. In: Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do CONPEDI, 17., 2008, Salvador. **Anais...** Florianópolis: Fundação Boiteux, p. 1052 – 1071. 2008.

SENNETT, R. **A Cultura do Novo Capitalismo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

- _____.; BENEVIDES, P. S. A Lógica do Mercado e as Retóricas de Inclusão: Articulação entre a Crítica Frankfurteana e a Pós-Estruturalista sobre as novas formas de dominação. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 11, p. 103-124, 2011.
- _____. A Sociedade Unidimensional e a Produção da Subjetividade Humana. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, V. 9, (1/2), V.10 (1/2); p. 103-119, Jan/Dez, 1991/92.
- SIBILIA, P. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, J. (Org.) **Ser Feliz Hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- SILVA, L. C. Câncer de Mama e Sofrimento Psicológico: Aspectos Relacionados ao Feminino. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n.2, p. 231 - 237, abr./jun. 2008.
- SIQUEIRA, K. M.; BARBOSA, M. A.; BOEMER, M. R. O vivenciar a situação de ser com câncer: alguns desvelamentos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 4, p. 605-611, Aug. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692007000400013&lng=en&nrm=iso>. Access on 10 Ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692007000400013>.
- SOARES, J. C.; EDWALD, A. P. Escola de Frankfurt: o elogio da sombra. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 11, n.1, p. 9-22, 2011.
- _____. Capítulo 29: **Escola de Frankfurt**: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia social marginal. In: História da Psicologia: Rumos e Percursos. Org: Ana Maria Jacó Vilela, Arthur Arruda Leal Ferreira e Francisco Teixeira Portugal: Rio de Janeiro: NAU Ed., 2008.
- SODRE, M. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, D. (org.) **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- TURKLE, SHERRY. **O segundo eu**: os computadores e o espírito humano. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- VIGARELLO, G. O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (Org.) **História do corpo**: As mutações do olhar: O século XX. Tradução e Revisão Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- WOLFF, F. Por Trás do Espetáculo: O Poder das Imagens. In: NOVAES, A. (Org.) **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- ZUIN, A. A. S. Sobre a Atualidade do Conceito de Indústria Cultural. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 54, agosto/2001.